



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS

DAUANA PINHEIRO LEAL DOS SANTOS

**ENTRE O AMOR E O DISSABOR: A SOLIDÃO DA MULHER
NEGRA EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES* DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

SALVADOR
2022

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS

DAUANA PINHEIRO LEAL DOS SANTOS

**ENTRE O AMOR E O DISSABOR: A SOLIDÃO DA MULHER
NEGRA EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES DE
CONCEIÇÃO EVARISTO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL, na Linha de Pesquisa 1 – Leitura, Literatura e Identidades, do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – Campus I, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra.

Orientador: Prof. Dr. Nerivaldo Alves Araújo.

SALVADOR
2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

S237e

Santos, Dauana Pinheiro Leal dos

Entre o amor e o dissabor: a solidão da mulher negra em
Insubmissas lágrimas de mulheres de Conceição Evaristo / Dauana
Pinheiro Leal dos Santos. - Salvador, 2022.

115 fls : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Nerivaldo Alves Araújo.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da
Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de
Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - PPGEL, Campus I. 2022.

1.Conceição Evaristo. 2.Escrevivência. 3.Racismo. 4.Sexismo.
5.Afetividade da mulher negra.

CDD: 804

DAUANA PINHEIRO LEAL DOS SANTOS

**ENTRE O AMOR E O DISSABOR: A SOLIDÃO DA MULHER
NEGRA EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES DE
CONCEIÇÃO EVARISTO***

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagem- PPGEL, na linha de pesquisa I – Leitura, Literatura e Identidades, do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia- Campus I, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Aprovado em: ____/____/2022 pela banca examinadora:

Prof. Dr. Nerivaldo Alves Araújo- UNEB (orientador)

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Sacramento Moreno Gonçalves- UNEB (avaliadora interna)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Lucia Silva Souza UFBA (avaliadora externa)

A Pedro Leal, meu avô (*in memorian*), por sempre ter acreditado em mim. E a Maria Pinheiro, minha avó (*in memorian*), pela vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a espiritualidade, por me concederem inspiração, força e energia para trilhar o percurso do mestrado.

Agradeço ao meu pai Jairo César, meus irmãos Jonas Santos e Anderson Santos, a minha tia Larissa Alves, a minha avó Laurita Alves por me incentivarem e contribuírem para que essa pesquisa se tornasse possível. Em especial, sou grata à minha mãe, Maria Jupira, pelo apoio financeiro, por ter cuidado do meu filho Heitor enquanto eu estudava, pelas orações diárias.

Ao meu filho Heitor, por me ensinar a não desistir dos meus sonhos, por confiar em mim e se alegrar com minhas conquistas. Ele me motiva a ser melhor.

A Tarcio Capistrano, por me apoiar e acreditar em mim, quando o projeto de pesquisa era apenas uma ideia e o mestrado era um sonho.

À Randra Kevelin, amiga querida, que me deu todo suporte tanto no período de inscrição na seleção do programa, quanto no decorrer da trajetória do curso. Gratidão pelas conversas que refinaram minha percepção e reflexão sobre o tema.

À Rebeca Fabiana pelos conselhos e ajuda.

À minha amiga especial Ilma Alexandre, pelo apoio emocional tão essencial para que eu me mantivesse bem durante a construção da pesquisa. Minha sincera gratidão por acreditar em mim e celebrar cada conquista ao longo do curso.

À Conceição Evaristo, por gestar e trazer ao mundo obras que me ajudam a apreender a humanidade dos sujeitos e a estrutura social.

Ao meu orientador Prof. Dr. Nerivaldo Alves Araújo, pela excelente orientação, pelo apoio e compreensão. Seus conselhos, palavras de otimismo e a forma como me direcionou, me possibilitou desenvolver a autoconfiança necessária para produzir essa pesquisa.

À banca examinadora composta pelas professoras Dr. Luciana Sacramento e a Dr. Ana Lucia Silva, pelo direcionamento. Suas contribuições foram extremamente importantes para a pesquisa.

Ao PPGEL, por me acolher durante esses dois anos. Ao corpo docente do programa.

Aos colegas de turma, em especial Andreza, Ana e Carolina Antunes, pelos momentos de conversas e trocas de experiências e pelas contribuições. Vocês tornaram a caminhada mais leve.

À Capes, pelo incentivo financeiro, que tornou essa pesquisa possível.

À Maisa e Geysa, pela dedicação e por serem sempre atenciosas.

*“Não me satisfaz o silêncio.
Interessa-me a palavra funda
No acolhimento dos vivos,
Dos que ficam e lutam.”*
Jovina Souza, (2021)

RESUMO

O racismo e o sexismo influenciam nas escolhas afetivas. Essas ideologias são atualizadas para a perpetuação dos privilégios e criam violências diversas que resultam na solidão das mulheres negras. Contraindo essas ideologias o livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) de Conceição Evaristo altera as lógicas racista e sexista estabelecidas, na medida em que as denuncia. A obra beneficia a coletividade negra através do seu fortalecimento, ao mostrar possibilidades de reconstrução da vida afetiva como um ato de insubmissão. Além disso, aponta para caminhos de libertação, quando o enredo se desvia do foco das estratégias da branquitude e concentra-se nas necessidades das mulheres negras. Assim sendo, nesta dissertação trata-se, a partir da perspectiva feminista negra, de como a afetividade da mulher negra é impactada negativamente em virtude da sua posição enquanto corpo subalternizado e, ao mesmo tempo, racializado. E de que modo essas mulheres enfrentam esse problema. Para tanto, tomamos como elemento de análise a contística que compõe a obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), da escritora Conceição Evaristo. Buscamos compreender de que forma a autora, através de sua escrevivência, representa as experiências afetivas desse grupo, assumindo uma posição política e de resistência. A afetividade aparece discutida sob a perspectiva das ausências, pois o direito de amar e receber afeto é negado à mulher negra. E a solidão é vista como uma imposição, e, em alguns casos, como uma escolha que faz parte do posicionamento insubmisso das personagens. Os problemas afetivos são causados pelas violências diversas, pelo preconceito, exclusão, machismo, falta de apoio, e, sobretudo pelo fato dessas mulheres terem que suportar o peso do racismo e do sexismo sozinhas. Já a insubmissão é o ato de enfrentamento ao sistema de opressão. Nesse estudo, buscamos trazer as heranças do período colonial como fatores que influenciam negativamente a vida afetiva das mulheres negras, bem como as construções dos estereótipos sobre seus corpos. Além disso, procuramos apresentar, através da referida obra em análise, as possíveis estratégias de resistência das mulheres negras através da reconstrução da sua afetividade. A metodologia utilizada nessa dissertação é a pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. As abordagens sobre as interferências do racismo e do sexismo, bem como sobre as construções discursivas em torno desses corpos como estratégias de legitimação do poder hegemônico, foram centradas nos estudos desenvolvidos por bell hooks (2020), Ângela Davis (2016), Grada Kilomba (2010), Lélia Gonzalez (1984) e Frantz Fanon (2008). As discussões sobre afetividade e solidão perpassaram pelos estudos da Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013). As reflexões sobre memória e identidades foram alicerçadas nos estudos desenvolvidos pelos teóricos Tomás Tadeu da Silva (2000) e Stuart Hall (2013).

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Escrevivência. Racismo. Sexismo. Afetividade da Mulher Negra.

ABSTRACT

Racism and sexism influence affective choices. These ideologies are updated for the perpetuation of privileges and create diverse violence that results in black women's loneliness. Opposing these ideologies, Conceição Evaristo's book *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) alters the established racist and sexist logics, insofar as they denounce them. The work benefits the black community through its strengthening, by showing possibilities of rebuilding affective life as an act of insubmission. Furthermore, it points to paths of liberation, when the plot deviates from the focus of whiteness strategies and focuses on the needs of black women. Therefore, from a black feminist perspective, this dissertation deals with how the affectivity of black women is negatively impacted due to their position as a subalternized and, at the same time, racialized body. And how these women face this problem. To do so, we take as an element of analysis the short stories that make up the work *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), by the writer Conceição Evaristo. We seek to understand how the author, through her writing, represents the affective experiences of this group, assuming a political and resistance position. Affectivity is discussed from the perspective of absences, as the right to love and receive affection is denied to black women. And loneliness is seen as an imposition, and, in some cases, as a choice that is part of the characters' insubmissive positioning. Affective problems are caused by various forms of violence, prejudice, exclusion, machismo, lack of support, and, above all, by the fact that these women have to bear the weight of racism and sexism alone. Insubmission, on the other hand, is the act of confronting the system of oppression. In this study, we seek to bring the legacies of the colonial period as factors that negatively influence the affective life of black women, as well as the constructions of stereotypes about their bodies. In addition, we seek to present, through the aforementioned work under analysis, the possible strategies of resistance of black women through the reconstruction of their affectivity. The methodology used in this dissertation is qualitative bibliographic research. Approaches to the interference of racism and sexism, as well as the discursive constructions around these bodies as strategies for legitimizing hegemonic power, were centered on the studies developed by bell hooks (2020), Ângela Davis (2016), Grada Kilomba (2010), Lélia Gonzalez (1984) and Frantz Fanon (2008). Discussions about affectivity and loneliness permeated the studies of Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013). Reflections on memory and identities were based on studies developed by theorists Tomás Tadeu da Silva (2000) and Stuart Hall (2013).

Keywords: Conceição Evaristo. Writing. Racism. sexism. Affectivity of the Black Woman.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EDUFBA	Editora da UFBA
GNT	<i>Globosat News Television</i>
TV	Televisão
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Capa da obra Insubmissas Lágrimas de Mulheres	64
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 ESCRIVIVÊNCIAS INSUBMISSAS.....	26
2.1 MEMORIAL DOS AFETOS: ESCRIVIVÊNCIA E ACOLHIMENTO	39
3 RACISMO, MULHER NEGRA E SOLIDÃO AFETIVA.....	56
3.1 ESCRIVIVENDO A SOLIDÃO DA MATERNIDADE NEGRA.....	68
3.2 A COR DA SOLIDÃO	78
3.3 SONHAR E AMAR: OS DIREITOS NEGADOS ÀS MULHERES NEGRAS.....	84
4 RESSIGNIFICAÇÃO AFETIVA COMO INSURREIÇÃO FEMININA NEGRA.....	93
4.1 MÃE: AFETO ANCESTRAL.....	102
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS.....	113

INTRODUÇÃO

A noite não adormece
 Nos olhos das mulheres,
 Há mais olhos do que sono,
 Onde lágrimas suspensas
 Virgulam o lapso
 De nossas molhadas lembranças
 (EVARISTO, 2017, p. 26).

Esta pesquisa resulta das inquietações provocadas pelas leituras de mundo que me possibilitaram enxergar a realidade das mulheres negras que, assim como eu, vivem em um contexto racista e sexista que nos silencia, invisibiliza e destitui a nossa humanidade.

Pertenço a uma família pobre, formada por mulheres pretas e descendentes de indígenas, com baixa escolaridade, moradoras do interior da Bahia, cujos companheiros se tornaram ausentes ao longo do tempo. Neste sentido, o modelo monoparental está inscrito em nossas vivências desde sempre. Observei que essa situação obrigou a maioria delas a deixarem os filhos sob os cuidados de outrem para conseguir mantê-los financeiramente. A mulher que criou a minha mãe, a irmã de minha bisavó, vivia de pequenos serviços como parteira e curandeira; a minha avó, assim como a mão dela, foi buscar melhorias em São Paulo, destino de muitos nordestinos; e a minha mãe, por muitos anos, trabalhou como doméstica. E eu, assim como elas, também tive experiências dolorosas provocadas pelo sistema que nos oprime.

Durante o período escolar, apesar da minha imensa vontade, tenho recordações de nunca ter sido escolhida para executar papéis de destaque nos eventos da escola e nas atividades organizadas pela catequese da paróquia que frequentava. Já no início da vida adulta, ouvi que só era possível se relacionar comigo porque eu não possuía uma pele muito retinta e além disso, tinha traços faciais considerados finos. Esses e outros acontecimentos foram se inscrevendo em mim de forma traumática.

E por que trago essas experiências particulares? A meu ver, discutir relações afetivas de mulheres negras e o antirracismo perpassa, primeiramente, pelo lugar social de onde o discurso desse estudo foi gestado. De acordo com hooks, o olhar das mulheres negras configura-se como uma ferramenta política; portanto, trata-se de um dispositivo de poder na busca por formas de resistência.

O “olhar” tem sido e permanece, globalmente, um lugar de resistência para o povo negro colonizado. Os subordinados nas relações de poder aprendem pela experiência que existe um olhar crítico, aquele que “olha” para registrar, aquele que é opositor. Na luta pela resistência, o poder do dominado para afirmar uma o agencia ao reivindicar e cultivar a “consciência” politiza as

relações “do olhar” - a pessoa aprende a olhar de um certo modo como forma de resistência (HOOKS,2019, p. 183).

Durante a minha fase escolar, as possibilidades de me tornar uma acadêmica eram ínfimas, tampouco a ideia de que a Universidade abriria portas para que eu pudesse pensar o lugar de subalternidade e produzir um conhecimento descolonizador, já que, na educação básica, devido a um currículo eurocêntrico, aprendi que o sistema educacional reforçava, através dos livros didáticos, o nosso lugar de servidão. Foi somente através do incentivo da minha avó paterna, após sair do ensino médio, que percebi que era possível.

Mulher negra, criou sete irmãos com a renda que conseguia a partir de aulas particulares que dava às crianças da cidade. Ela foi a primeira pessoa da família a conseguir cursar e concluir uma graduação devido à sua insistência em ingressar na universidade pública. A minha avó abriu caminhos de possibilidades para que outros sonhassem e conquistassem um espaço na academia mesmo com todas as dificuldades que existiam. Através do exemplo dela e do apoio dos meus pais decidi ingressar em uma Universidade Estadual, pois sabia que esse lugar traria mudanças significativas tanto para mim quanto para outras pessoas negras. Diante disso, concordo com Werneck (2000) quando afirma no título de sua obra que, “*Os nossos passos vêm de longe*”, pois as mulheres negras vêm trilhando caminhos de luta pela conquista de um espaço mais digno na sociedade para si e para os seus. Diante do exposto, podemos perceber que o poema *Vozes-mulheres* de Conceição Evaristo representa tanto essas experiências quanto a motivação desta pesquisa. Vejamos o trecho:

A voz da minha filha
recorre todas as vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
Recolhe em si
A fala o ato.
O ontem - o hoje- o agora.
Na voz da minha filha
Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, 2007, p. 24-25)

Assim sendo, foi a partir do ambiente acadêmico que tive acesso à possibilidade de desconstruir estereótipos sobre as mulheres negras. Collins (2019) defende que, nos lugares onde o nosso discurso circula com liberdade, o pensamento hegemônico é combatido. Durante a participação no Programa de Iniciação à Docência (PIBID), no qual trabalhávamos com escritores/as africanos/as e afro-brasileiros/as, fui apresentada à obra que se tornou objeto de

pesquisa desse estudo. Ao ler *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), a escrevivência de Conceição Evaristo me marcou profundamente, pois percebi que os contos tinham um pouco da história das minhas avós, mãe, tias e vizinhas, além da minha. Nesse sentido, a pesquisa foi um convite à insubmissão ao sistema vigente, pois a escrevivência¹ tem o poder de nos tirar da inércia, já que carrega a nossa subjetividade, as nossas dores e os nossos desejos mais íntimos. Traduz as memórias de nossos ancestrais, o cotidiano e, sobretudo, os traumas, muitas vezes não verbalizados. De acordo com Evaristo:

A escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco da nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda dos nossos textos. Sim, porque, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossa escrita. No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de e Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. (...) O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos (EVARISTO, 2020, p.39).

Ao comparar a escrevivência aos abebés que, ao refletir uma face individual convida a enxergar outras, podemos notar que essa escrita possui um aspecto polifônico e plural, pois contempla e insere as vozes que são inferiorizadas e excluídas pelas ideologias racistas e sexistas. Foi a partir desse espelho que pude perceber que havia uma dicotomia de cor derivada de uma construção social, que nos tornava diferentes dos *Outros*², e que moldava as nossas relações. Para Bakhtin (1979) os sujeitos são formados a partir da interação com a alteridade e essa relação ocorre através do dialogismo. E ele que a constitui. O autor afirma que:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados(...) estão repletas de palavras dos outros. (Elas) introduzem nossa própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (...) em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, (...) descobriremos as palavras do outro ocultas e semi-ocultas e com graus diferentes de alteridade (BAKHTIN, 1979, p.314-318).

¹ Escrevivência não se trata de um termo, mas é um conceito, um dispositivo teórico criado por Conceição Evaristo e que pode ser utilizado como ferramenta de análise de outros conceitos e obras.

² O termo *Outros* aparece com a inicial maiúscula, pois se refere à branquitude e à forma como ela se posiciona na sociedade, muitas vezes, a partir de um discurso de superioridade, menosprezando e excluindo os grupos que se diferenciam dela.

O processo de identificação racial pelo qual passei ocorreu de forma tardia; eu me reconheci nas personagens dos contos *Regina Anastácia*, *Rose Dusreis* e Natalina Soledad, pois passei por situações de exclusão e de rejeição muito semelhantes às que elas vivenciaram enquanto mulheres e negras. Esse processo evocou memórias dos momentos em que a solidão atravessou as experiências afetivas, não somente das ancestrais, como também as minhas.

Na pele que me veste, o racismo foi escrevendo a sua lógica, assim como no corpo de muitas mulheres negras, e esse é um dos motivos que nos levam em diversos estágios da vida a estarmos sós. A solidão se faz presente quando somos hiperssexualizadas em função da raça, violentadas, abandonadas, e isso é reforçado quando não somos representadas de forma positiva na mídia e na literatura nacional. Essas constroem imagens estereotipadas da mulher negra, como, por exemplo a figura da preta dissimulada, aquela que mente, engana para conseguir o que quer. Outra representação bem comum é a da empregada doméstica, papel destinado às negras desde a escravidão. A mulata também é um estereótipo bastante perverso. Essa última caracteriza-se por uma sensualidade exagerada, sempre associada à imoralidade. Geralmente, ela aparece como prostituta, amante ou dançarina.

Contudo, a literatura produzida por Conceição Evaristo chamou a minha atenção por apresentar contrapontos, e direcionou meus passos rumo ao encontro com o objeto de pesquisa. A escolha do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), ocorreu devido ao vínculo afetivo que foi estabelecido através das sensações e identificações despertadas por ele, sobretudo por trazer para o cerne da literatura nacional as experiências de mulheres negras de forma sensível e cuidadosa, sem perder o tom denunciativo. As obras chamam a atenção justamente pelo fato de trazerem a escrevivência como a mola propulsora do seu projeto literário. O conceito foi desenvolvido por Conceição Evaristo em ocasião da sua dissertação de mestrado, inicialmente para nomear a escrita que nasce a partir das experiências de vida das mulheres negras, mas é pertinente afirmar que a construção do sentido do termo pode definir a escrita que emerge da vivência das pessoas, contribuindo para o enfrentamento e para a resistência desses sujeitos.

Embora o termo seja melhor discutido e associado com a obra em seção subsequente, é importante frisar aqui que, antes da palavra escrevivência³ surgir de modo grafado, o seu sentido fundador emerge pela primeira vez através da imagem de uma mãe preta que, em sua condição de escravizada, teve a sua voz cerceada. E, embora quisessem denunciar, gritar, como afirma

³ Essa expressão ganhou amplitude no meio acadêmico, despertando a curiosidade de pesquisadores, o que resultou na publicação do livro *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, organizado por Constância Lima Duarte e Isabela Rosado Nunes, com o apoio do Itaú Cultural. Nesse livro, a escrevivência emerge da ancestralidade; portanto, é considerada uma escrita afrodiaspórica que pode ser usada como conceito literário de identidade afro-brasileira.

Evaristo (2020), elas não podiam; ao invés disso, eram sujeitadas a cuidar dos filhos dos senhores e contar histórias para ninar essas crianças. É a partir dessa cena que Evaristo busca fundamentar seu conceito, e esse se define justamente como um mecanismo que visa trazer, através da apropriação dos símbolos gráficos, experiências das pessoas negras de origem africana. Essa escrita rasura as imagens das mulheres negras que eram impedidas de serem sujeitos da sua história. Como afirma Evaristo (2020):

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (EVARISTO, 2020, p. 30).

Nesse sentido, a escrevivência é a escrita que nasce das experiências cotidianas que atravessam o corpo dessas mulheres, e que, por vezes, são marcadas pelo racismo, sexismo e pela exclusão de classe. É comprometida com a ancestralidade africana, sua cultura, tradição e marcas da oralidade que o Brasil se empenhou em apagar. Visa registrar, sobretudo, a memória daqueles que não conseguiram fazer a travessia e foram jogados ao mar. Assim, insere na literatura os ecos de vozes do passado e do presente, que trazem narrativas que abalam as estruturas da ordem vigente, como afirma Evaristo (2007, p. 21): “A nossa escrevivência, não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”.

Ademais, as produções da escritora nos permitem perceber a alteridade e estabelecer uma relação de compreensão e cumplicidade. Desse modo, a produção estético-literária da escritora também nos humaniza, como explicou Candido (2004), ao descrever as funções do texto literário:

Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar formas aos sentimentos e á visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza (CANDIDO, 2004, p. 188).

Por tudo isso, a presente pesquisa trata do estudo da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), na qual constituo o seu enredamento a partir da análise de três aspectos presentes na obra: afetos, solidão e resistência. Desse modo, investigo de que maneira a solidão afeta a mulher negra em virtude da sua posição enquanto corpo subalternizado e racializado. Busco compreender também de que forma a autora, na medida em que traça a sua *escrevivência*, representa as experiências afetivas desse grupo, assumindo uma posição política e de resistência.

Ao ler a obra composta por 13 contos, percebo a afetividade das mulheres negras de modo peculiar, pois as personagens, após superarem as suas dores provocadas pelas relações afetivas, narram suas histórias de vida, cujos finais são insubmissos, o que causa um estranhamento, nos levando a pensar o lugar que foi construído para nós, mulheres. No ensaio *Da representação a auto-apresentação na literatura brasileira*, Evaristo (2005) analisa as principais obras literárias brasileiras, mostrando que as mulheres negras são apresentadas de forma estereotipada, comumente fora do seio familiar, cuja prole também é apagada. Para Evaristo:

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra (EVARISTO, 2005, p. 53).

Trazer a produção de Evaristo faz-se importante também pois, apesar de ter uma visibilidade considerável - embora ainda se lute para torná-la ainda maior -, é uma escritora que, a partir de sua *escrevivência*, rompe estereótipos estabelecidos pelo cânone idealizado pela academia elitista, construído muitas vezes com base em ideologias etnocêntricas e patriarcais. Além disso, dentre os diversos aspectos estudados em torno de sua obra, a solidão da mulher negra é ainda pouco discutida.

Ao fazer o mapeamento do estudo da arte da autora, encontramos somente alguns trabalhos sobre a afetividade como o artigo de Eduarda Lamenes Gomes, cujo título é *Entre elas: relações afetivo-sexuais entre mulheres negras em “Beijo na face”* e Isaltina Campo Belo, de Conceição Evaristo, a dissertação de mestrado de Isabele Soares Parente, intitulada *Escrevivências na diáspora: uma leitura sobre as relações afetivas em Ponciá Vicêncio e Seus Olhos viam Deus* e o artigo de Lucymara da Silva Carvalho e Maria Aparecida Prazeres Sanches intitulado *Escrevo sobre mim e por nós: Raça solidão e afetividade da mulher negra e retinta no Brasil*, esse último não faz um estudo da obra de Evaristo, mas utiliza o conceito de *escrevivência* como categoria de análise da pesquisa de campo.

Em razão disso, essa pesquisa soma-se ao empenho de intelectuais negras em aumentar a visibilidade em torno das discussões sobre a situação da mulher negra no Brasil, que é atravessada pela exploração, pelo racismo, pelo sexismo e pela violência. Esses fatores, por sua vez, contribuem para a solidão da mulher negra. Tendo em vista a importância de discutir a questão da construção da afetividade, como é trazida no trabalho acadêmico de Claudete Alves, intitulado *A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo* (2008), e no livro *Mulher negra: afetividade e solidão*, resultado da tese

de doutorado da Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), a solidão da mulher negra é decorrente dos efeitos da interseccionalidade entre racismo e sexismo. Nesse sentido, esse trabalho contribui para fortalecer a identidade e a afetividade dessas mulheres, ao problematizar os efeitos das estratégias opressoras sobre suas relações. De acordo com Pacheco (2008, p. 1), “É sobre o ato de amar e ser amada que as representações elaboradas a respeito do corpo da negra/mestiça se alojam as hierarquias sociais prescritas em que se estruturam suas escolhas e afetividade”.

É importante considerar que essa dinâmica a qual resulta no preterimento das mulheres negras forma, em alguns casos, o que Sueli Carneiro (2011) denomina de o “matriarcado da miséria” expressão utilizada pela autora, mas cunhada pelo poeta Arnaldo Xavier para se referir ao sistema em que as mulheres negras, após serem excluídas socialmente, assumem a liderança de suas comunidades, que por sua vez, são marcadas pela miserabilidade. Contudo, destaco que essa situação não é ocasionada exclusivamente pela ausência de um relacionamento, mas pela consubstanciação dos efeitos estruturais do racismo, do sexismo e da exclusão de classe. Ainda conforme Carneiro (2011), a condição da mulher negra obteve poucos avanços positivos desde a escravidão até o momento presente. Por tudo isso, ambas as pesquisas dialogam com a proposta dessa dissertação e são de grande relevância pois tratam, a partir dos pontos de vista da ciência social e da antropologia, de um tema relacionado à subjetividade das mulheres negras.

Discutir afetividade, no que diz respeito à solidão, perpassa sobre um campo de escolhas, afirmação identitária, posicionamentos políticos e sociais, preferências culturais e étnicas. Além disso, chama a atenção para a necessidade de autoconhecimento, não somente em relação à mulher negra, mas de toda a sua raça, apontando para o seu desenvolvimento através da cura de feridas do passado de dor e do fortalecimento, enquanto grupo, através da afetividade. Alertam para a necessidade da educação do povo negro, o que envolve conhecer e valorizar a história de seu povo, compreender os mecanismos de opressão que os atravessa para, a partir disso, criar ferramentas de resistência. As pesquisas citadas fazem parte dos poucos trabalhos direcionados ao tema, como afirmam as próprias autoras. De acordo com Claudete Alves (2008), a afetividade é pouco discutida, tanto no âmbito acadêmico, quanto no próprio movimento negro. Embora essa informação tenha sido encontrada na tese da autora defendida em 2008, em pesquisas recentes se percebe o aumento de estudos em torno do tema, no entanto, no campo das análises literárias ainda é pouco em comparação com a importância da discussão para a emancipação das mulheres negras, sendo o que a presente pesquisa propõe.

Produzir estudos sobre a afetividade da mulher negra é pensar nas dores que envolvem a trajetória dessas mulheres desde sempre. De acordo com bell hooks (2010), a sensação de que existe pouco ou nenhum amor é uma das nossas verdades privadas e dolorosas, que quase nunca falamos em público, e quando experimentamos o amor, nos posicionamos na sociedade de uma forma capaz de mudar a sua estrutura. Desse modo, é algo que devemos considerar, a despeito das outras necessidades impostas.

Como indivíduos socializados e detentores da linguagem, precisamos estabelecer vínculos afetivos, laços que garantem o fortalecimento e o desenvolvimento do nosso espírito e da nossa comunidade. A epistemologia filosófica, em diversas culturas, pensou a afetividade como um princípio ético, um modo de se comportar diante do outro. Somos constituídos a partir do contato com os sujeitos; assim também se constroem os nossos afetos.

De acordo com Sobonfu Somé (2003), para a filosofia do povo Dagara, da Costa Ocidental Africana, os relacionamentos acontecem por meio do encontro dos espíritos, força vital inerente aos humanos. Essa conexão levará ao crescimento pessoal e à busca de um propósito que beneficiará, sobretudo, a comunidade, pois é nela que os indivíduos irão compartilhar seus talentos. Sem isso, haverá o enfraquecimento e a possível morte da comunidade. Por tudo isso, cuidar das relações afetivas é indispensável para tornar alguém mais humano, além de ser importante para manter o equilíbrio de si e do coletivo. Nesse sentido, compreendemos, a partir do exposto, que o afeto redimensiona as relações enquanto povo.

Como mulheres negras na diáspora, vivenciamos a lógica estrutural racista e sexista que interfere negativamente no modo como vivemos e na forma como nos relacionamos em geral. Na medida em que o sistema dominante deseja a manutenção do seu poder, ele também controla e organiza os que são considerados o outro, o diferente e, por isso, inferior, impossibilitando a ascensão desses grupos a partir da dinâmica da exploração.

Na sua tese de doutoramento, Carneiro (2005) explica que o projeto de dominação consiste em construir o outro a partir da desqualificação, negando o ser, ou ainda pela escolha de quem deve viver e quem deve morrer. Essa dinâmica organizacional opera na sociedade através do dispositivo de racialidade/ biopoder. Esse configura-se como uma função estratégica do racismo, cujo objetivo é disciplinar as relações sociais, os corpos e realizar uma assepsia na sociedade, através do controle sobre a vida. O epistemicídio, por sua vez, é um instrumento que integra esses dispositivos, sendo altamente eficaz no processo de dominação, pois atua na destituição de três aspectos importantes no processo de constituição do sujeito: “a racionalidade, a cultura e a civilização do Outro” (CARNEIRO, 2005, p. 96).

Aprendemos a nos odiar, pois foi construído e ensinado que o ser branco é o único modelo de referência do que é belo e bom, e que, para sermos tolerados, devemos almejar embranquecer. Isso ocorre devido à necessidade da branquitude⁴ de manter os privilégios oferecidos pelo capitalismo e, ao mesmo tempo, ocultar os métodos cruéis pelos quais alcança o poder. Podemos perceber que isso é corroborado pela ideologia do branqueamento, que foi instituída no decorrer do século XIX, mas cujas consequências ainda reverberam na população negra.

Somando à ideologia do embranquecimento, existe o reforço da concepção de inferiorização do negro através de teorias científicas eugenistas que defendiam que os negros degeneraram a nação; esse fator interferia negativamente no projeto de modernização e reconhecimento do país. Assim sendo, a miscigenação passa a ser uma estratégia de embranquecimento para que o país alcançasse o status de país europeu, segundo o pensamento da época. De acordo com Gonzalez (2011):

O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisadas por cientistas brasileiros. Transmitidas pelos meios de comunicação de massa e pelos sistemas ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca comprova a sua eficácia e os efeitos de desintegração violenta, de fragmentação da identidade étnica por ele produzidos, o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue” como se diz no Brasil), é internalizado com a consequente negação da própria raça e da própria cultura (GONZALEZ, 2011, p. 15).

Parafraseando Sueli Carneiro (2011), o jogo do embranquecimento esfacelou a identidade racial, tornando-a tão confusa ao ponto de não saber quem somos. Assim, os negros de pele clara são mais tolerados por sua estética se aproximar do padrão branco estabelecido como ideal, e os negros mais retintos são induzidos a embranquecer. Todo esse processo altera a construção do desejo e escamoteia a crueldade por trás da ideia romântica da miscigenação e do mito da democracia racial, o que, na verdade, omite o estupro e apaga a solidão da mulher negra e os problemas que isso causa.

A literatura pode ser considerada como um lugar social onde essas questões ganham notoriedade. A obra de Conceição Evaristo, nesse sentido, desperta o nosso olhar crítico e

⁴ O termo branquitude se refere a identidade social branca e ao grupo cuja ideologia sustenta o discurso de superioridade dentro da sociedade. Neste sentido, o termo se refere também ao conjunto de privilégios do grupo devido a sua cor. Para Cardoso (2010) “a branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos e objetivos isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo” (CARDOSO, 2010, p.611).

afetuoso para essa problemática, pois, de acordo com Salgueiro (2020), a escrevivência é responsável por criar padrões literários afro-brasileiros que passam por um processo de identificação; logo após, são estruturados e se tornam referências. E, ao mesmo tempo em que essa escrita leva a voz de Evaristo, carrega também ecos de outras mulheres. Ao trazer outras experiências, a autora contribui para que nossas histórias sejam ouvidas, possibilitando, assim, uma mudança de paradigma.

O desenvolvimento desse estudo acontecerá a partir de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, pertinente à afetividade da mulher negra, bem como acerca das questões que tratam da influência do racismo e do sexismo nas relações desse grupo, e das construções discursivas em torno desses corpos como estratégias de legitimação do poder hegemônico.

Inicialmente, esse estudo bibliográfico partiu do levantamento e da seleção do corpus teórico atinente à discussão para uma leitura, fichamento e resumo. Na sequência, foi feita uma análise e reflexões sobre o texto literário da autora para, com o aporte da teoria estudada, tecer considerações analíticas a respeito do tema em questão. Foram selecionados também materiais do meio musical e audiovisual relacionados ao tema, cuja presença de Conceição Evaristo foi marcante para dialogar com a teoria e a obra literária. Por último, partimos para essa escrita dissertativa, com o intuito de apresentar os resultados por meio das análises e considerações explicativas. Elencamos as seções e subseções da seguinte maneira:

Na primeira seção, “Escrevivências insubmissas”, apresento o contexto de produção em que a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, objeto desse estudo, foi escrito, bem como exploro os contos, mostrando a importância deles para refletir sobre a afetividade da mulher negra, pois eles trazem para o centro de cada trama questões sobre violência, abandono, solidão, conflitos familiares, ou seja, a *Dororidade*, conceito cunhado por Vilma Piedade (2017) para explicar a dor que só as mulheres negras reconhecem e que é invisibilizada pela sociedade racista e sexista, o qual será melhor discutido e explicado mais adiante nesse trabalho.

Na subseção “Memorial dos afetos: escrevivência e acolhimento”, tecerei sobre a importância representativa da escritora Conceição Evaristo como um símbolo afetivo, aproximando o seu projeto político e literário do pensamento feminista negro. Nesse sentido, as vozes de Sueli Carneiro (2011), Lélia Gonzalez (1984), bell hooks (2020) e Beatriz Nascimento (2016) são pertinentes. Embora as intelectuais pertençam a contextos sociais e geográficos diferentes, as condições de gênero e raça que as envolvem permitem uma sincronia de pontos de vista.

Na segunda seção, “Racismo, mulher negra e solidão afetiva”, exponho as ideologias coloniais como fatores de interferência negativa na construção afetiva da mulher negra. Para

tanto, mostro como o processo de escravidão, na tentativa de extirpar a “mancha negra”⁵ do Brasil, através da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial, impactou diretamente nas relações desse grupo, causando dificuldades que até hoje não foram superadas. Em seguida, trago a escrevivência como produção quilombista, na qual as vozes silenciadas dessas mulheres podem denunciar o racismo e o sexismo e contrapor uma história contada de forma unilateral, ou seja, construída e propagada através da perspectiva da branquitude. Desse modo, apoio-me nos estudos desenvolvidos por Silvio Almeida (2019), Grada Kilomba (2010), Lélia Gonzalez (1984), Carneiro (2011), Abdias Nascimento (2002), Werneck (2010) e Chimamanda Ngozi Adichie (2019).

Na subseção “Escrevivendo a solidão da maternidade negra”, começo a análise do livro a partir dos contos *Aramides Florença*, *Shirley Paixão*, *Lia Gabriel* e *Mirtes Aparecida da Luz*, mostrando como a solidão afetiva está presente no processo de maternidade das mulheres negras. Em razão disso, aponto para os principais problemas que provocam o abandono ou a escolha desse grupo em estar só. Observamos que a maternidade vem sendo negada a essas mulheres desde a escravização. No entanto, elas não se submetem ao que foi predeterminado pelo racismo e sexismo estruturais. À vista disso, utilizo como aporte teórico Ângela Davis (2016), Grada Kilomba (2010) e Carneiro (2011).

Assim sendo, na subseção “A cor da solidão”, analiso os contos *Natalina Soledad*, *Isaltina Campo Belo*, trazendo a solidão como consequência dos conflitos, abandonos, das violências de gênero e raça, além do sexismo que atravessa a vida das personagens. Para tanto, utilizo como aporte teórico as reflexões dos teóricos que foram citados anteriormente ao descrever esse *corpus* dissertativo. Para melhor compreensão desse processo como decorrência do racismo, busco, através dos rastros das memórias narradas, indícios dos traumas do período colonial que ainda interferem na construção afetiva dessas personagens. Nessa seção, trago também, a partir das reflexões sobre a obra de Ricardo Ferreira (2006), uma discussão sobre como o processo de construção da identidade negra emerge, muitas vezes, a partir da negação, e a influência dessa problemática na afetividade. Na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo, podemos perceber essa realidade e confrontá-la.

Na subseção “Sonhar e amar: os direitos negados às mulheres negras”, analiso como a solidão das mulheres negras pode ser provocada pela exclusão em ambientes escolares e

⁵ No período pós-abolição, um contingente de pessoas negras ficou sem assistência do governo vigente, sendo provas vivas da ganância e dos métodos inescrupulosos através dos quais se alcançou o poder. Essa população que só aumentava foi considerada pela branquitude como uma mancha negra em face de uma sociedade que almejava se livrar da responsabilidade pela dor que causou ao outro, em razão do seu próprio benefício.

corporativos. Percebemos que o racismo institucional impede a entrada de mulheres negras em espaços de poder, através dos quais existe a predominância de pessoas brancas.

Na quarta seção, “Ressignificação afetiva como insurreição feminina negra”, analiso a obra, mostrando de que modo a escritora Conceição Evaristo representa a resignificação afetiva das mulheres negras como um ato político e uma forma de resistência, partindo do pressuposto de que a revolução causada pelo afeto surge de uma consciência de luta e autoafirmação, que rasura o ideal de amor romântico e *hollywoodiano*.

Na subseção “Mãe: afeto ancestral”, trago as mães negras como o princípio do afeto e da continuidade do povo negro. Assim sendo, apoio-me nos mitos africanos para sustentar a importância da maternidade para a comunidade negra. Em seguida, analiso os contos e mostro como as personagens lidaram com a solidão e resignificaram a maternidade através da insubmissão.

Sendo assim, as discussões apresentadas nesta pesquisa sobre a afetividade de mulheres negras é um ato político através do qual busca-se com base da análise da obra Evaristo denunciar a opressão causada pelas heranças coloniais que interferem na afetividade desse grupo. A obra se configura como uma importante contribuição para a emancipação feminina negra, pois traz a insubmissão das personagens como uma forma de resistência. Além disso, desconstrói a visão estereotipada que foi construída sobre essas mulheres, o que possibilita o fortalecimento de suas identidades.

2 ESCRIVIVÊNCIAS INSUBMISSAS

O livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) surge no período em que questões relacionadas à afetividade da mulher negra, de forma gradativa, têm ganhado mais atenção nos espaços de representações simbólicas, desde os mais democráticos aos mais restritos. É possível notar que algumas iniciativas possibilitaram reflexões em diferentes áreas sobre a temática.

Em 2008, no campo das ciências sociais, temos o importante trabalho desenvolvido por Claudete Alves, intitulado *A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*, no qual foi percebido que a mulher negra, independente da classe social em que se encontra, está em desvantagem no mercado matrimonial em relação à mulher branca, no que se refere à escolha dos homens negros por uma parceira afetiva.

A pesquisadora descobriu, também, que essa situação é decorrente da profunda desvalorização da população negra no Brasil. Ainda nesse campo de atuação, em 2013, Ana Cláudia Lemos Pacheco publica o livro *Mulher negra: afetividade e solidão* pela Editora da UFBA (EDUFBA), no qual, a partir de entrevistas com mulheres negras na cidade baiana, percebe que os estereótipos construídos em relação às mulheres negras interferem nas suas relações afetivas, destinando-as ao mercado do sexo; em contrapartida, as mulheres brancas são consideradas ideais para o matrimônio e para relações estáveis.

Na área da literatura, logo após a publicação do livro analisado, a poeta e professora Lívia Natália, contrariando todos os paradigmas e rótulos criados para a escrita feminina negra, lança a obra *Dia bonito pra chover* (2017), cujo objetivo é transpor as barreiras que nos levam ao amor e traduzi-lo na mais bela poesia, tão fluída como as águas, como podemos perceber no poema que nomeio o livro, *Dia Bonito pra chover*:

Eu nadaria no teu suor
e seria sereia encantada.
Eu, montaria no lombo do teu grosso navio,
meu Odisseu,
nada em ti cessaria de querer,
nem tuas mãos atadas
(NATÁLIA, 2017, p. 59).

A escrita feminina negra, geralmente, é pensada pelo viés social, devido à ideia pré concebida de que essa literatura delimita-se na temática da escravização, identidade, memória ou denuncia social. Lívia Natália, ao introduzir personagens dos mitos greco-romanos para tratar de uma temática universal, mas ao mesmo tempo tão particular em relação às experiências negras, sobretudo pela ausência de amor, inverte a ordem estabelecida, pois em meio ao

contexto em que a solidão nos atravessa, poetizar o amor é uma necessidade e um ato de militância. Nesse sentido, a obra dialoga com *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), pois embora a obra de Livia não se refira à solidão afetiva, ambas tratam de uma questão em comum: a importância do afeto para os corpos negros, pois o racismo nos desumaniza, retirando-nos essa subjetividade.

Já em 2019 a editora Òmnira em parceria com a União baiana de escritores e com o auxílio da Casa de Angola na Bahia lança o livro de poemas intitulado *O amor não está* da intelectual, escritora e professora baiana Jovina Souza. A obra aborda sobre como o amor, sentimento considerado sublime, se distancia de homens e mulheres negros. A autora tece uma crítica a respeito das formas de amar e como isso está relacionado com as opressões que sofremos.

Em julho de 2021, o canal de TV por assinatura GNT lança o documentário *Sobre Nós*, dirigido pela Naína de Paula, cuja abordagem objetiva refletir sobre a afetividade das mulheres negras e resgatar o amor que nos foi tirado. Nesse programa, as vozes de Conceição Evaristo, Elisa Lucinda e a filósofa Katiúscia Ribeiro, dentre outras personalidades, se fazem presentes, trazendo narrativas autobiográficas sobre os afetos. Ao direcionarmos o olhar para o contexto musical, em 2020, a cantora, compositora e mulher negra Luedji Luna lança seu álbum audiovisual *Bom mesmo é estar debaixo d'água*, no qual constrói uma narrativa musicada explorando a questão do amor, da afetividade das mulheres negras, da solidão e do autocuidado. Seu álbum inicia com o poema de Landê Onwale: “O amor é coisa que mói muximba e depois o mesmo que faz curar”. Assim, remete à ideia de que sentir amor pode abrir uma ferida latente, mas, ao mesmo tempo, somente ele tem o poder de curar.

A música seguinte é *Chororô*, que reflete a solidão da mulher negra como uma situação imposta, dialogando, em seguida, com a canção *Ain't got, no* original da Nina Simone, cuja participação da Conceição Evaristo recitando o poema *A noite não adormece nos olhos das mulheres* marca o fim da música, dando continuidade com *Ain't I a Woman*, inspirada no famoso discurso da Sojourner Truth, abolicionista afro-americana e ativista dos direitos das mulheres negras. Essa música, em especial, trata a solidão da mulher negra de forma mais enfática, com tom denunciativo, mostrando que o corpo da mulher negra foi escolhido como lugar de prazer e não de afeto:

Eu sou a preta que tu come e não assume
e não é questão de ciúmes,
tampouco de fé,

Por acaso, eu não sou uma mulher?⁶
(LUNA, 2020).

É possível observar que a literatura, a mídia e as redes sociais, bem como os ambientes acadêmicos, estão acolhendo essa temática com maior ênfase, justamente porque as mulheres negras, a partir do movimento feminista negro, têm conseguido adentrar cada vez mais em espaços antes considerados impossíveis, adicionando suas perspectivas e possibilitando conscientizar a população negra sobre as diversas formas de racismo - inclusive o velado.

No entanto, se retrocedermos até o momento em que a afetividade começou a ser percebida como uma problemática e exposta como tal, perceberemos avanços ainda bastante lentos, se comparados com o modo incisivo com o qual lutamos contra o racismo ao longo do tempo. Tudo isso significa dizer que nós não aprendemos a reconhecer o amor como necessário. Isso ocorre pois, de acordo com hooks (2010),

Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravidão, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. Mostrar sentimentos era uma bobagem (HOOKS, 2010, s/p).

Contudo, se observarmos com atenção, essa atitude está relacionada tanto ao medo do desamor, quanto às concepções coloniais que atribuem a emoção ao campo da natureza e à razão às características humanas. Enquanto essa é positiva, aquela é negativa. Fanon (2008) explica que, quando o Ocidente se refere à humanidade, utiliza como referência a branquitude e atribui aos negros todos os aspectos que consideram negativos à experiência humana: “A emoção é negra como a razão é grega” (FANON, 2008, p. 116).

O fato de negligenciar a vida afetiva mostra que não somente internalizamos, como aceitamos essa forma de pensar como legítima, e vestimos a “máscara branca” para sermos aceitos como humanos. Por isso, demoramos tanto tempo para reconhecer o amor como uma necessidade real.

Embora o Movimento negro no Brasil já abordasse as questões referentes às relações afetivas, elas só começam a ser temas de textos teóricos a partir das reflexões de Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento (1990). No entanto, elas não esgotaram o tema, mas a partir de suas críticas deixaram rastros para que pudéssemos explorá-los sob diferentes perspectivas.

⁶ LUNA, Luedji. 1 vídeo 3: 47 min *Ain't I a Woman*. Bom mesmo é estar debaixo d'água. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MitlOw_f_9g. Acesso em: 12 jun. 2021.

Foi somente no ano 2000, com o lançamento da obra intitulada *O livro da saúde das mulheres negras*: nossos passos vem de longe, organizado pelas estudiosas Jurema Werneck, Maisa Mendonça e Evelin C. White e publicado pela Editora Pallas – no qual se insere a tradução em português do texto *Vivendo de amor*, de bell hooks -, que o tema da afetividade ganha uma nova dimensão. Essa iniciativa, pioneira no Brasil, por trazer artigos de escritores diversos que tratam da saúde das mulheres negras, chama a atenção, pois, ao incluir o artigo de hooks, leva a inferir que consideram a afetividade como parte importante da vida das mulheres negras, no que diz respeito à sua saúde emocional, espiritual e física.

Em contrapartida aos esforços de algumas mulheres negras em chamar a atenção para a necessidade e a importância do autocuidado e do autoamor, foi possível perceber que existe uma relação de forças entre os sistemas de reprodução de poder simbólico, como a mídia e a literatura, por exemplo, que, dominados pela ideologia racista, sexista e patriarcal, buscam omitir os problemas relacionados ao campo afetivo das mulheres negras, insistindo em atribuir a elas estereótipos que reforçam um imaginário negativo em relação à sua afetividade. Tudo isso contribui para que continuemos emaranhadas em um modelo determinado para nós. Isso ocorre pois os sistemas simbólicos exercem um poder sutil, cujos efeitos retroalimentam ideologias vigentes.

Os sistemas de reprodução simbólicos determinam as formas de pensar e agir de modo eficaz. Tanto na literatura quanto na mídia, existem forças coercitivas que agem de modo sutil no inconsciente coletivo, através das técnicas que influenciam nos comportamentos sociais e na forma de enxergar o mundo. É necessário, nesse sentido, estarmos atentos a todas as formas de dominação.

No documentário *A Negação do Brasil*, dirigido por Joel Zito Araújo e lançado no ano 2000, é possível notar essa dinâmica estruturante de comportamentos e, portanto, determinantes de papéis sociais. O objetivo do filme é mostrar que, mesmo os negros não sendo minoria na sociedade, eles têm pouca representatividade na telenovela, ou seja, são apagados simbolicamente dos espaços de poder e, mesmo quando são inseridos, ocupam papéis de menor prestígio social, ou são levados a reproduzirem estereótipos negativos, que condicionam o público negro a assimilar determinados comportamentos e se tornarem agentes, ou seja, cúmplices da opressão.

No entanto, quero destacar que, embora o objetivo de Araújo tenha sido o de denunciar a lógica racista na teledramaturgia, trazendo a realidade da cristalização de papéis muitas vezes subalternizados para atores negros e principalmente para as negras, o seu trabalho serve de suporte para refletir sobre a ausência da afetividade positiva das mulheres negras nas tramas. É

possível perceber que as mulheres estão fora do seu núcleo familiar; a maioria não tem companheiro, nem filhos e estão sempre a serviço dos senhores, assim reforçando a continuidade da lógica escravocrata. Nesse sentido, a literatura dominante também reforçou essa ideologia. No ensaio “Da representação a auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira”, Conceição Evaristo defende que:

(...) se a literatura constrói as personagens femininas negras sempre desgarradas de seu núcleo de parentesco, é preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e sobrevivência. Como heroínas do cotidiano desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias. Mães reais e/ou simbólicas, como as das casas de Axé, foram e são elas, muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural no interior do mesmo (EVARISTO, 2005, p. 54).

Nesse sentido, não é vantajoso para uma sociedade estruturada sob moldes racistas que as mulheres negras estabeleçam relações afetivas de modo geral, pois são elas o útero ancestral da prole de sangue negro, além de mantenedoras de um legado e das memórias da opressão que o país faz questão de apagar para dar continuidade à exploração. Um povo que não conhece a sua história não reconhecerá as formas de opressão que se repetem. De acordo com Bourdieu (1989, p. 11):

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribui para assegurar a dominação uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força as relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados.

Partindo dessa premissa e da percepção dos avanços em torno da discussão sobre a afetividade, podemos inferir que se o simbólico é usado como um mecanismo de violência e de manipulação que atrapalha a emancipação plena das mulheres negras, o mesmo pode ser usado para causar o efeito contrário. Nesse sentido, o livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) quebra todos os paradigmas sociais em relação à afetividade das mulheres negras, trazendo um novo olhar e caminhos possíveis, pois representa a capacidade das mulheres negras em superar a dor e os traumas, bem como de escapar da imposição de padrões racistas. Enquanto estivermos somente lutando contra o racismo, estaremos presas a ele.

Se por um lado a literatura dominante animaliza as mulheres negras construindo enredos no qual a afetividade é considerada um não lugar para o grupo, em *Insubmissas lágrimas de mulheres* há uma representação de uma realidade possível.

Composta por 13 contos, a obra, ao mesmo tempo em que se assemelha às outras antologias criadas por Evaristo no que se refere à violência, agruras e dores causadas por seus

pares, se difere pelo desfecho escolhido para cada personagem. As mulheres, a convite de uma jornalista - a narradora personagem -, que viaja pelas cidades do interior do Brasil, narram suas histórias, mostrando como superaram as dores e os traumas sofridos no passado. Todas conseguem ser resilientes de algum modo. Nesse sentido, Evaristo mostra, através da obra, que a ressignificação afetiva é uma estratégia eficaz para transpormos as barreiras do racismo e do sexismo e alcançarmos a liberdade.

No entanto, os textos encontram-se longe de parecer um conto de fadas ou uma narrativa de amor *hollywoodiano*, cujos homens são os heróis que salvam as mulheres, oferecendo a elas finais felizes. As histórias construídas por Evaristo colocam as mulheres responsáveis pelo destino de suas vidas. São elas que têm o poder de superar e ressignificar a dor causada pelos seus desafetos. Assim, encontram na afetividade o motor para enfrentar uma sociedade que oprime as mulheres negras.

Contudo, como afirma Evaristo (2020, p. 30), “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-las de seus sonos injustos”. Desse modo, os contos relatam de forma agressiva as causas que geram os problemas afetivos das mulheres negras, resultando numa solidão perversa. Assim, experiências marcadas pela violência psicológica, física e sexual são representadas nos contos *Aramides Florença* e *Lia Gabriel*, sendo ambas as personagens objetificadas pelos companheiros.

A naturalização do estupro como forma de imposição, de domínio do patriarcado e de controle do feminino, também pela não aceitação por parte da diversidade de gênero e das escolhas afetivas e sexuais das mulheres negras, é denunciado em *Shirley Paixão* e *Isaltina Campo Belo*. O sexismo estrutural também aparece em todas as narrativas como uma problemática que interfere nos relacionamentos das personagens, sobretudo no conto *Natalina Soledad*, que é rejeitada pelo pai por nascer mulher.

Podemos perceber que o racismo é tópico de reflexão em todos os contos e, mais especificamente, nas histórias de *Rose Dusreis*, que é rejeitada na escola de balé por ser negra. A situação financeira dos seus pais, também os impedem de ajudá-la a realizar o sonho. A falta de apoio familiar é tema do conto *Mary Benedita* que, para alcançar o sonho de ser pintora, vai de encontro ao sexismo e ao preconceito dos pais. A personagem se encontra completamente sozinha. No conto *Regina Anastácia*, o conflito na relação afetiva será motivado pelo racismo estrutural.

Outra questão bastante presente nas narrativas é o trauma registrado na memória coletiva do grupo, que reincide como um fantasma do colonizador e seus métodos de opressão, como podemos notar em *Maria do Rosário Imaculada dos Santos*. Outras memórias de dor

também são notadas no conto *Líbia Moirã*, as quais interferem no vínculo afetivo da personagem. Além desses problemas, o abandono aparece na maioria dos contos como consequência dos conflitos, sobretudo em *Mirtes aparecida da Luz*, *Adelha Santana Limoeiro* e *Saura Benevides Amarantino*.

É importante ressaltar que cada título atribuído a um conto é composto pelo nome de cada personagem, e que a narradora, por vezes, desaparece, permitindo que as personagens contem suas histórias. Nesse sentido, as mulheres são o sujeito da ação e do discurso. Se antes a voz era negada às ancestrais, hoje a crueldade que impôs a solidão ao separar as famílias negras desde os porões dos navios negreiros, e que vem se atualizando através de estratégias perversas para minar a imagem das mulheres negras, assim esfacelando a comunidade, vem sendo denunciada através das histórias de cada personagem.

Contrapondo a desumanização das personagens negras na literatura hegemônica, as relações afetivas nas obras de Evaristo sempre foram evidenciadas como uma forma de humanizar as personagens. Sobre esse processo de criação, a autora explica que:

Construo os personagens que são humanos, pois creio que a humanidade é de pertença de cada sujeito. A potência e a impotência habitam a vida de cada pessoa. Os dramas existenciais nos perseguem e caminham com as personagens que crio. E o que falar da solidão e do desejo de encontro? São personagens que experimentam tais condições, para além da pobreza, da cor da pele, da experiência do ser homem ou mulher ou viver outra condição de gênero fora do que a heteronormatividade espera. São personagens ficcionalizadas que se con(fundem) com a vida, essa vida que eu experimento, que nos experimentamos em nosso lugar ou vivendo con(fudido) com outra pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença (EVARISTO, 2020, p. 31).

Inserir a solidão como uma forma de humanizar personagens não se configura como uma escrita inocente. Destacar esses aspectos configura-se como uma crítica a todo o processo de negação e contestação da solidão das mulheres negras. Além disso, desconstrói estereótipos baseados nas imagens animalizadas da negra forte e raivosa. Ao afirmar que a solidão faz parte do processo natural da experiência humana, Evaristo inclui as mulheres negras dentro dessa humanidade. Contudo, o nosso processo de solidão se diferencia dos outros, pois é gerado por uma dinâmica perversa profundamente marcada pelo racismo e pelo sexismo.

Evaristo, ao dar evidência aos motivos que interferem negativamente nas relações afetivas do grupo mencionado, rompe o silêncio em face da supremacia branca e masculina, fazendo ranhuras em seu discurso, revelando a violência por trás de suas narrativas como tentativa de expurgar a culpa de um passado comprometedor. Assim, as experiências que foram

excluídas durante muito tempo da literatura brasileira podem ser ouvidas, possibilitando a mudança de paradigmas ideológicos.

Grada Kilomba (2010), em *Memórias da plantação*, afirma que a fala é um ato historicamente censurado. A máscara de flandres era um objeto que impedia os escravos de comer o que pertencia ao senhor; nesse sentido, havia o medo motivado pela culpa em ter seus bens retirados pela revolta do negro. Era, sobretudo, um instrumento de emudecimento, pois a fala é perigosa, na medida em que ameaça o projeto de colonização no qual os brancos, para legitimar a superioridade, buscaram ser o modelo de civilidade e moralidade. Em contrapartida, depositavam na pessoa negra todas as características negativas que justificassem a dominação como algo glorioso.

Kilomba explica que há uma ruptura na psique, na qual uma das partes é projetada para a realidade externa, criando um *Outro*⁷, nesse sendo depositadas todas as características que rejeitamos em nós por causar algum tipo de incômodo.

Em termos psicanalíticos isso permite que os pensamentos positivos em relação a si mesmos permaneçam intactos- branquitude como parte boa e ego-enquanto as manifestações da parte má são projetadas para o exterior e vistas como objetos externos e ruins. No mundo conceitual branco, o sujeito negro é identificado como o objeto ruim, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformado em tabu, isto é agressividade e sexualidade (KILOMBA, 2010. p. 37).

Carneiro (2005) afirma que o destino desse Outro é definido pelos dispositivos de poder ou de racialidade, e esses vão determinar sua forma de integração na sociedade ou sua exclusão. O primeiro ocorre com uma minoria, e ainda assim de forma subordinada; já o segundo diz respeito à morte desse grupo, ao apagamento da sua racionalidade, do conhecimento e de sua cultura. A autora observa que o epistemicídio é uma forma de genocídio negro, pois ultrapassa a negação e a desvalorização. Esse produz formas de impedir o acesso à educação, rebaixa a autoestima através da discriminação e invalida sua capacidade de produzir conhecimento.

Para que mudanças sejam alcançadas, é necessário que vozes de mulheres negras que se uniram pela *dororidade*⁸, ou seja, pela dor que temos em comum por causa do racismo,

⁷ Esse termo grafado em itálico, iniciado com letra maiúscula, é uma forma particular usada pela autora em seus textos. Em *Memórias da plantação*, Kilomba explica que o motivo da sua escolha se deu por causa da violência da língua portuguesa contida no termo outro/outra. Embora em português tenha uma variação de gênero para essa palavra, ainda assim há a diversidade de gênero que existe na sociedade. Além de só contemplar os gêneros masculino e feminino, estabelece uma dicotomia que marca as relações de poder. Já o termo *Outra/o* abarca todas as categorias que são projetadas como a parte externa do Eu (*self*), e que são negadas. Ou seja, tudo o que é negado em si, é introjetado no(a) *Outra/o*.

⁸ Os termos sororidade e dororidade estão interligados. A autora afirma que um precisa do outro. No entanto, a dororidade, possui a invisibilidade, a ausência, todas as formas de dor causadas pelas violências forjadas no racismo.

ecoem em espaços de poder, descortinando o véu que escamoteia a opressão e a injustiça. *Dororidade* é o conceito criado por Vilma Piedade (2017) mais pertinente para justificar a união das mulheres negras para superar as consequências do racismo. Embora a sororidade nos contemple no que se refere ao combate ao sexismo, não é suficiente por não abarcar outras particularidades, sobretudo porque surge do feminismo criado por mulheres brancas.

Para nós que experimentamos a solidão em razão dos estereótipos construídos sobre a cor, encontrar caminhos possíveis para ressignificar as experiências afetivas é uma forma de curar feridas históricas, fortalecendo os processos de resistência e de afirmação da identidade da mulher negra. Para tanto, faz-se necessário rejeitar o lugar de vítima do racismo e do sexismo que nos aprisionam e nos impedem de avançar para além das barreiras que eles impõem. A trajetória marcada pela dor, mas também pela superação e felicidade das personagens, é um convite a retirar das mãos do colonizador o poder de gerenciar os destinos das mulheres negras.

Podemos considerar o livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* um marco dentro do conjunto de obras de Evaristo, no que diz respeito à afetividade, pelo modo peculiar com o qual ela representa o tema. Inclusive, o fato de a autora escolher finais felizes para suas personagens é bastante curioso, causando uma certa quebra de expectativas quando comparamos com as outras obras escritas pela autora, cuja realidade cruel é capaz de despertar nos seus leitores as mais profundas comoções e revoltas.

Em outras narrativas, embora seja apresentada a força do feminino de modo ora sutil, ora mais agressivo, mantendo um fluxo de consciência das memórias da ancestralidade, da valorização da identidade e de uma memória da escravidão que não se deseja apagar, notamos que, no campo afetivo, a mulher negra é representada sob a perspectiva da dor e da infelicidade por conta do racismo e do sexismo, como em *Ponciá Vicêncio* que, ao se unir com o seu companheiro, sofre diversas agressões físicas e psicológicas. A obra *Olhos D'água* também traz semelhantes abordagens, como podemos verificar no trecho do conto *Ana Davenga*, que é assassinada junto com o companheiro em seu primeiro momento de felicidade.

Ana estava feliz. Só Davenga mesmo para fazer aquilo. E ela, tão viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um profundo sofrimento. Davenga estava ali na cama vestido com aquela pele negra, brilhante, lisa que Deus lhe dera. Ela também, nua. Era tão bom ficar se tocando primeiro. Depois haveria o choro de Davenga, tão doloroso, tão profundo, que ela ficava adiando o gozo-pranto. Já estavam para explodir um no outro, quando a porta abriu violentamente e dois policiais entraram de armas em punho. Mandaram que Davenga se vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, porque o barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de madeira. Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a

mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda (EVARISTO, 2016. p. 19).

Nesse sentido, cabe levantar o questionamento: o que levou a escritora a produzir uma obra tão peculiar, em um curto espaço de tempo em relação as outras? Ao conceder uma entrevista à *Leitura Brasileiras*, cujo vídeo está disponível no *YouTube*, Evaristo explica que o livro surge em um momento de insubmissão, pois foi escrito durante o processo de construção da sua tese de doutorado, também como uma resposta a uma provocação da pesquisadora Prof^a. Dr^a. Edileuza Penha de Souza, da Universidade de Brasília. No vídeo da entrevista, Evaristo diz que:

Só tive um livro que escrevi muito rápido, que foi *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. (...) Foi um momento meu de insubmissão, até respondendo a uma provocação de uma pesquisadora, que questiona: Então a vida das mulheres negras é só tristeza e não tem final feliz? Então, respondendo a Edileuza da Penha eu resolvi escrever *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* e crio essa antologia em que as mulheres passam, sim, por processos de dores, mas elas já estão depois contando o êxito, elas já saíram da tormenta, do sofrimento (EVARISTO, 2020, s/p).

É possível notar que o questionamento causou incômodo em Evaristo, ao ponto de levá-la a escrever uma obra como resposta àquela provocação. A pergunta da pesquisadora nos leva a inferir que se a *escrivivência* é uma escrita marcada pela experiência de vida das mulheres negras, é importante inserir a nossa rebeldia como resposta a um sistema que nos fere e que se beneficia com a nossa infelicidade. Nós, mulheres negras, trazemos conosco nossas formas de afetos, de ser e viver, apesar dos açoites. É isso que nos mantém vivas. Ao escrever finais insubmissos, Evaristo deixa implícito que continuamos a reinventar modos de “reexistência”,⁹ para que possamos viver uma vida plena, porque queremos e escolhemos lutar por isso.

Percebemos que, embora a militância da autora tenha trazido ganhos para as mulheres negras no que se refere à inserção de uma representação positiva através da literatura, colocar as mulheres negras em um lugar de dor configura-se como uma estratégia de denúncia do racismo, pois mostra como esses mecanismos nos atingem, apontando os culpados sem nenhum receio - dessa forma, nos encoraja. Contudo, esse mesmo discurso de acusação pode também ser perigoso, pois nos isenta da responsabilidade sobre as nossas mazelas, aumentando o poder do colonizador em gerir as nossas vidas a partir de suas estratégias. Embora a branquitude seja

⁹ Na obra da prof. Dr. Ana Lúcia da Souza, intitulada *Letramentos de reexistência*, o termo está associado a criação de novas formas de existir e resistir através da linguagem. Esta possibilita, através da apreensão da história e da sociedade, que os discursos sejam abalados devido a novas práticas e papéis sociais dos sujeitos, pois, implica na afirmação positiva da sua identidade e nas suas relações com o outro. Assim sendo, foi a partir do termo utilizado pela autora julguei pertinente adaptá-lo para o contexto dessa pesquisa.

a culpada pela infelicidade das mulheres negras, somos nós quem temos que criar possibilidades para modificar a nossa realidade.

O questionamento da historiadora, documentarista e, inclusive, mulher preta, chama a atenção para a necessidade urgente de olharmos com mais cuidado para as nossas relações afetivas que interferem no nosso bem-estar e na nossa subjetividade. Assim, percebemos como a representação de mulheres negras felizes, através da escrita de uma figura de autoridade, é importante para fortalecer a caminhada rumo à liberdade verdadeira. Ressalto que essa atitude não anula os acontecimentos do passado, nem a forma como o racismo e o sexismo nos atingem, mas influencia o modo como iremos lidar com esses ocorridos. A literatura de Evaristo, nesse sentido, se coloca a serviço do combate dos discursos de poder. Como nos diz Barthes (2007), se o discurso se instala no interior da língua, é através dela que devemos combater. Em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, existe o combate do discurso de opressão, tanto ao denunciá-lo, quanto através da introdução de novas perspectivas de vida. Para Barthes, a literatura é um instrumento de combate dos poderes:

Nela, visto portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. Posso, portanto, dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto (BARTHES, 2007, p. 16).

Assim sendo, o foco principal da obra é representar a nossa capacidade de transformar a dor em superação, não em um mecanismo de revolta, mas mostrando que podemos reconstruir as nossas vidas de modo diferente do padrão que nos impuseram. Verificamos isso no conto intitulado *Regina Anastácia*, cuja personagem, ao ser vítima de racismo por se envolver com um homem branco, consegue transpor as barreiras impostas pelo Duque D'Antanho, pai do seu amado, que interfere cruelmente na relação dos dois por não aceitar que seu filho namore com uma mulher negra e sobrinha das empregadas da casa. Observemos o trecho a seguir:

Guerra pior, dolorosa, ia ser declarada na cidade fechada. Meus inimigos eram os D' Antanhos e Jorge, sem meias medidas, enfrentou a sua família, que reagiu logo. Dispensou minhas tias que trabalhavam com eles, acusou uma de roubo; deram até queixa na polícia. (...) Jorge foi espremido contra a parede, que ele parasse logo com a história de namoro, que fizesse comigo o que quisesse, que montasse para mim uma casa, mas que não espalhasse essa ideia de namoro, de compromisso. Eu não era moça para tais propósitos. Ele, entretanto, sabia o que queria e eu também. A desobediência causou a expulsão do nome dele do testamento. Nada de farmácia, nada de nada. Casamos poucos meses depois (EVARISTO, 2016, p. 138).

É inegável que a maioria dos relacionamentos interracializados trazem um certo grau de racismo, o que leva muitas mulheres a vestirem a máscara branca da qual afirma Fanon (2008).

Contudo, no trecho supracitado, podemos inferir que a possibilidade de um relacionamento interracial, evidencia que não somos pessoas impulsionadas pelo ódio, como foi construído no imaginário social. Apesar de o branco não nos aceitar e negar a nossa humanidade, nós temos a capacidade de acolher. Desconstrói, por assim dizer, a ideia de que não sabemos amar, bem como os estereótipos das mulheres negras em relação ao amor, como por exemplo, a preta raivosa, insensível. Isso não significa dizer que devemos nos submeter a relacionamentos abusivos para nos encaixarmos nos moldes que a sociedade construiu para as mulheres. Por isso, é válido ressaltar que estar em uma relação afetiva não é uma condição obrigatória para as mulheres negras, e que elas não precisam se anular ou se esforçar por isso. Sabemos que o casamento foi imposto pelo cristianismo e o patriarcado como uma forma de controlar as mulheres e as finanças. No entanto, estar ou não nessas relações deve ser um direito de escolha para todas as mulheres, inclusive as negras.

Esses preceitos contrapõem a lógica de Gilberto Freyre, na qual o estudioso descreve as mulheres negras na sociedade brasileira ocupando o lugar de servilismo braçal e sexual. O trecho expoente de seu pensamento na obra *Casa grande senzala* (2003) é:

Pode-se, entretanto, afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. (...) Com relação ao Brasil, que diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., e negra para trabalhar”. Ditado em que se sente, ao lado convencionalismo social da superioridade da mulher branca e a inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata (FREYRE, 2003, p.71-72).

Os contos de Conceição Evaristo apresentam mulheres negras de forma humanizada, possuindo sonhos, anseios, como qualquer outra pessoa, e fazendo parte de uma família que ela contribuiu para construir com base na liberdade e no afeto positivo. Nesse sentido, ela é agente e não objeto, como podemos perceber no seguinte trecho:

Tivemos cinco filhos e todos nasceram antes do sol se pôr. Três meninas e dois meninos. Dentro da nossa vida modesta, conseguimos dar estudos para todos eles. O primeiro se tornou farmacêutico como o pai, o segundo seguiu carreira militar, terceiro é alfaiate, uma das meninas se tornou professora e a outra foi ser missionária e, no momento, está em uma missão, em povoado na Tanzânia, na África. Meus pais tiveram tempo de vida para curtir os netos, eu conheço a minha geração de tataranetos. Jorge, o moço mais bonito que eu conheci, estava aqui, até dez anos passados. Dizia que eu era a rainha dele. Eu acredito, pois ele era o meu rei. Um dia, logo, depois de o sol se pôr do sol, ele se foi... Eu espero, sem pressa alguma, a hora do meu poente... (EVARISTO, 2016, p. 140).

Através do jogo discursivo, a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* modifica o pensamento cristalizado e generalizado a respeito do grupo. Mostra que ser livre é escolher entre permitir que a dor provocada pela violência seja um fator determinante da nossa destruição ou reconstruir a vida de modo diferente. Para hooks (2020):

Não podíamos escolher a cura, porque não tínhamos certeza de que poderíamos ser reparados, de que os pedaços partidos pudessem ser colados. (...) não desejávamos ser resgatados, porque não sabíamos como nos salvar (HOOKS, 2020, p. 240).

O questionamento feito a Evaristo também é um alerta sobre como as táticas de opressão podem ser sutis, à medida que desvia a nossa atenção do que realmente importa - a nossa reconstrução enquanto povo através de uma ética amorosa. Escolher seguir apesar da dor, hoje, é um ato político e, sobretudo, de afeto. Ela não mais nos paralisa, mesmo que ainda vivamos em um modelo colonial de sociedade, que nos asfixia e visa a nos destruir.

2.1 MEMORIAL DOS AFETOS: ESCRIVIVÊNCIA E ACOLHIMENTO

Os contextos histórico, cultural e social brasileiro ainda são marcados, notadamente, pelo racismo estrutural e pelo sexismo. Esses sintomas são decorrentes dos cinco séculos de escravização e imperialismo do patriarcado, e vem atingindo de forma cruel a população negra, sobretudo as mulheres. Isso ocorre pois, como explicita Stuart Hall (2013, p.120), “o colonial não está morto, já que sobrevive através dos seus efeitos secundários”. Embora essa conjuntura correspondente ao colonialismo tenha findado, as feridas causadas ainda continuam latentes e, por vezes, as opressões são reencenadas, na medida em que são reconfiguradas. Em seu ensaio intitulado *Quando foi o pós-colonial?*, o autor disserta sobre o período, colocando-o como uma questão. Desse modo, tenciona o conceito mostrando que há uma ambiguidade, tanto no sentido epistemológico quanto no cronológico, já que o prefixo pós deveria significar o fim de um período e início de outro; no entanto, isso só ocorre no âmbito teórico, enquanto na prática as diferenças estabelecidas no cenário colonial ainda persistem. Nesse sentido, o termo é um discurso que escamoteia as necessidades das diferenças, visto que objetiva homogeneizá-las, encaixando-as em uma única categoria: a universal. Hall afirma que:

A transição para o “pós-colonial” é caracterizada pela independência do controle colonial direto, pela formação de novos Estados-nação, por formas de desenvolvimento econômico dominados pelo crescimento do capital local e suas relações de dependência neocolonial com o mundo desenvolvido capitalista, bem como pela política que advém da emergência de poderosas elites locais que administram os efeitos contraditórios do subdesenvolvimento. É igualmente significativo o fato de ser caracterizada pela persistência de muitos efeitos da colonização e, ao mesmo tempo, por seu deslocamento do eixo colonizador/ colonizado ao ponto da sua internalização na própria sociedade descolonizada (HALL, 2013, p. 120).

Em consonância a esse pensamento, o psicanalista Frantz Fanon (2008) advoga que há uma visão maniqueísta estabelecida no interior da sociedade colonizada, na qual coloca o negro como sub-humano, introjetando nele, através da colonização mental, o ideal de homem a ser alcançado, isto é: o ser branco. Assim, a ideologia eurocêntrica sobrevive através do racismo, legado herdado do colonialismo, e que, por sua vez, organiza a sociedade através da hierarquização de raça e classe, inculcando no negro, através da inferiorização epidérmica, o desejo de ser branco, para então ser aceito na sociedade. Como tentativa de escapar do olhar desumanizador do branco, o negro acaba assumindo a máscara branca. De acordo com Fanon (2008),

Todo povo colonizado- isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento da sua originalidade cultural- toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura

metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva (FANON, 2008, p. 34).

Embora a escravização tenha acabado, os processos de alienação psicossociais que objetivavam a desumanização dos negros ainda reverberam, levando-os a buscar a validação da sua existência no olhar do branco. A colonização mental persiste quando se tem na branquitude o ponto de referência. Nas páginas iniciais de *Pele negra máscaras brancas*, Fanon (2008) evidencia essa situação através do questionamento sobre qual o desejo do homem negro. “Que quer o homem negro? Que quer o homem negro? (...) O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, pp. 26-27). Contudo, mesmo buscando estratégias para fugir da sua negrura, ela continua existindo, e por vezes é apontada até que o negro se reconheça e se liberte da sua própria prisão mental.

Os efeitos secundários do colonialismo, como a escravização mental e as dinâmicas racistas, interferem diretamente nas relações afetivas das mulheres negras. No primeiro caso, pelo fato de se sentirem inferiorizadas diante do branco, o que resulta em uma supervalorização desse e a desvalorização de si mesma e do grupo ao qual pertence.

Já no segundo caso, ocorre pela forma como o colonialismo se reinventa através do racismo estrutural. Os efeitos provocados por ele fazem com que as imagens construídas em relação às mulheres negras na colonização sejam atualizadas e reforcem um estereótipo desfavorável à sua emancipação, implicando nas relações afetivas em um espectro negativo. Nesse sentido, é importante notar que, se por um momento buscarmos na memória eventos, narrativas históricas, perceberemos que as suas identidades foram construídas para cristalizar não somente as concepções criadas, mas, sobretudo, para perpetuar determinados papéis sociais, como é o caso da *Mommy*¹⁰, da empregada doméstica, da mulata voluptuosa. Assim, por mais que as sociedades se modernizassem, a visão etnocentrista e o caráter atribuído às identidades das mulheres negras não se desviariam. Desse modo, o controle seria mantido e, a partir dele, os privilégios da hegemonia branca, patriarcal, heteronormativa e cristã estariam assegurados.

¹⁰ *Mommy* é um termo em inglês que, traduzido para o português, significa “mamãe”. É utilizado para classificar as mulheres negras que trabalham como babás das crianças brancas e dedicam suas vidas para garantir o conforto dos patrões. Na telenovela, aparece representada por uma mulher negra de estatura baixa, com sobrepeso. Em seu livro *Pensamento Feminista Negro*, Patrícia Hill Collins (2019) coloca a figura da *Mommy* como uma *imagem de controle* imposta às mulheres negras. Contudo, a autora afirma que essa é uma estratégia perigosa, pois está ligada às relações de poder. A reprodução dessa imagem influencia na forma como as pessoas vão enxergar a mulher negra, como também no modo de tratá-las. É importante ressaltar que muitas mulheres negras assumem essas imagens justamente porque foram impostas como um padrão dentro da sociedade, mas cabe a elas saber utilizá-las como estratégia ou rejeitá-las.

No entanto, Gonzalez (2020) vai mostrar, através da figura da Mãe Preta, que as mulheres negras não foram passivas na aceitação e execução desses papéis. Ao contrário do que narra a branquitude sobre o exemplo de amor e cuidado dessas mulheres para com os seus filhos, foi a Mãe Preta a responsável pela introdução dos valores africanos na sociedade brasileira, pois elas executaram a função de mães das crianças brancas. A autora afirma que:

É interessante constatar como, através da figura da “mãe preta”, a verdade surge da equivocação. Exatamente essa figura para a qual se dá uma colher de chá é quem vai dar a rasteira na raça dominante. É através dela que o “obscuro objeto do desejo” (o filme do Buñuel) acaba se transformando na “negra vontade de comer carne” na boca da moçada branca que fala português. (...)E quando a gente fala em função materna, a gente tá dizendo que a mãe preta, ao exercê-la, passou todos os valores que lhe diziam respeito pra criança brasileira, como diz Caio Prado Jr. Essa criança, esse infans, é a dita cultura brasileira, cuja língua é o pretuguês. A função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da língua materna e a uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente. Ela passa pra gente esse mundo de coisas que a gente vai chamar de linguagem. E graças a ela, ao que ela passa, a gente entra na ordem da cultura, exatamente porque é ela quem nomeia o pai (GONZALEZ, 2020, p.78).

Nesse sentido, a Mãe Preta desenvolveu, como lucidamente defende a autora, uma “resistência passiva” Gonzalez (2020, p.180), a esse papel que ela foi forçada a assumir, tendo a identidade negativa reservada para as mulheres negras. Desse modo, africanizou o português, transformando-o em *pretuguês*,

Associadas às teorias biológicas, sobretudo às desenvolvidas no século XIX, influenciadas pelos estudiosos europeus, essas identidades construídas sob a ótica dominante foram se naturalizando como sendo algo inato, com o propósito de justificar as exclusões e injustiças sociais. As leituras sobre o corpo passam a ser atravessadas por marcadores sociais. Fernandes e Souza (2016) argumentam que tomar como um dado natural algo de caráter social e simbólico é elaborar uma visão errônea sobre o corpo. Em relação à questão racista, as autoras explicam que, em cada país, o negro é visto de modo diferente, por exemplo.

No caso das mulheres negras, essa problemática ganha uma maior dimensão, pois são triplamente oprimidas por serem marcadas pelos fatores gênero, raça e classe. Em seu livro *E eu não sou uma mulher?*, hooks (2020) afirma que, ainda no contexto da escravidão, a mulher negra, em uma escala hierárquica, já estava numa posição inferior em relação ao homem negro. De acordo com a autora:

No que diz respeito à hierarquia baseada somente na raça, o status social de mulheres e de homens negros era o mesmo, mas distinções sexistas fizeram com que a situação do homem fosse distinta da situação da mulher. Uma medida de equidade social existia entre os sexos em uma área de trabalho, mas em nenhum outro espaço. Mulheres e homens negros com frequência

realizavam exatamente a mesma tarefa no trabalho agrícola, mas mesmo nessa área mulheres negras não conseguiam subir à posição de liderança. Fora do contexto de trabalho, no cotidiano, mulheres escravizadas recebiam tratamento diferente dos homens escravizados e eram, em alguns casos, subordinadas a eles (HOOKS, 2020, p. 83).

Dentro dessa dinâmica, o papel social de doméstica atribuído às mulheres negras foi estrategicamente pensado para reforçar não somente a subjugação, mas, sobretudo, para causar um conflito e esfacelar as relações afetivas das mulheres negras. Ora, a branquitude criou uma hierarquia em que homens são considerados superiores, e por isso devem ser os mantenedores, enquanto as mulheres são responsáveis por cuidarem do lar. No entanto, isso não ocorre como os homens negros; o sistema racista retira deles a possibilidade de executar esse papel social. Em razão disso, as mulheres negras são obrigadas a cuidar da casa das brancas para manter a sua família. Logo, os homens negros se sentem humilhados e culpam essa mulher pela inversão de funções, enquanto os homens brancos são isentados da responsabilidade pelos efeitos do racismo e do sexismo estruturais.

As mulheres negras almejavam ser tratadas como as brancas, que cuidavam do lar e dos filhos e eram providas pelos maridos, já que esse era o modelo aceitável de feminilidade. No entanto, na maioria dos casos, isso não ocorreu, e elas continuaram a ser vistas como corpos objetificados e escravizados. Em contrapartida, o padrão privilegiado para a mulher branca era reforçado. Carneiro afirma ainda que:

Na medida em que a sociedade brasileira vai realizando ao longo das décadas o seu projeto de branqueamento da população, seja pela apologia da miscigenação, seja pela política de incentivo à imigração europeia, vai-se consolidando os estigmas e o destino social das negras e brancas dentro da lógica racista e sexista. E o processo de emancipação da mulher e da liberdade sexual que ganham força a partir dos anos 1960 irão estabelecer novos desafios para as mulheres negras dos pontos de vista de sua identidade, afetividade e sexualidade por estabelecer a absoluta hegemonia da branca como padrão privilegiado para a mulher, agora não mais do ponto de vista estético, afetivo ou de ideal de família burguesa branca, mas também do ponto de vista sexual para os homens brancos e também para a significativa parcela de homens negros brasileiros, especialmente aqueles considerados socialmente como “bem-sucedidos” (CARNEIRO, 2020, pp. 158-159).

A partir do exposto, podemos notar que o passado não foi expurgado da nossa sociedade, nem em termos emocionais, tampouco do sistema político. Ele é cada vez mais retroalimentado, impossibilitando que consigamos sair desse lugar de dor. Tudo isso causa um profundo impacto negativo sobre a afetividade, pois, como foi mostrado, ela é movida, sobretudo, por construções sociais e ideológicas que prevalecem. De acordo com o filósofo e psicólogo Henri Wallon (2010), a afetividade diz respeito à capacidade que os humanos têm de serem afetados positivamente ou negativamente pelo mundo externo ou interno, ou seja, refere-se ao modo

como reagimos às situações. O autor explica que são as emoções que exteriorizam a afetividade; assim, é a primeira ferramenta que nos liga à sociedade. Ainda sobre os estudos desenvolvidos por Wallon, as pesquisadoras Mahoney e Almeida (2005) apontam que:

A emoção é uma forma concreta de participação mútua, é uma forma primitiva de comunhão, que se apresenta nos ritos coletivos, que funde as relações interindividuais, que funde os indivíduos e as circunstâncias exteriores. É também um instrumento de sociabilidade que une indivíduos entre si (MAHONEY, ALMEIDA, 2005, p. 20).

Quando pensamos em afetividade, logo supomos ser algo positivo; no entanto, como podemos perceber, a falta de afeto pode ser negativa, nociva por causar dor e destruição de um indivíduo ou de uma comunidade. A ausência do amor, por exemplo, leva a um bloqueio que nos impede de desenvolver a capacidade de mudança e de expansão do nosso espírito. Destrói a autoestima e a autoconfiança. No caso das mulheres negras, as relações afetivas perpassam por essa corporeidade, composta por uma estética cujos principais marcadores sociais são a raça e o gênero desvalorizados. Nesse sentido, a sociedade foi educada a enxergar o corpo da mulher negra como um lugar de desafeto. Sobre essa questão, a filósofa Sueli Carneiro (2011) afirma que:

(...) a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima; em uma expectativa de vida menor, em cinco anos, em relação à das mulheres brancas; em um menor índice de casamentos; e sobretudo no confinamento nas ocupações de menor prestígio e remuneração (CARNEIRO, 2011, pp. 127-128).

Embora o racismo seja uma constante na vida das mulheres negras, o mito da democracia racial, vinculado com o discurso pós-colonial e neoliberal o escamoteia. É sabido que nossa sociedade sempre buscou meios de encobrir as injustiças sociais para que elas continuem a ocorrer. Gonzalez (1984), ao questionar sobre os contextos histórico, cultural e discursivo que levaram ao surgimento desse mito, da sua aceitação e das vantagens, interroga sobre a situação da mulher negra nesse discurso, e advoga que o local em que nos encontramos é determinante para a nossa interpretação sobre essas duas problemáticas que foram internalizadas na sociedade: o racismo e o sexismo.

Nesse sentido, a autora apresenta o primeiro como um sintoma da neurose cultural brasileira. Gonzalez (1984) faz essa afirmação devido à forma como esse fenômeno se origina. A neurose surge na infância, decorrente de um acontecimento que marcou profundamente o indivíduo. Geralmente, começa na fase em que ocorre o complexo de Édipo, processo caracterizado pela psicanálise como o momento em que a criança se apaixona pela mãe. No

entanto, essa relação será moralmente proibida por ser considerada incesto. Como resposta a essa situação, o menino desenvolverá um comportamento sexista para ocultar o seu desejo. No caso dos homens brancos, quando crianças, esse desejo, provavelmente, será direcionado às mulheres negras que trabalhavam como babás, e que, por realizarem todos os cuidados, acabaram por executar a função de mãe. Como afirma a autora:

Ela, simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra. Se assim não é a gente pergunta: que é que amamenta, que dá banho, que limpa cocô, que põe pra dormir, que acorda de noite pra cuidar, que ensina a falar, que conta história e por aí a fora? É a mãe, não é? Pois então. Ela é a mãe nesse barato doido da cultura brasileira. Enquanto a macuma, é a mulher, a bá, é a mãe (GONZALEZ, 1984, p.235).

Desse modo, esse desejo também será reprimido porque o sistema colonial não permitirá que essa relação seja construída de uma forma não violenta. Assim sendo, a negação desse sentimento dentro de uma relação dominador/dominado é revertida nas expressões racistas, que, no entanto, são ocultas e persistem, pois outra característica do neurótico é a dificuldade em se adaptar às mudanças. Para Kilomba (2010):

Devido ao fato do sujeito branco não querer superar a perda do passado- ou seja, a perda tanto do colonialismo quanto da supremacia branca-, ele também não é capaz de reassociar à ideia de igualdade racial. O presente e a ideia de igualdade são recusados e, no lugar permanece a ideia de que o passado triunfará (KILOMBA, 2010. P. 226).

Assim sendo, o racismo, em consubstanciação com o sexismo, coloca a mulher negra em uma situação desvantajosa. A partir dessas perspectivas, Gonzalez (1984) destaca como dois os papéis sociais a nós atribuídos, que exemplifica esse efeito, a saber, a mulata, exaltada somente no carnaval, e a doméstica. O primeiro caso configura-se como um meio pelo qual o mito da democracia racial é atualizado, pois, na medida em que mostra algo aparentemente positivo, esconde, por sua vez, a exploração e o lugar historicamente reservados às negras. De acordo com Gonzalez (1984, p. 232) “(...) o neurótico constrói modos de ocultamento do sintoma porque isso lhe traz benefícios. Essa construção o liberta da angústia de se defrontar com o recalçamento”.

Devemos ter consciência de que as estruturas criadas pelas diversas faces do racismo são extremamente bem articuladas e, por isso, perigosas. Nesse sentido, faz-se necessário transpor as normas estabelecidas, descortinar o véu que escamoteia a opressão, usando ferramentas epistemológicas inovadoras que contribuam para desconstruir os estereótipos negativos em relação às mulheres negras e/ou pensar estratégias para uma vida plena. Até porque, a cada concepção desfeita, nasce outra, e quando percebemos, estamos gastando

energias demais numa luta sem fim. Sobre essa questão, Audre Lorde defende que as mulheres negras devem:

(...) unir forças com as outras que também se identifiquem como estando fora das estruturas vigentes para definir e buscar um mundo em que possamos florescer. Pois as ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande. Elas podem possibilitar que os vençamos em seu próprio jogo durante certo tempo, mas nunca permitirão que provoquemos uma mudança autêntica (LORDE, 2019, p. 140).

Nesse sentido, as nossas forças e os nossos intelectos precisam se debruçar para buscar formas de transpor a dor. Para tanto, faz-se necessário reconhecer que dentro do processo de desumanização, o amor foi retirado de nós, pois é justamente nele que está localizada a força que nos impulsiona a querer modificar a nossa realidade e a coletiva. Fomos feridas de tal modo que acreditamos que amar é ruim, que se relacionar afetivamente é perigoso. Foram estabelecidas barreiras para estarmos sozinhas e mais vulneráveis.

A teórica hooks (2006) afirma que, no contexto estadunidense, tanto no período anterior quanto no posterior à escravização, as estruturas de dominação minaram as possibilidades de amar. Sobretudo, porque o amor é um sentimento branco universalizado pelo poder eurocêntrico, e imposto no Ocidente como a única forma humana de demonstrar afeto. Querer compartilhar desse sentimento criado e validado pela branquitude é contraproducente para nós, negros. Nunes (2017), em seu artigo *Não é amor, é denço*, explica que a língua portuguesa é uma ferramenta de colonização. Desse modo, a significação de suas palavras faz parte do processo de dominação. Nesse sentido, o autor defende que o amor não é a palavra ideal para representar as múltiplas formas de afetos manifestados entre pessoas negras.

A palavra amor se articula no mundo branco como pré-ódio, exemplo: primeiro invadem outras nações, cometem as mais atrozidades barbáries, depois contemporalizam com seus tratados filosóficos, religiões, mitos, literaturas que azorram a ideia de amor, a flor maior dos sentimentos humanos segundo eles, para construir uma sanção positiva das suas humanidades derreadas e exercerem tranquilamente o poder sobre os outros povos. A palavra amor assim é um embuste de algo sublime que funciona para eles, pois possui uma função objetiva: criar conforto diante das suas quimeras profundas (NUNES, 2017, s/p).

Além de instituírem o amor como ideal, a branquitude invalidou e reprimiu as nossas formas de afetos, aviltando as nossas imagens. Se nos processos iniciais da escravização a tática de separação se dava a partir de métodos cruéis, como a venda dos cônjuges, filhos e familiares ou cenas aterrorizadoras de espancamentos e estupros na frente dos parceiros, na contemporaneidade, a fragmentação ocorre através da construção de uma concepção negativa das mulheres negras, como aponta Sueli Carneiro (2020, p. 153) em seu artigo *Gênero e raça na sociedade brasileira*: “a mulher negra será retratada como exótica, sensual, provocativa,

enfim, fogo nato; tais características chegam a aproximá-la de uma forma animalesca, destinada exclusivamente ao prazer sexual”.

Para apresentar como foi formado esse *continuum* histórico, a autora desenvolve um panorama dos estereótipos criados para controlar as mulheres negras ao longo do tempo na sociedade brasileira, e mostra como isso implica na vida afetiva delas, haja vista que essas imagens criam uma desvalorização dessa mulher no campo afetivo, gerando violência física e psicológica. Nas palavras da autora:

Este fenômeno vem instituindo a mulher negra como anti-musa da sociedade brasileira de tal forma que os estudos demográficos já identificam uma acentuada desvantagem das mulheres negras no mercado afetivo, o que caracteriza uma situação de “solidão” estrutural motivada pelo desinteresse dos homens brancos e a deserção de grande parte dos homens negros (CARNEIRO, 2020. p. 159).

Contudo, na contramão do pensamento corrente, as mulheres negras buscam inserir o seu posicionamento discursivo e político de modo estratégico para que se alcancem mudanças concretas em sua história. Nesse ínterim, o feminismo negro surge como uma ferramenta teórico-metodológica criada pela união dessas mulheres que, ao experimentar os diferentes tipos de opressões, se comprometeram em reclamar por justiça social e econômica. Ainda é possível notar que cada vez mais a questão da afetividade vem sendo incluída nas pautas do pensamento feminista negro, visando garantir possibilidades de amar não somente como um direito e estratégia de sobrevivência, mas como merecimento.

Esse movimento foi criado justamente porque a *Sororidade*, ou seja, o comportamento que envolve união e que ancora o Movimento Feminista tradicional é limitante diante das nossas demandas, visto que existe uma dificuldade por parte das mulheres brancas em perceber que há um problema racial dentro da questão de gênero. De acordo com Carneiro (2020), essa problemática toma uma maior proporção dentro dos movimentos negros também, já que os militantes não percebem que há um recorte de gênero dentro dos problemas étnico-raciais. Nesse sentido, ficou a cabo das mulheres negras criarem suas próprias ferramentas de luta para transformar a sociedade em um lugar mais justo. A autora ressalta que:

(...) o ser mulher negra na sociedade brasileira se traduz numa tríplice militância contra os processos de exclusão decorrentes da condição de raça, sexo e classe, isto é, por forças das contradições que o ser mulher negra encerra, recai sobre elas a responsabilidade de carregar politicamente bandeiras históricas e consensuais do movimento negro, do movimento de mulheres e somar-se aos demais movimentos sociais voltados para a construção de um outro tipo de sociedade baseada nos valores da igualdade, solidariedade, respeito à diversidade e justiça social (CARNEIRO, 2020, p. 169).

Tudo isso permite afirmar que essas teorias não se esgotam em um grupo, mas pensam a sociedade a partir da ótica da alteridade, a qual defende as necessidades políticas, sociais e, sobretudo, emocionais, pois não existe sentido em lutarmos a favor de uma sociedade mais justa e continuarmos internamente destruídas. Nesse tocante, o pensamento feminista negro e os outros movimentos afins nos ensinam sobre o papel do amor enquanto estabelece uma rede de cuidado a partir do momento em que desenvolve a capacidade de reconhecer e incluir as diferenças, até então não percebidas pelo feminismo tradicional.

Audre Lorde (2019) afirma que somente quando as mulheres negras buscarem a união, a fim de analisar as forças e alianças em prol do reconhecimento dos interesses sociais, culturais, emocionais e políticos em comum, ocorrerá um desenvolvimento importante para o poder da comunidade negra. A autora destaca, ainda, que isso ocorre porque a soma desses interesses contribui para a autorrealização desses indivíduos. Outrossim, quando as questões referentes à afetividade são colocadas no centro dessas discussões, nos distanciamos dos paradigmas colonizadores baseados na opressão e na violência. Para Patrícia Hill Collins (2019, p. 9), “A identidade do pensamento feminista negro como teoria social “crítica” reside em seu compromisso com justiça, tanto para as estadunidenses negras como coletividade quanto para os grupos oprimidos”.

Embora o feminismo negro tenha as suas raízes nos Estados Unidos da América, essa rede de afeto vem dialogando com outras teorias desenvolvidas por intelectuais negras brasileiras que se assumem sujeitos do conhecimento, dentre as quais se destacam: Lélia Gonzalez (2020) que, ao propor o conceito de “Amerifricanidade” para explicar as experiências em comum dos negros no contexto das Américas, cria um pensamento feminista afro-latino-americano; Beatriz Nascimento (2018), cuja contribuição epistemológica traz novas formas de pensar o termo quilombo e, além disso, apresenta-o como um lugar de autonomia, resistência.

Para Beatriz Nascimento, o quilombo não se configura somente como um lugar de luta, mas é uma estratégia de união que já existia em alguns países do continente africano. Nascimento (2018, p. 274) afirma que: “É um movimento de âmbito social e político (...) que representou na história do nosso povo um marco em capacidade de resistência e organização”. Resistir, nesse contexto, está relacionado ao fato de o povo negro buscar manter a sua cultura e a sua estrutura racial. A autora ainda nos diz que o quilombo deve ser compreendido como:

Um estabelecimento de homens que querem manter a sua autonomia e a importância do quilombo hoje para a consciência do negro está, justamente nessa busca de autonomia, autonomia cultural, (...) de vida e não sobre a autonomia da escravidão dos séculos passados (NASCIMENTO, 2018, p. 130).

Semelhante pensamento é trazido por Munanga (1996). Ele defende que os quilombos são espaços democráticos, onde se acolhem todas as pessoas que sofrem algum tipo de opressão. Nesse local, há um processo iniciático que prepara esses grupos para resistir. Nesse contexto, se faz necessário trazer as considerações do autor sobre o conceito de quilombos.

O quilombo é, seguramente, uma palavra originária dos povos de língua bantu (kilombo, aportuguesado quilombo). Sua presença e o seu significado no Brasil tem a ver com alguns ramos desses povos bantu, cujos membros foram trazidos e escravizados nessa terra [...] tem a conotação de uma associação de homens, aberta a todos sem distinção de filiação a qualquer linhagem, na qual os membros eram submetidos a dramáticos rituais de iniciação que os retiravam do âmbito protetor de suas linhagens e os integravam como co-guerreiros num regimento de super-homens invulneráveis as armas inimigas. O quilombo amadurecido é uma instituição transcultural que recebeu contribuições de diversas culturas: lunda, imbangala, mbundu, kongo, wovimbundo etc [...] são campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos) prefigurando um modelo de democracia plurracial que o Brasil ainda está a buscar (MUNANGA, 1996, pp. 58-63).

A contribuição de Nascimento é de suma importância para pensarmos os textos produzidos por feministas negras e pela literatura negra feminina como espaços de aquilombamento, como podemos perceber no poema *É tempo de nos aquilombar*, de Conceição Evaristo, autora que está sendo referencial literário e teórico desse estudo:

É tempo de ninguém se soltar de ninguém,
mas olhar fundo na palma aberta
a alma de quem lhe oferece o gesto.
O laçar de mãos não pode ser algema
e sim acertada tática, necessário esquema.
É tempo de formar novos quilombos,
em qualquer lugar que estejamos,
(...)
a mística quilombola persiste afirmando:
“a liberdade é uma luta constante”.¹¹
(EVARISTO, 2020)

Essas produções contribuem para a resistência do povo negro à opressão; além disso, colaboram para a construção de uma identidade mais coerente com os valores do negro. A autora Beatriz Nascimento (2018), nesse sentido, desenvolve o conceito de quilombos urbanos, questionando as políticas públicas voltadas para a comunidade negra e a reparação histórica e social pós-abolição.

Nascimento (2018) traz à tona também reflexões sobre a questão negra no Brasil, destacando a situação da mulher que compõe esse respectivo grupo, problematizando questões

¹¹ Esse poema foi publicado por Conceição Evaristo na revista *Xapuri socioambiental*. Disponível em: <https://www.xapuri.info/cultura/tempo-de-nos-aquilombar/> Acessado em 27 de dezembro de 2021.

referentes a elas no espectro do mercado de trabalho, do corpo, da identidade, da memória e do amor. Sobre esse último, a intelectual inicia seu artigo ressaltando, de modo irônico, que o fato de trazer para o centro das discussões a condição amorosa das mulheres negras, e não a sexual, pode causar um estranhamento no leitor. Logicamente, essa afirmação me leva a inferir que quando se fala sobre afetividade da mulher negra, é acionado um gatilho para a sexualidade, pois somos rotineiramente hipersexualizadas do que vistas como seres humanos. Essas reflexões podem ser confirmadas no conto *Isaltina Campo Belo* (2016), cujo namorado da personagem afirma que Isaltina possui um desejo sexual excessivo por ser uma mulher negra, como demonstra o recorte a seguir:

Afirmava que eu deveria gostar muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse como ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre o homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava com veemência que tinha certeza do meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... (...) cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão do meu corpo. Diziam eles que estavam me ensinando a ser mulher (EVARISTO, 2016, p. 64).

Traçando um paralelo entre o mercado de trabalho e o amor, Nascimento (2018) explica que, devido às questões históricas, a mulher negra encontrou no trabalho a dignidade, mesmo recebendo os menores salários. Em contrapartida, os homens negros são cada vez menos qualificados, também por conta do racismo estrutural, tendo na mulher negra um meio de sobreviver, reforçando ainda mais o que a Sueli Carneiro (2011, p. 127) chama de “matriarcado da miséria”. E, à medida que essa mulher se especializa e investe em educação, ela necessita de mais parceria, o que dificulta ainda mais as suas relações afetivas. Desse modo, restam-lhe duas alternativas: a solidão ou a flexibilização dos laços de dominação. Beatriz afirma que:

(...) cabe a essa mulher a desmistificação do conceito de amor, transformando este em dinamizador cultural e social (envolvimento na atividade política por exemplo) buscando mais paridade entre os sexos do que a “igualdade iluminista”. Rejeitando a fantasia da submissão amorosa, pode surgir de uma mulher preta participante, que não reproduza o comportamento masculino autoritário, já que se encontra no oposto deste, podendo assim assumir uma postura crítica intermediando a sua própria história e seu ethos. Levantaria ela a proposta de parceria nas relações sexuais que por fim, se distribuiria nas relações sociais mais amplas (NASCIMENTO, 2018, p. 129).

O ideal do amor romântico centrado nos moldes europeus, colonizadores e machistas, diverge dos princípios éticos e dos valores afro-brasileiros baseados na circularidade, na comunidade, no respeito, no cuidado, na partilha, no compromisso, na responsabilidade e na ancestralidade. Nesse sentido, amor é ação. Por tudo isso, podemos afirmar que o feminismo negro concebe esse sentimento, sobretudo, como um espaço de posicionamento político, no qual o sujeito da ação e do discurso é a mulher negra. Nesse contexto, esse movimento possui

extrema importância para a expansão do campo afetivo, pois à medida que passamos a ser vistas e compreendidas como sujeitos sociais, há um tensionamento que leva à ressignificação da afetividade dentro da sociedade.

Penso que a reconfiguração desse lugar que os afetos ocupam na vida das mulheres negras deve ter, como ponto de partida, a educação e a conscientização do povo negro, sobretudo das mulheres, pois já que a afetividade idealizada hegemônica não nos cabe, devemos rejeitá-la e criar nossos modelos de relacionamentos afetivos. Por tudo isso, Nunes (2017) nos traz o *dengo*, palavra de origem banto da língua Quicongo, como a expressão descolonizadora que tem a potência de contemplar a nossa afetividade. O autor nos diz que:

O *dengo* durante toda a história da escravização, favelização e racismo nessa diáspora de angústia, o Brasil, foi instante eterno de libertação expressando num simples aconchego de esperança no desconforto cotidiano. A união dos corações em sublimação ancestral, o *oriki* que arrepia os pelos, pois ecoa por todo o corpo o *axé* e o poder dos *orixás*. Os olhos que se entrecruzam e se fixam, pois há de haver o beijo, supremo *dengo*, libelo de libertação expresso no gesto. Os corações que se entrelaçam para fazer o corre do quilombo íntimo e movimentar os outros *mocambos* para construir o grande quilombo (NUNES, 2017.s.p)

Para tanto, é necessário reconhecer que existem mecanismos de controle e exclusão que se tornam eficazes devido ao processo de colonização mental, recusando o lugar de sub-representação, pois, de acordo com Lélia Gonzalez (2011), o ato de falar por nós, ignorando nossa presença, é uma forma de infantilizar e retirar uma das nossas capacidades psíquicas que nos caracteriza como humanos. Segundo ela:

Ao impormos um lugar inferior no interior da sua hierarquia (apoiadas nas nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade justamente porque nos nega o direito de ser sujeitos não só do nosso discurso, senão da nossa própria história (GONZALEZ, 2011, p. 14).

A literatura feminina negra, nesse caso, é uma ferramenta impulsionada pelo ativismo do feminismo negro, sendo um reflexo dessas lutas e conquistas. É também uma espécie de *aquilombamento* dessas mulheres como forma de resistência, ou seja, é um movimento de protesto e resistência à opressão, no qual a literatura é uma unidade, através da qual é apontada a necessidade de reelaboração das estruturas vigentes, bem como os seus valores. Assim, possui triplo papel, passíveis de reavaliação: no primeiro caso, contribui para a organização da uma sociedade mais justa, pois, a partir da linguagem e de dispositivos literários, é possível se definir e se humanizar o sujeito da enunciação que se quer negro dentro desse espaço. Em segundo plano, dissemina imagens da pessoa negra, criadas a partir da perspectiva desse grupo, estabelecendo um diálogo entre autor, texto e leitor. E, ao mesmo tempo, enriquece o cenário

literário brasileiro, pois traz para essa instância textos construídos a partir de uma literariedade, cuja estética possui traços próprios.

Dentro desse escopo, chamo a atenção para a escritora Maria das Graças Conceição Evaristo, cuja obra está sendo analisada nessa pesquisa. A autora, além de se destacar na literatura feminina negra contemporânea, também possui textos teórico-críticos importantes, que são influenciados pelo pensamento feminista negro, tendo o objetivo de contribuir para a emancipação das mulheres negras e de suas comunidades através da escrevivência que, de acordo com Maria Aparecida Salgueiro (2020), é um conceito teórico-metodológico deixado por Evaristo como um legado dentro da Teoria Literária. Para complementar a ideia sobre o que significa esse conceito, é necessário trazer a voz da própria Conceição Evaristo sobre a sua escrevivência, a partir do texto *Conceição Evaristo por Conceição Evaristo* (2009), encontrado no Portal *Literafro* da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na seção de escritores.

Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu agora a puxar um eu menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con(fundem), sigo eu nessa escrevivência a lembrar de algo que escrevi recentemente: “O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal. E mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia...” (EVARISTO, 2009, grifo nosso).

Na epígrafe do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), a voz que se anuncia e que se confunde com a da própria Conceição, deixa evidente que o objetivo da escrevivência é o comprometimento da escrita com a vida. Esse processo se dá de maneira simbiótica.

Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. (...) portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. (...) e quando se escreve, o comprometimento (ou não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, 2011, p. 8).

É possível notar que o discurso literário presente nas obras da escritora surge para demarcar um lugar discursivo das vozes subalternizadas que, em sua maioria são mulheres e negras, e assim, através dos interstícios dos textos literários, traz à baila temas relevantes, como racismos institucionais e sistêmicos, violências em suas diversas modalidades, sexismo, traumas, identidades, memória, maternidade, maternagem, carências afetivas e a necessidade de cura das feridas, bem como apresenta caminhos para ressignificar os afetos.

Conceição Evaristo, através da literatura feminina negra, representa as experiências dessas mulheres a partir de um eu literário e autoria negras, subvertendo, desse modo, o código oficial, criando símbolos e atribuindo novos sentidos ao signo “negra”, como advoga Audre Lorde:

A literatura de mulheres negras exige efetivamente que sejamos vistas como pessoas inteiras em nossas complexidades reais- como indivíduos, como mulheres, como humanas -, em vez de como um daqueles problemáticos, ainda que familiares, estereótipos estabelecidos pela sociedade no lugar de imagens autênticas de mulheres negras (LORDE, 2019, p. 148).

Conceição Evaristo e outras tantas escritoras negras, na contemporaneidade, trilham um caminho que foi aberto pela ousadia das ancestrais em representar o seu povo. Como afirma a própria Evaristo (2005, p. 54), “Assenhoreando-se ‘da pena’, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no *corpus* literário brasileiro imagens de uma auto-representação”.

A saber, essa intelectual utiliza a *escrivivência* como ferramenta teórico-metodológica, visando contribuir para uma caminhada de consolidação e de fortalecimento do gênero e da raça, de sua força rumo à igualdade de direitos e ao apagamento da opressão que atravessa as mulheres negras. Evaristo ressalta que:

Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade (EVARISTO, 2020, p. 38).

A própria autora, ao trazer essas reflexões sobre as subjetividades que impactam os corpos negros, nos dá liberdade de pensá-la como um corpo afeto do qual a escrita nasce. Toda a sua trajetória foi marcada por memórias afetivas das ancestrais que influenciaram na luta e insubordinação. Desse modo, Evaristo, mulher negra, pobre, teórica e intelectual, nascida em Minas Gerais em 1946, escreveu a sua própria história, trilhando caminhos de insubordinação, rejeitando, por assim dizer, o lugar que a casa grande relegou às mulheres negras. Formou-se em Letras pela UFRJ, é professora, possui Mestrado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Conceição Evaristo publicou obras literárias como: *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006), *Poemas de Recordação e Outros Movimentos* (2008), *Olhos D’água* (2014), *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (2016), *Canções Para Ninar Menino Grande* (2018) e o livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011). Publicou também alguns ensaios como: “Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira” (2005) e “Da grafia ao desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento da minha escrita” (2007).

Além disso, existem dois livros de crítica literária dedicados à escritora, sendo eles: *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo* (2016), organizado por Constância Lima Duarte, Cristiane Côrtes e Maria do Rosário A. Pereira e *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (2020), organizado por Isabella Rosado Nunes e Constância Duarte.

A autora insere no corpo literário narrativas inspiradas nas vivências de mulheres negras, através das quais expressam anseios, com legitimidade de quem vive em um corpo de mulher e de negra na sociedade brasileira. De acordo com Evaristo:

Quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um corpo-mulher-negra em vivência” e que, por ser esse “meu corpo e não outro” vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta” (EVARISTO, 2009, p. 18).

Desse modo, destaco a sua importância representativa, visto que inspira outras mulheres a alcançarem lugares de prestígio social. Ademais, suas obras são configuradas como lugares de insubordinação, pois utilizam o jogo da linguagem pautado na escritora como instrumento de denúncia e questionamento do *status quo*.

Ao trazer essa perspectiva da afetividade como uma das problemáticas que atravessam as mulheres negras, a escritora torna-se uma figura de extrema relevância para a construção da emancipação plena das mulheres negras, e pode ser considerada como um símbolo afetivo, primordialmente pelo fato de ser a ancestralidade um dos primeiros lugares de onde surge a sua escrita. Evaristo (2020) afirma que o primeiro sinal gráfico com o qual ela teve contato foi o gesto da mãe abaixada, desenhando a imagem do sol no chão do quintal com a ajuda de um graveto. Esse era o ritual para que a chuva cessasse e as roupas da patroa pudessem secar, e assim ter dinheiro para sustentar a família.

Precisamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida? (EVARISTO, 2000, pp. 49-50).

A escrita, nesse sentido, ganha uma dimensão político-afetiva, pois surge da observação da representação do afeto, que é o cuidado da mãe em garantir o seu sustento e o dos filhos. Contudo, ao mesmo tempo, esse sentimento é consubstanciado com a dor, com o desespero e a solidão, que atinge a sua mãe e atravessa as mulheres negras, devido à exploração que o racismo e o sexismo geram. É possível afirmar, ainda, que é observando a mãe que a escritora vai compreendendo a solidão estrutural, indo além da dimensão afetivo-sexual, pois estende-se aos sonhos não realizados pela rejeição no mercado de trabalho, restando-lhe o trabalho doméstico

e a falta de apoio paterno na criação dos filhos. No caso da escritora, isso é visível, pois ela teve pouco contato com o seu pai. Outro fator notado é a própria dinâmica do cotidiano que é imposto a essas mulheres; a carga excessiva de trabalho impossibilita que elas reservem tempo para o afeto, o cuidado. Tudo isso exige que a autora atribua uma função à escrita.

Do mesmo modo que a mãe da escritora faz um ritual ancestral para trazer o sol em razão da urgência em ganhar dinheiro para alimentar e ver os filhos bem, a escrita de Evaristo, para além do desejo de estar inserida no cenário literário, é um projeto político atravessado por memórias afetivas, cuidado e desejo de libertação através da emancipação de outras tantas mulheres negras. Como é mostrado no trecho do poema “De mãe”, que faz parte do livro *Poemas de Recordação e Outros Movimentos* (2008), o cuidado em usar a escrita como uma ferramenta de emancipação surge através da fidelidade e da honra à luta ancestral. Evaristo, ao seguir os ensinamentos da mãe, materializa na escrita as agruras, memórias e esperanças de um povo.

O cuidado de minha poesia
 aprendi foi de mãe,
 mulher de pôr reparo nas coisas,
 e de assuntar a vida.
 A brandura de minha fala
 na violência de meus ditos
 ganhei de mãe,
 mulher prene de dizeres,
 fecundados na boca do mundo.
 (...)
 e me ensinou,
 insisto, foi ela
 a fazer da palavra
 artifício
 arte e ofício
 do meu canto
 da minha fala.
 (EVARISTO, 2008, p. 79).

A escrita, nesse sentido, é formada por uma teia ancestral cujas memórias e saberes impressos são forjados por uma epistemologia própria. O ensinamento da mãe revela-se como um ato de afeto motivado pelo desejo de transcendência das novas gerações de mulheres negras, e, como afirma a filósofa Djamila Ribeiro (2018, p.19), ao relatar sobre a declaração que Conceição Evaristo a deu em entrevista à Carta Capital, a escrita de mulheres negras pode “Romper as máscaras do silêncio”.

Cada sinal gráfico posto no papel por Evaristo é carregado de memórias de dor por razões históricas, mas também transborda cuidado afetivo. hooks (2010, s/p) afirma que: “Quando nós amamos, sabemos que é preciso ir além da sobrevivência. E preciso criar condições para viver plenamente”.

Ao fazer da palavra ofício e artifício, Conceição Evaristo cria sua própria ferramenta de transformação social, através da qual busca inserir imagens positivas e coerentes com a sociedade que idealizamos, e não mais assumindo uma posição de passividade. Nesse sentido, ela utiliza a afirmação identitária como estratégia de empoderamento feminino negro, visto que coloca as mulheres como protagonistas da sua própria história. Como podemos perceber no trecho do conto *Natalina Soledad*, a personagem decide se nomear, rejeitando o nome humilhante que o pai, que a rejeitava por ser mulher e negra, lhe dera. Assim, a personagem que se chamava Troçoléia Malvina Silveira, decide, após a morte dos pais, se autonomear, como podemos ver nesse trecho: “Natalina Soledad- nome, o qual me chamo- repetiu a mulher que escolhera o seu próprio nome” (EVARISTO, 2016, p.25).

A partir do exposto, notamos que a escrevivência possibilita que as mulheres negras neguem as construções identitárias depreciativas que a branquitude delineou para elas assumirem e constroem suas imagens alicerçadas em parâmetros mais coerentes com a realidade e pautadas na liberdade.

3. RACISMO, MULHER NEGRA E SOLIDÃO AFETIVA

A narrativa traz parte de uma memória dolorida dos africanos e seus descendentes escravizados nas Américas. E venho me perguntando: para que vale essa memória de dor? Por que escrevi Ponciá Viçêncio? Porque certas passagens de becos de Memória? Por que escrevi determinados contos na antologia Histórias leves enganos e parecenças? Para que acalentar memórias com sabor de sangue? Respondo, por mim, embora essa memória não seja de minha pertença. Pode ser um pouco mais minhas, enquanto afro-brasileira, enquanto sujeito-mulher afro-diaspórica, mas essa é a memória do passado brasileiro e que a nação brasileira precisa expurgar. A nossa ferida ainda sangra. (...) A literatura pode ser lugar de expurgação pessoal e coletiva. Estamos aqui e escrevemos apesar de. Entretanto, só mais uma observação. Quando escrevo a memória da dor, não se trata de mimimi, não se trata de causar comiseração, se trata sim, de afirmar a nossa arte, nossa resiliência, o nosso quilombismo. (...) (Conceição Evaristo, 15/06/2019)

Ser mulher negra no Brasil é reviver constantemente a dor do trauma¹², pois a ordem colonial e patriarcal que ainda vigora através do poder da supremacia branca cria as formas mais violentas de ataques contra os nossos corpos, nos forçando ao confinamento. Tudo isso é devido à incapacidade de superar a perda do passado. Assim sendo, a branquitude vive em estado de negação dos nossos direitos de ser e existir.

O racismo e o sexismo na sociedade são o motor da escravidão moderna. As suas formas de expressões são determinantes para que as relações das mulheres negras sejam destruídas, pois os efeitos desse conjunto contribuirão para a marginalização e todas as formas de opressão desse grupo. Assim, elas sempre estarão numa posição desfavorável. Sobre isso, Almeida explica que:

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem (ALMEIDA, 2019, P. 22).

Desse modo, a nossa ferida está sempre sendo reaberta. E, como uma maneira de minar a nossa emancipação para manter esses privilégios, a branquitude direciona suas estratégias para a nossa afetividade, já que o adoecimento das nossas relações provoca desgastes físico e emocional. Tudo isso causa um abalo na nossa autoconfiança e autoestima, e interfere no modo como agimos diante do racismo e sexismo cotidianos. hooks (2020) defende que é na comunidade que encontramos alimento para a vida.

Colocar as mulheres negras na condição de subalternidade quando não conseguem exterminá-las, é uma forma de negar a sua contribuição para a construção de uma sociedade

¹² Trauma é uma ferida ou lesão gerada por um evento inesperado, gerando distúrbios psíquicos.

mais equânime. Os cinco séculos de luta desse grupo têm sido o ponto fundamental para a formação da nação dentro dos moldes que são almejados como possíveis, para que todos possam viver com dignidade, além da invisibilidade de nossas batalhas contra a desigualdade social. É inegável que ignoram, também, o fato de que fomos nós, sob o estalo do açoite em nossas costas, que multiplicamos a mão de obra escravizada para erguer o Brasil. Outro ponto que não deve ser escamoteado é a função de cuidadoras da descendência dos senhores, os futuros patrões. Nesse sentido, foi a partir da nossa exploração que a nação foi sustentada. Para Evaristo, a Mãe Preta:

Era aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. Essa mulher tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora. Era a mãe de leite, a que preparava os alimentos, a que conversava com os bebês e ensinava as primeiras palavras, tudo fazia parte da sua condição de escravizada. E havia momentos em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa a de contar histórias para adormecer os da casa-grande (EVARISTO, 2020, p. 30).

No ato obrigatório de contar histórias para acalantar os filhos dos brancos, a mulher negra inseriu mais uma contribuição: a sua língua. No entanto, esse não foi um ato de obediência, e sim de rebeldia. De acordo com Gonzalez (1974), o *pretoguês*, inserido pelas Mães Pretas no vocabulário dos futuros patrões, foi uma marca de insubmissão.

Por tudo isso, a nossa exclusão social e os nossos impedimentos para que não tenhamos mobilidade são resultados das tentativas de apagamento dessas memórias da escravização que nos colocam como sujeitos participantes da formação populacional, cultural, econômica e linguística, e como agentes de lutas por equidade. Nesse sentido, a memória é um instrumento que impede que sejamos alienados; portanto, está a serviço da nossa resistência. Além disso, esses registros denunciam o método desumano de dominação que formou uma sociedade desestruturada e desigual: o estupro, como é denunciado no conto *Rose Dusreis*, no momento em que a personagem explica a origem de seu sobrenome.

Mamãe, enquanto isso, com o menor de três anos, todos os dias madrugava e ganhava a cidade, onde trabalhava na casa da família Fontes dos Reis Menezes, os parentes ricos e longínquos de meu pai. Nó familiar inaugurado no tempo em que os homens da casa-grande eram os donos dos corpos das mulheres, dos homens e das crianças da senzala. Meu bisavô paterno era filho do Coronel Fontes dos Reis Menezes com Filomena, a escrava de dentro de casa, a mãe preta dos filhos dele. Foi essa a origem do meu sobrenome, que ao ser dito como Dusreis, nos originalizou e apartou daqueles, os reis Menezes que não nos reconheciam nem como parentes distantes. Então minha mãe trabalhava para eles, levando a pequenininha, Nininha no colo (EVARISTO, 2016, p. 112).

O conto retrata a realidade de um país forjado sob o signo da violência sexual e que escamoteia os laços consanguíneos entre as famílias brancas e negras. A história de Dusreis é uma metáfora da negação do estupro que criou o mito da miscigenação. O fato de reconhecer os vínculos de parentesco exige que a branquitude se torne consciente do modo pelo qual construiu o seu poder e lidou com os seus desejos sexuais reprimidos. Kilomba (2019) argumenta que, como uma maneira de defender-se, os brancos fogem das verdades postas pelo conhecimento do negro que o confronta. Desse modo, um dos métodos de defesa do ego é negar esse saber, desacreditar, esquecer, não compreender. Contudo, essa repressão é uma estratégia que torna desconhecido algo que já foi trazido à consciência. Por tudo isso, a escrevivência traz à tona a realidade vivida por mulheres negras, e que causa incômodo aos culpados, pelo fato de estar sendo exposta. De acordo com Evaristo, a sua escrita é uma forma de amenizar a dor e de se vingar também:

Do tempo /espaço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Eu menina repetia, intentava. Cresci possuída de oralidade, pela palavra. (...) gosto de escrever mas na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... escrever pode ser espécie de vingança, as vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez um desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. (...) Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece a dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p.201,202, 205)

Assim sendo, a nossa fala põe em xeque o projeto colonial, que nos exclui e nos torna invisíveis, pois a exposição da nossa perspectiva exige um ouvinte, forçando, por assim dizer, uma interação entre o sujeito da fala e o da escuta. Para Kilomba (2019):

Ouvir é, nesse sentido, o ato de autorização à/ao falante. Alguém pode falar somente quando sua voz é ouvida. Nessa dialética aquelas/es que são ouvidas/os são também aquelas/es que “pertencem”. E aquelas/es que não são ouvidas/os se tornam aquelas/es que “não pertencem”. A máscara recria esse projeto de silenciamento e controla a possibilidade de que colonizadas/os possam um dia ser ouvidas/os e conseqüentemente, possam pertencer (KILOMBA, 2019, p. 42-43).

Nesse tocante, podemos perceber que as violências físicas e emocionais, bem como a criação de uma identidade negativa, que, por fim, interfere nas nossas relações com o outro, configura-se como estratégia de silenciamento. Os artifícios para não ouvir sobre as nossas mazelas, para que assim evitem se sentir responsáveis, tem levado a branquitude a aniquilar as

peças consideradas indesejáveis, o que torna a situação das mulheres negras mais complicada, no que diz respeito a sua vida afetiva.

Ora, são elas que sustentam sozinhas as suas comunidades e garantem a vida da prole afrodescendente. Isso ocorre devido aos projetos políticos de marginalização dos homens negros, que resultam em massacres em massa, as construções de identidades negativas para as mulheres negras, o estupro e o abandono da prole, legados da escravização. Nesse sentido, a branquitude tem, na solidão desse grupo, benefícios. Carneiro explica que:

Tem-se reiterado que, para além da problemática da violência doméstica e sexual que atinge as mulheres de todos os grupos raciais e classes sociais, há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima (CARNEIRO, 2020, p. 204-205).

Desse modo, tanto a sexualidade quanto os direitos reprodutivos do grupo são controlados direta ou indiretamente, com o intuito de reduzir a sua população. Carneiro (2011) traz em seu artigo parte do documento elaborado pelo grupo de assessoria do Governo do Estado sobre o censo demográfico de 1980, que explica parte dessa lógica e, mesmo não sendo um documento atual, é pertinente devido ao contexto racista no qual estamos inseridos. O fragmento afirma:

De 1970 a 1980 a população branca reduziu de 61% para 55% e a população parda aumentou de 29% para 38%. Enquanto a população branca praticamente já se conscientizou da necessidade de controlar a natalidade [...], a população negra e parda elava seus índices de expansão, em dez anos, de 28% para 38%. Assim, teremos 65 milhões de brancos, 45 milhões de pardos e 1 milhão de negros. A se manter essa tendência, no ano de 2000 a população parda e negra será da ordem de 60 %, por conseguinte muito superior a branca; e, eleitoralmente pode mandar na política brasileira e dominar todos os pontos chave- a não que façamos como em Washington, capital dos Estados Unidos, onde devido ao fato de a população negra ser da ordem de 63%, não há eleições (CARNEIRO, 2011, p. 132).

Embora a branquitude busque esconder que a nossa solidão é provocada por suas estratégias racistas e sexistas, sabemos que essas ideologias foram e ainda são responsáveis pelas nossas mazelas. São elas que, violentamente, aprisionam nossos corpos numa estrutura colonial que nos classifica como inadequadas. Nesse sentido, esconder o racismo é a forma mais eficaz de torná-lo natural e, por isso, mais difícil de ser combatido.

O mito da democracia racial surgiu como mais um disfarce das ideologias que nos tornam desafetos e não merecedoras de amor, na medida em que aliena o sujeito a partir da ideia de miscigenação. Essa concepção nada mais é do que uma visão que presta a referendar o

mito, que escamoteia práticas políticas e ideológicas que não reconhecem as nossas particularidades, perpetrando injustiças diversas. Carneiro (2011) nos diz que:

A miscigenação vem dando suporte ao mito da democracia racial, na medida em que o intercuro sexual entre brancos, indígenas e negros são o principal indicativo da nossa tolerância racial, argumento que omite o estupro colonial praticado pelo colonizador sobre as mulheres negras e indígenas, cuja extensão está sendo revelada pelas novas pesquisas genéticas que nos informam que 61% dos que supõe brancos na nossa sociedade tem a marca de uma ascendente negra ou índia inscrita no DNA, na proporção de 28% e 33% respectivamente (CARNEIRO, 2011, p. 66).

São dois os projetos que interferem na relação afetiva das mulheres negras e, ao mesmo tempo, que ocultam o racismo. A ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial, ambos produzem um duplo efeito: aceitar para excluir. Inicialmente, a ideologia do branqueamento foi a estratégia utilizada para violentamente realizar uma assepsia social. De acordo com Gonzalez (2020), para que isso ocorresse, houve um forte incentivo à migração de europeus para o Brasil.

Embora essa estratégia não tenha se concretizado plenamente, por não ter um avanço demográfico, ela, juntamente com o mito da democracia racial, causaram danos à afetividade das mulheres negras, que reverberam até hoje pois, além de construírem conscientemente uma identidade negativa, reproduzem em níveis públicos e privados esses estereótipos. De acordo com Gonzalez (2020),

Enquanto o mito da democracia racial funciona nos níveis público e oficial, o branqueamento define os afro-brasileiros no nível privado em duas esferas. Numa dimensão consciente, eles reproduzem aquilo que os brancos dizem entre si a respeito dos negros e constitui um amplo repertório de expressões populares pontuadas por imagens negativas dos negros: “Branco correndo é atleta, negro correndo é ladrão”; “o negro quando não suja na entrada, suja na saída”; “Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar” etc. Essa última expressão aponta para o segundo nível em que atuam os mecanismos de branqueamento; um nível mais inconsciente que corresponde aos papéis e lugares atribuídos ao homem ou a mulher negros (GONZALEZ, 2020, p.154).

O mito da democracia racial tem sido um projeto cujo objetivo é mostrar uma realidade distorcida, sobretudo para os estrangeiros. Desse modo, age no nível externo, apresentando uma certa cordialidade entre os grupos, enquanto a ideologia do embranquecimento, em níveis internos, insere sobre as pessoas negras o estereótipo de seres primitivos, e que, portanto, devem ser civilizados - ou seja, clarear a pele. Assim sendo, não necessariamente nessa ordem, os homens negros, na busca por ascensão social, escolhem se relacionar com mulheres brancas. Essas, na visão de Carneiro (2020, p.92), servem como “avalistas”, e as mulheres negras são incentivadas a “limpar o útero”.

Os estereótipos forjados por tais ideologias ganham força, quando, em época de efervescência carnavalesca, esse grupo tem projeção como rainhas do samba. No entanto, essa soberania oferecida na avenida esconde o real propósito opressor. Na visão de Gonzalez (2020), é no período do carnaval que o efeito simbólico desse mito recai sobre elas pois, ao mesmo tempo em que a transforma em rainha do carnaval, predestina a sua inserção na categoria de objeto sexual. Intencionalmente transmite uma identidade manipulada, na qual elas aparecem como fáceis, quentes e sensuais, sendo totalmente expostas para deleite dos homens brancos. Quando a magia acaba, elas retornam para as cozinhas da casa grande, ou são destinadas ao mercado do sexo. Nesse último ponto, a problemática se torna mais profunda, pois além de chegarem a essa situação devido a uma construção de uma identidade negativa, essas acabam também sendo descaracterizadas como negras, para que os turistas tenham mais facilidade de acesso a esse corpo. Nesse sentido, são classificadas como morena-jambo, mulatas, pardas, enfim, da “cor do pecado”. Carneiro observa que:

Essas identidades criadas com base no aspecto cromático, que vai de preta à mestiça, passando por mulatas, pardas, morenas jambo e tantas outras designações utilizadas em nossa sociedade, promovem (...) em primeiro lugar a fragmentação da identidade racial negra, o que tem por função política de escamotear a importância populacional dos negros e de seus descendentes na população do país e enfraquecer politicamente o grupo negro impedindo sua unidade (CARNEIRO, 2020, p.161).

Tal fragmentação é considerada violenta, por valorizar as negras que têm a pele mais próxima da branca e descartar as mais retintas. Esse processo é um modo de fazer os negros desaparecerem através da ideologia do embranquecimento. A própria construção das identidades dessas mulheres é desumana e, de acordo com Ferreira e Camargo (2011), elas foram socialmente construídas dentro de um contexto de relações de dominação. Os autores explicam que:

O afrodescendente, ao longo de sua vida, vai se sentindo tolhido no exercício pleno de sua cidadania, e aprende comumente a silenciar. Porém como humano dotado do mesmo substrato psíquico que os indivíduos não negros, vai assim construindo uma experiência de vida marcada pelos efeitos da rejeição, da igualdade de direitos que não podem exercer e da falsa aceitação social; tende, portanto a desenvolver-se em um contexto que lhe dificulta a possibilidade de autonomia e ascensão social (FERREIRA e CAMARGO, 2011, p.387).

A partir do exposto, concluímos que a solidão afetiva das mulheres negras é resultado de um conjunto de práticas racistas e sexistas, e, por isso, socialmente estruturadas. Compreender os problemas que influenciam nas relações dessas mulheres é também entender

o modo como a nossa sociedade foi formada, além de perceber que, mesmo na contemporaneidade, o modelo colonial ainda é uma referência.

Como método de dominação, a identidade negativa dessas mulheres foi criada para inferiorizá-las; portanto, o cenário de desvalorização atual foi forjado na escravidão e implantado no imaginário dos brasileiros. Esses continuam provocando uma série de problemas graves, como a violência física e emocional, o estupro, o abandono na maternidade, a exclusão nos espaços corporativos e educacionais, bem como o preterimento afetivo-sexual.

Diante das situações pontuadas, mulheres negras estão em movimento para combater essas práticas racistas e sexistas. A escrevivência de Conceição Evaristo tem sido fundamental para contrapor esses discursos, questionar a história até hoje narrada e borrar uma identidade cruel que lhes mantém no lugar de subalternidade e preterimento. Nesse sentido, tem sido um lugar de refúgio, organização política, expurgação de memórias e afirmação.

Desse modo, compreendemos que a escrita é um ato negado às mulheres negras pela branquitude, como uma forma de fazer circular as vozes silenciadas, como podemos notar no poema *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo:

(...)

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(EVARISTO, 2017, p.24)

A escrevivência de Conceição Evaristo faz justiça à memória de mulheres negras que, vivendo em um contexto hostil, não puderam denunciar os maus tratos. Nesse sentido, mantém-

se os princípios da tradição quilombista, na qual a preservação da memória histórica, a solidariedade negra, a construção de identidades baseadas na liberdade, a resistência e enfrentamento políticos se fazem presentes. Assim sendo, Evaristo lidera o seu quilombo literário, e se aproxima das ancestrais que lideraram importantes quilombos no Brasil, como Tereza de Benguela, que organizou o Quilombo do Quarterê, em Mato Grosso; Zaferina, que comandou o quilombo do Urubu; Maria Felipa de Oliveira, que liderou na Ilha de Itaparica, entre outras. A partir disso, podemos observar que o protagonismo de mulheres negras vem, há muito tempo, libertando seu povo do jugo da escravidão. De acordo com Werneck (2010):

No caso das mulheres negras e suas lutas, é possível considerar que tais formas organizativas tiveram participação importante na organização da série de ações de resistência à escravidão empreendidas ao longo dos séculos que durou o regime no Brasil, tanto aquelas ações cotidianas de confronto entre senhores e escravos, como as fugas individuais e coletivas, os assassinatos (justiçamentos) de escravocratas mulheres e homens, as revoltas nas fazendas e as revoltas urbanas lideradas por africanos e afro-brasileiros que marcaram a história do país e deram uma feição especial a todo o século XIX. Todas tiveram expressiva participação de mulheres em diferentes posições, especialmente a partir de sua capacidade de circulação e articulação entre diferentes grupos (WERNECK, 2010, p.80).

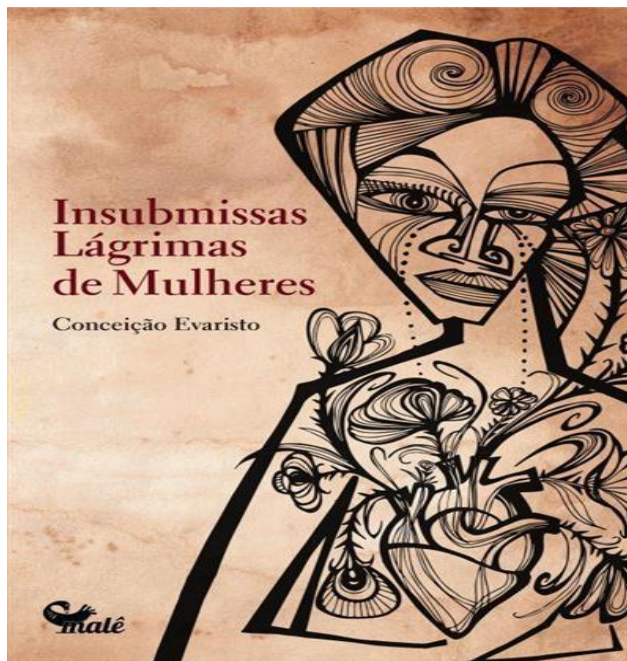
A partir do trecho supracitado, podemos perceber que Evaristo traz em sua escrita os ideais de libertação estabelecidos por essas mulheres e pelos quais elas lutaram. Em razão disso, a escrevivência objetiva devolver a dignidade das mulheres negras, tanto as que hoje ainda vivem, como a das ancestrais. A autora explica que foi necessário ampliar a significação do termo, para que pudesse abarcar também as Mães Pretas que, devido ao cárcere dentro da casa-grande, tiveram suas vozes apagadas. Interpreto, desse modo, como aquelas que não conseguiram chegar aos Quilombos. Para Evaristo (2020):

Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo da minha memória que encontrei força motriz para conceber, pensar, falar e desejar ampliar a semântica do termo. Escrevivência em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita de mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, que o corpo-voz de mulheres negras tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita nos pertencem também (EVARISTO, 2020, p. 30).

Assim sendo, escrevivência é um lugar onde se instauram os discursos das mulheres negras que são ameaçadas pelo silenciamento imposto pelo regime servil. E, contrariando a ordem colonial que visa nos tornar solitárias, a escrevivência é para aquilombarmos. Abdias Nascimento (2002) explica que todas as organizações que objetivam contribuir de forma recíproca para a nossa existência enquanto seres, é considerada como quilombista.

Os quilombos resultaram dessa exigência vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga ao cativeiro e da organização de uma sociedade livre (...) Porém tanto os permitidos quanto os "ilegais" foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a esta praxis afro-brasileira, eu denomino de quilombismo (NASCIMENTO, 2002, p. 337).

Podemos observar em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) a *práxis* quilombista. A própria forma como o livro é estruturado alude ao propósito do quilombo, que prioriza a vida do povo negro. O primeiro elemento relacionado a isso é a capa apresentada nesta imagem.



Fonte: amazon,2022.

Essa, como podemos notar, possui um desenho de uma mulher negra cujas lágrimas derramadas regam o seu coração que está florescendo. A imagem ocupa a maior parte do espaço, o que nos leva a inferir que o feminino negro está em primeiro plano. O outro elemento que chama a atenção é que o título aparece fixado ao lado do rosto da mulher, na direção do espaço que fica situado entre os olhos, que testemunham, e a boca, que representa a fala. Isso nos leva a inferir que é através da fala, da coragem de denunciar as experiências causadas pela estrutura racista e sexista, que as mulheres mostrarão a sua insubordinação a um sistema que impede a circulação do seu discurso. Para Kilomba (2019), a boca das pessoas negras sempre representou perigo para a branquitude:

A boca é um órgão especial. Ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo, a boca se torna um órgão de opressão por excelência, representando o que as/os brancas/os querem- e precisam- controlar e, conseqüentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente censurado (KILOMBA, 2019, p.33-34).

Outro ponto que representa o quilombismo na obra é o protagonismo dado às mulheres negras. Isso é representado tanto nos títulos, cuja composição é feita pelos nomes das personagens, quanto no momento em que a história está sendo contada. Embora as narrativas possuam uma narradora personagem que faz o papel de repórter responsável por coletar e organizar essas histórias, essa, em alguns momentos, introduz a história, contando como os encontros entre ela e as personagens ocorreram e, logo em seguida, cede o momento de fala para as mulheres entrevistadas, como podemos ver neste fragmento:

Enquanto Lia Gabriel me narrava a história dela, a lembrança de Aramides Florença se intrometeu entre nós duas. Não só a de Aramides, mas as de várias outras mulheres que se confundiam em minha mente. Por breves instantes, me veio também a imagem da Mater Dolorosa e do filho de Deus pregado na cruz, ficções bíblicas, a significar a fé de muitos. Outras deusas mulheres salvadoras, procurando se desvencilhar da cruz, avultaram em minha memória. Aramides, Líbia, Shirley, Isaltina, Da Luz e mais outras que desfiavam as contas de um infinito rosário de dor. (...) Tenho vivido muito sozinha – foram essas as palavras de Lia Gabriel- há muito tenho tido desejos de falar para alguém esse episódio da minha vida. Boa hora a de sua chegada, eis pouco de minha história e da de meus filhos: (...) (EVARISTO, 2016, p.95)

Narrar suas próprias vivências é extremamente importante para as mulheres negras, pois, além de terem sido por muito tempo silenciadas e não terem a oportunidade de falarem por si mesmas, suas histórias foram contadas pela perspectiva do colonizador. Dessa maneira, suas imagens, bem como os modos de serem e agirem, foram deturpados e fixados no imaginário coletivo como verdade. Sobre a unilateralidade das histórias, Adichie (2019, p.12) nos explica que: “É assim, pois, que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão.”

A autora defende que esse tipo de narrativa deixa as pessoas mais suscetíveis a cometerem equívocos, já que os outros pontos de vista não lhes foram apresentados, devido ao monopólio cultural da branquitude. Nesse sentido, as histórias têm poder de interferir negativamente na vida do outro, mas também podem reconstruir a identidade e a humanidade que foram retiradas. De acordo com Adichie (2019):

Histórias têm sido usadas para expropriar e ressaltar o mal. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. (ADICHIE, 2019, p.16)

Assim sendo, a escrevivência desenvolve a tarefa política de mobilizar vozes excluídas das mulheres negras para que, juntas, possam combater o sistema colonial e todas as formas de opressão. Em razão disso, as personagens assumem seus discursos e trazem a visão que elas

têm delas mesmas, contando como o racismo e o sexismo lhes causaram feridas indelévels. Kilomba (2019) afirma que:

É comum insistir no que alguém fez- o que você fez depois?-, mas não no que o racismo fez com a pessoa. O mito de que as pessoas negras se vitimizam quando falam sobre as feridas causadas pelo racismo é uma estratégia muito eficaz para silenciar aquelas que estão prontas para falar. a questão, o que o racismo faz com você? Não tem nada a ver com vitimização; tem a ver com empoderamento, pois precede um momento no qual alguém se torna o sujeito falante, falando de sua própria realidade (KILOMBA, 2019, p.227).

Sendo assim, os 13 relatos objetivam preencher as lacunas deixadas por uma história que não foi contada e que a branquitude faz questão de apagar. Para tanto, a memória aparece na obra como um aparato tecnológico que possibilita tanto o reconhecimento dos ataques racistas e sexistas, quanto a afirmação da identidade coerente com os ideais de liberdade dessas mulheres. Para Candau (2011):

A memória com frequência recusa a calar-se. Imperativa, onipresente, invasora, excessiva, abusiva, é comum que seu império se deve a inquietude dos indivíduos em busca de si mesmos. (...) Não satisfazer a memória é expor-se ao risco do desaparecimento. (CANDAU,2011 p. 125)

Diante do exposto, podemos perceber que a memória assegura a continuidade da existência das mulheres negras na sociedade, e afirma a sua herança africana. Como forma de garantir a sobrevivência, ela traz à tona todo o processo de violência, de marginalização contra esse grupo, de modo que possamos perceber que o racismo permanece como legado da escravidão, e que precisamos criar mecanismos para combatê-lo.

Sendo assim, a partir da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), consideramos a escriturização de Conceição Evaristo como um projeto estético, político e literário baseado no quilombismo. Seu senso de comunidade estabelece elos de solidariedade entre as mulheres negras. Desse modo, também contraria o sistema colonial, que objetiva separá-las de seus pares e mantê-las em confinamento. Essa obra também representa a coragem dessas mulheres em se mobilizarem para romper o silenciamento historicamente imposto. Portanto, todas as nossas mazelas que interferem nas nossas relações promovendo ódio, violências físicas e emocionais e nos impossibilitam de viver sentimentos humanos como amor, afetos, serão denunciadas no sentido de expurgar e fazer justiça.

A partir do exposto, é possível notar ainda que a maneira como se pensa as estratégias de enfrentamento da opressão provocada pelas estruturas coloniais são baseadas na cosmovisão africana. É ela que de acordo com Allan da Rosa (2013) nos dá subsídios para criar formas autônomas de modificar a mentalidade do nosso povo. Além disso, nos dá força para refletir

sobre aspectos importantes para a nossa emancipação, como “a memória, a tradição e os nossos desejos,” Rosa (2013, p.15).

É importante ressaltar que dentro desse processo a memória possui grande relevância para a população negra no enfrentamento do racismo e do sexismo. De acordo com Pollak (1992) “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais” (...). A branquitude sempre se interessou pelo apagamento delas em relação as pessoas negras, pois desse modo as injustiças seriam mantidas impunemente e não haveriam cobranças pela reparação das desigualdades. Sabemos que a memória guarda legados da nossa ancestralidade que são elementos importantes para a construção da nossa identidade e ainda eventos do processo de escravização. Lembrar nos mantém alertas e possibilita a elaboração de estratégias de enfrentamento.

A escrevivência de Evaristo, neste sentido, desenvolve o papel essencial de selecionar e inserir nos contos situações históricas que não nos deixam esquecer as tentativas de apagamento dos elementos que contribuem para a construção da nossa identidade enquanto pessoa negras.

3.1 ESCREVIVENDO A SOLIDÃO DA MATERNIDADE NEGRA

As narrativas da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) abordam as relações afetivas das mulheres negras de modo que, o racismo e o sexismo sejam percebidos como os principais fatores que desencadeiam a solidão. Essa, devido ao contexto de violência contra os corpos dessas mulheres, se estende a todos os âmbitos de suas vidas, sendo a maternidade um deles.

Sabemos que, o exercício do maternagem era papel anteriormente negado às mulheres negras, devido às condições que o sistema colonialista estabelecia. Dentro da conjuntura racista e sexista, esses corpos eram considerados meros reprodutores de mão de obra escrava, fonte de alimento para os filhos dos senhores, força de trabalho e objetos de prazer. Nesse sentido, o direito de estabelecer laços afetivos com as suas crianças eram retirados. Davis (2016), ao discutir a experiência das escravizadas, explica que:

A exaltação ideológica da maternidade- tão popular no século XIX- não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos dos seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram “reprodutoras” - animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar (DAVIS, 2016, p. 26).

Após a suposta liberdade, as mulheres negras continuam não sendo vistas como mães devido hipersexualização e objetificação de seus corpos. Em razão disso, elas são exploradas e abandonadas pelos seus parceiros, tendo que assumirem sozinhas as responsabilidades pelas crianças. Como veremos conto *Aramides Florença* em que a personagem introduz o relato da sua história afirmando que foi abandonada pelo marido dias após essa ter dado à luz a Emildes Florença.

Ele começou a balbuciar algo que parecia uma cantiga. Aramides me olhou, dizendo feliz que, o seu filho pronunciava sempre os mesmos sons, desde que que o pai dele havia partido, há quase um ano, quando o bebê tinha somente alguns dias de vida (EVARISTO, 2016, p.9).

O conto inicia com uma cena composta pela imagem de Aramides sentada na cadeira de balanço com o bebê no colo, balbuciando uma cantiga que parecia festejar a partida do pai. Toda a descrição do cenário remete a um contexto doloroso e traumático. O marido da personagem que, inicialmente, aparentou estar feliz com a gravidez da esposa, sutilmente muda o comportamento, passando a maltratá-la.

Fechou os olhos e gozou antecipadamente o carinho das mãos do companheiro em sua barriga. Só que, nesse instante, gritou de dor. Ele, que pouco fumava,

e principalmente se estivesse na presença dela, acabara de abraça-la com o cigarro aceso entre os dedos. Foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides. Um ligeiro odor de carne queimada invadiu o ar. Por um ínfimo momento, ela teve a sensação de que o gesto dele tinha sido voluntário (EVARISTO, 2016, p. 140).

Essa atitude do homem demonstra que ele queria a esposa na posição de servilismo, e não como integrante real da família, apesar de serem casados. Contudo, por questões morais, ele conseguia disfarçar a sua real intenção, como no momento em que saem do hospital e ele se rejubila, fazendo Aramides experimentar a sensação de ter construído uma família unida e feliz, como vemos no seguinte fragmento: “Mãe, pai e filho felizes, noutro dia deixaram o hospital. Sagrada família! O homem repetia cheio de júbilos a louvação de sua trindade: ele, a mulher e o filho” (EVARISTO, 2016, p.15).

No fragmento, percebe-se que existe um tom de ironia, cujo objetivo é criticar os modelos de família colonial que foi institucionalizada como ideal e aceita na nossa sociedade, no momento em que a narradora associa a Aramides, o marido e o filho à Maria, José e Jesus, símbolos da família católica tradicional. Essa configuração de família alicerçada na lógica patriarcal violenta as mulheres negras, duplamente em função da raça e do sexo. O lugar que é reservado as mulheres negras dentro dessa construção familiar é o de empregada, não de mãe e esposa. Logo, o trecho chama atenção para uma realidade imposta as mulheres negras que as impedem de construir uma família na qual seja respeitada e valorizada.

À vista disso, o conto denuncia as ideologias racista e sexista que as impede de vivenciar a maternidade em sua plenitude. Ambas colocam as mulheres negras na posição de objeto sexual, nunca na condição de mães. Evaristo (2015) explica que o estereótipo de negras estéreis, sem família, é reforçado na mídia e na literatura, De acordo com a autora:

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. Na ficção, quase sempre, as mulheres negras surgem como infecundas e por tanto perigosas (EVARISTO, 2015, p. 53).

A negação ao direito reprodutivo dessas mulheres é uma estratégia genocida para eliminar a população negra. Carneiro observa que o ódio racial tem levado à minoria branca exterminar a negritude a cada instante. Ressalta, ainda, que os estudos apontados pelos intelectuais eugenistas do século XIX acreditavam que, até 2015, o nosso país estaria livre das pessoas negras. Contudo, Carneiro (2011, p.85) assegura que: “sobrevivemos à escravidão,

temos sobrevivido à exclusão, sobreviveremos aos periódicos genocídios. Somos uma “petralhada inextinguível”, como disse em desespero, Monteiro Lobato.”

Embora resistamos a esses ataques, penso que às estratégias de punições das mulheres negras que se tornam insubmissas ao projeto eugenista, tem se intensificado provocando o aumento da violência contra nós. Em outro artigo Carneiro (2011) explica, que a descriminalização do aborto conquista importante para o movimento feminista, tem sido alvo de interpretações cruéis e racistas, provocando mais uma violência contra nossos corpos. A legalização do aborto tem sido pensada como forma de combater à violência. De acordo com a autora essa reivindicação, “é pervertida em proposta de política eivada de ideologia eugenista destinada à interrupção do nascimento de seres humanos considerados potenciais marginais” (CARNEIRO, 2011, p.131).

Por tudo isso, refletir a solidão da maternidade negra a partir da obra de Evaristo é uma forma de enfrentamento, pois contrapõe as formas de violências feitas contra nós através de representações distorcidas em outras literaturas. Desse modo, aponta para como o racismo e o sexismo marcam a nossa corporeidade, nos colocando dentro de um padrão estético inaceitável, como pertencentes a uma categoria inadequada para relações afetivas e como corpos impossibilitados de gerar, pois fomos predeterminados dentro de um domínio colonial para o serviço e o cuidado dos filhos do patrão, e nunca dos nossos. Essas construções nos tornam vulneráveis às violências diversas. No conto, isso aparece no período pós-parto de Aramides.

Duas semanas após o nascimento da criança, o marido da personagem se torna o algoz e reclama para si, os direitos sobre o seu corpo, interrogando, “quando ela novamente seria dele, só dele” (Evaristo, 2016, p.15). Contudo, ao sentir-se contrariado pelo fato de Aramides não ceder as vontades do marido, ele a violentou, como veremos no seguinte trecho.

Ninguém por perto para socorrer o meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre a cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou. E, em mim, o que ainda doía um pouco pela passagem de meu filho, de dor aprofundada sofri, sentindo o sangue jorrar. (...) Era esse o homem que me violentava, que machucava meu corpo e a minha pessoa, no que eu tinha de mais íntimo. Esse homem estava me fazendo coisa dele, sem se importar como nada, nem com o nosso filho, que chorava no berço ao lado. E quando se levantou com seu membro murcho e satisfeito, a escorrer o sangue que jorrava de mim, ainda murmurou entre os dentes que não me queria mais, pois eu não havia sido dele, como sempre, nos momentos de prazer. (EVARISTO, 2016, p. 17-18)

As interferências do racismo e do sexismo na afetividade da personagem se dão pela coisificação do corpo e da sua condição como mulher dentro de uma sociedade, cuja ideologia

a coloca como inferior aos homens. Tudo isso se configura como herança da escravidão que a branquitude não pretende abrir mão. À vista disso, concordamos com Kilomba (2019) quando essa afirma que:

Estamos lidando aqui com um estado de luto colonial, já que o sujeito branco se sente incrédulo e indignado porque as/os Outras/os raciais também podem se tornar iguais a ele. Somos de fato aprisionadas/os num ato de colonialismo que somos obrigadas/os a desfazer (KILOMBA, 2019, p. 226).

É importante destacar que a mesma ordem que perpetua essas hierarquias de gênero e de raça é a mesma que permite que ainda sejamos punidas pela desobediência com a mais perversa ferramenta: a violação do corpo. De acordo com Davis (2016, p.40) “O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir (...)”.

O estupro e abandono na maternidade também aparecem como formas de torturas no conto *Shirley Paixão*. A personagem, que é mãe de três meninas de um primeiro relacionamento marcado pela ausência do marido, “que tinha ido embora sem nunca dar notícia” (EVARISTO, 2026, p.28). Se unirá a um novo companheiro, adotando de modo afetivo as duas filhas dele. Contudo, o relacionamento que inicialmente é tranquilo, característica semelhante ao primeiro conto, passa a ser aterrorizado pelos abusos sexuais cometidos pelo marido contra a sua própria filha mais velha, Seni.

No primeiro relacionamento, verificamos que o comportamento masculino de abandono geralmente é baseado nos estereótipos racista e machista da negra forte que suporta tudo sem reclamar, até cuidar dos filhos sozinha em uma sociedade perversa. Contudo, essa é uma estratégia presta a referendar a desumanização das mulheres negras.

Evaristo expõe essa realidade, mas também traz a perspectiva que contraria o projeto de coisificação dessa mulher destacando o lado amoroso da nossa subjetividade que é capaz de acolher os filhos que não são nossos ao contrário do masculino que nos oprime e deixa os seus à própria sorte. Por tudo isso, o homem não é nomeado, o que leva a inferir que o masculino em geral, brancos e negros se tornam irmanados no que diz respeito ao comportamento sexista.

No conto, o novo companheiro de Shirley estranhamente começa a apresentar reações machistas no momento em que implica com a união e cumplicidade do clã composto pela esposa, suas três filhas e as duas enteadas. Como aparece no fragmento abaixo:

E assim seguia a vida cúmpliciada entre nós. Eu, feliz, assistindo às minhas cinco meninas crescendo. Uma confraria de mulheres. Às vezes, o homem da casa nos acusava, implicando como o nosso estar sempre junto. Nunca me importei com as investidas dele contra a feminina aliança que nos fortalecia. Não sei explicar, mas em alguns momentos, eu chegava a pensar que

estávamos nos fortalecendo para um dia enfrentarmos uma luta. Uma batalha que nos esperava e, no centro do combate, o inimigo seria ele (EVARISTO, 2016, p.28).

A união entre elas ameaçava o domínio do homem. Em razão disso, ele usou da sua virilidade para intimidar o feminino, assim como no conto *Aramides Florença*. Podemos perceber ainda que o homem tinha um suposto poder naquele ambiente, devido à presença do termo “homem da casa.” Essa posição que ele ocupa surge de uma ideologia patriarcal que pensa o gênero masculino como superior aos outros e, portanto, deve dominar, independente, do método utilizado. Em *Shirley Paixão*, o estupro da filha mais velha, foi mais uma vez a ferramenta de repressão. Como é apresentado no trecho abaixo:

Então, puxou violentamente, Seni da cama, modificando naquela noite, a maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa, para machuca-la, como acontecendo há anos. (...) só podia ser ele, mas não imaginava a brutalidade da cena. Por um momento, pensei que ele, na ignorância dele, tivesse subido ao quarto para brigar mais uma vez com Seni. Foi quando assisti à cena mais dolorosa de minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem saber que ele era o próprio algoz (EVARISTO, 2016, p.31-32).

Ao presenciar a cena, Shirley foi ferida nos seus espaços íntimos, a casa e o seu coração. Ao violar Seni, o homem instalou um terror psíquico no clã que o acompanhará durante a vida deixando marcar indeléveis. O estupro foi um modo de mostrar a Shirley e as filhas que elas eram vulneráveis diante do poder que o masculino exerce em uma família nuclear. Podemos inferir também que esse domínio que impõe a submissão às mulheres foi o mesmo que desencorajou Seni em pedir ajuda à mãe, carregando sozinha o fardo do abuso.

A vida de Shirley e das filhas foram forjadas pela barbárie e abandono cometidos pelos companheiros e pais. Esses que deveriam protegê-las se tornaram os próprios torturadores. Podemos observar que, os sentimentos de desproteção e pavor que tanto Aramides quanto Shirley e as filhas vivenciaram causados pelos companheiros, assemelham-se as sensações de pavor e solidão que as escravizadas tinham ao sofrerem assaltos sexuais dos colonizadores como forma de punição. Neste sentido, as mulheres negras revivem constantemente a dor da traumatização. Para Kilomba (2019) o trauma desse grupo deriva do contato com a ordem estabelecida pelo mundo branco. E atemporalidade do racismo e do sexismo que nos leva a regressar na antiga dor. Neste sentido:

De repente, o colonialismo é vivenciado como real- somos capazes de senti-los! Esse imediatismo, no qual o passado se torna o presente e o presente o passado, é outra característica do trauma clássico. Experiencia-se o presente

como se tivesse no passado. Por um lado, cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo cotidiano (o presente) remonta cenas do colonialismo (o passado). A ferida além do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa; o passado e o presente entrelaçam-se como resultado. (KILOMBA, 2019, p.158)

Neste sentido, o patriarcado permite que o fantasma do colonizador ressurgja através dos maridos, pais dos filhos dessas personagens, colocando-as em perigo e também a sua prole. Desse modo, é afirmado da imutabilidade do domínio colonial, já que esses homens acabaram assimilando e reproduzindo o autoritarismo, a punição, o abuso sexual e o abandono da prole negra.

É importante frisar que essas atitudes são originadas de processos alienantes, que levam muitos homens negros a reivindicarem para si mesmos o status do homem branco e os seus privilégios de másculo. Nesse sentido, ele não poupa a mulher negra por considerá-la inferior a ele. De acordo com bell hooks (2020), os homens negros aceitaram a hierarquia de gênero. Com isso, os problemas afetivos das mulheres negras se tornaram mais profundos, pois também sofrem com a opressão dos homens de seu grupo. Como podemos perceber no conto *Lia Gabriel*, cuja personagem, mãe de três filhos, experiencia a violência doméstica. Segue o relato:

Era uma tarde de domingo, eu estava com as crianças assentadas no chão da sala, fazendo uns joguinhos de armar, quando ele entrou pisando grosso e perguntando pelo almoço. Assentada eu continuei e respondi que o prato dele estava no micro-ondas, era só ele ligar. Passando uns instantes, ele o cão raivoso, retornou à sala, avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá abriu a torneira do tanque a minha boca, enfiou minha cabeça debaixo d'água, enquanto me dava fortes joelhadas por trás. Não era a primeira vez que ele me agredia. Eu só escutava os gritos e imaginava o temor delas. Em seguida, ele me jogou no quatinho de empregada e, com um cinto na mão, ordenou que eu tirasse a roupa, me chicoteando várias vezes. (...) (EVARISTO, 2016, p.102).

Podemos notar que o marido de Lia a trata da mesma forma que os senhores faziam com suas escravas. A forma como a narração é construída, por vezes destacando metonimicamente, alguns elementos que remontam a escravização como o chicote, o quatinho da empregada, nos leva a refletir sobre como o tronco ainda faz parte do cotidiano de muitas mulheres negras, que ainda continuam sendo escravizadas, torturadas e sobretudo quando essas têm filhos. A maternidade muitas vezes é usada como mais uma forma de maltratá-las. Como podemos ver em mais um episódio do conto no qual o marido coloca o filho mais novo, Máximo Gabriel em seu colo para dar continuidade as sessões de tortura.

Eu não emiti um só grito, não podia assustar mais as crianças, que já estavam apavoradas. O que mais me doía era o choro desamparado delas. Depois, ele voltou à sala e me trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra

mim. Aparei meu filho nos braços que já sangravam. Começou uma nova sessão de torturas. Ele me chicoteando e eu com Gabriel no colo. E, quando uma das chicotadas pegou no corpo do meu menino, eu só tive tempo de me envergar sobre meu filho e oferecer as minhas costas e as minhas nádegas nuas ao homem que me torturava. (EVARISTO, 2016, p.102)

Após o ocorrido, Lia Gabriel procura abrigo na casa da mãe, que a acolhe por poucos dias e aconselha a filha se reconciliar do marido, por causa das crianças, atitude comum devido à naturalização da violência contra as mulheres. Porém, quando Lia retorna, o marido já havia fugido de forma covarde, deixando na personagem feridas físicas emocionais e, além disso, consequências graves no filho que, devido à traumatização, recebe o diagnóstico de uma provável esquizofrenia. A partir do diagnóstico, começa a peregrinação da personagem em busca de tratamento para as crises de agressividade do filho contra ele mesmo, que projetava em si a figura do pai.

“Jogava-se no chão, às vezes repentinamente, por nada ou por algum desejo contrariado. Nesses momentos de raiva incontida, batia com a cabeça na parede, arrancava os próprios cabelos, puxava os lábios, o nariz, as orelhas, mordida a si próprio, se autoflagelando (EVARISTO, 2016, 97).

Lia representa muitas mulheres negras que sofrem violência doméstica e são abandonadas à própria sorte com seus filhos, que também carregam algum problema derivado da relação conflituosa provocada pelo pai. A doença de Máximo Gabriel desencadeia na personagem um misto de sentimentos, como culpa, vergonha, remorsos, devido ao arrependimento de ter escolhido esse homem para ser o pai dos filhos. Em *Shirley Paixão*, sensações semelhantes também ocorrem, como pode ser percebido nesse fragmento: “Só há um arrependimento, foi de ter confiado naquele homem, que contaminou de dores a vida de minhas meninas (EVARISTO, 2016, p. 31).”

Em outro conto intitulado *Mirtes Aparecida da Luz*, a personagem que possui deficiência visual, também sofre as consequências em escolher o marido para ser pai de sua filha. Contudo, diferente dos outros contos em que as mulheres foram agredidas, Mirtes é violentada emocionalmente ao ser abandonada pelo marido na sala de parto no momento em que ia dar à luz a sua criança, Gaia.

Só um lamento, meu e de Gaia Luz. A ausência do pai que ela não conheceu. O pai que se deixou molhar pela água amniótica que de mim descia, ao me amparar nos braços, a caminho do hospital, com a menina já prestes nascer. E, a partir daí, não sei mais o que aconteceu ao meu redor. Meus sentidos tomados, concentrados na entrega do parto, não me deixaram perceber que o pai de minha menina se retirava deixando um eterno vazio. Não o porquê da renúncia dele em continuar conosco. Não sei e nunca saberei. Não tenho respostas, só perguntas (EVARISTO, 2016, p. 84).

Nesse conto, Evaristo traz os conflitos psicológicos das personagens, questionamentos, agruras e as lacunas na alma, deixadas por uma dor individual, mas que ao mesmo tempo é ancestral, pois podemos reconhecê-las através da memória evocada. Nós, mulheres negras, fomos treinadas para cuidarmos de tudo sozinhas, para colocar o outro em primeiro lugar e nunca sermos cuidadas e amadas. Esse aprendizado se inicia na infância, quando precisamos cuidar dos nossos irmãos para nossas mães poderem trabalhar nas cozinhas das mulheres brancas. Desse modo, o racismo molda nossa vivência de tal forma que a solidão se torna uma constante.

Ao problematizar as questões que envolvem a maternidade das mulheres negras, Evaristo chama a atenção para as violências física e simbólica cometidas pelo poder concedido ao masculino, e que estão imbricadas no inconsciente coletivo como algo natural. No entanto, essas, apesar dos avanços e das lutas do feminismo negro, ainda continuam sendo reproduzidas nas relações, causando desamparo, solidão, adoecimentos e vulnerabilidades financeiras. Além disso, a autora nos mostra que essas circunstâncias legitimadas interferem nas nossas escolhas afetivas, no acolhimento dos nossos sonhos. À vista disso, nos empurram para o confinamento, pois, o contexto de violência no ambiente doméstico nos força a escolhermos, em muitos casos, a solidão.

A situação trazida por Evaristo através de sua escrivência, ou seja, escrita cujo pano de fundo é a vida, seja a dela mesma ou de experiências de outras que chegaram até ela e, desse modo, se tornaram parte de sua vivência, remete as cenas narradas por Carolina de Jesus em *Quarto de despejo* (2014). Como veremos no trecho em que a autora descreve a briga da vizinha: “A Sílvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão.” (JESUS, 2014, 10)

A experiência que Carolina passou observando às uniões conjugais das suas vizinhas levava a entender que as mulheres estão em uma posição desvantajosa em relação ao parceiro. Desse modo, ela encontra na solidão uma forma de manter a sua dignidade e segurança, e também as de seus filhos. Ela, em seu diário, afirma: “não casei e não estou descontente. Os que preferiu-me me eram soezes e as condições que me impunham eram horríveis (JESUS, 2014, p.14)”.

Os acontecimentos trazidos por Carolina em *Quarto de despejo* (2014) e os relatos da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) são a representação do contexto vivenciado pela maioria das famílias negras cujas estruturas são monoparentais. Podemos notar ainda, que as mulheres que chefiam esses lares são estigmatizadas como “mães solteiras”, termo totalmente

inadequado, por associar a mãe a um estado civil. No entanto, no caso do grupo citado, o sentido desse vocábulo se tornou uma regra em que poucas são exceções. Essas geralmente, são mulheres que devido ao contexto racista e sexista não conseguem se mobilizar socialmente, continuam na pobreza dependendo do assistencialismo do governo que por sua vez é omissivo a uma situação criada pela própria estrutura da qual emergem.

Além dessas questões apontadas por Evaristo como sendo um problema na maternidade das mulheres negras, outros traumas e estigmas marcam a nossa vivência em relação a esse processo, que muitas vezes nos levam a desistir de sermos mães. A autora lucidamente aprofunda a questão, trazendo uma personagem, Líbia Moirã, que carrega o trauma de ter visto o momento em que a mãe dá à luz seu irmão mais novo. Essa cena atormentava a Líbia através de terríveis sonhos.

- Passei a minha infância perseguida por um sonho, ou melhor, por um quase pesadelo. Tudo começou, eu me lembro, por volta dos meus cinco anos. Tão angustiante era a sensação que esse sonho me causava, que havia períodos em que eu passava dias e dias sem dormir. Na ocasião de maior temor eu fugia para o quarto dos meus pais. Tinha a esperança de que eles me abrigassem, pois ali dormia o caçula, de quase quatro anos. Nunca encontrava acolhida. Mamãe sem me consolar, me despachava do quarto e, muitas vezes, o caçulinha era banido também. (...) A certeza de meu irmão menor junto a mim apaziguava um pouco a angústia de não poder pegar no sono. E, quando vencida pelo cansaço, adormecia e o mesmo pesadelo me assolava. Sempre o mesmo: eu, perdida em algum lugar indefinido, sozinha vendo uma coisa grande, muito grande saindo de um buraco muito pequeno. O movimento dessa coisa grande rompendo o buraco muito pequeno era externo a mim, mas me causava uma profunda sensação de dor. (EVARISTO, 2016, p.87- 88)

O trauma adquirido nesse evento leva Líbia a ser motivo de zombaria na família, na escola. Todo esse sofrimento leva a personagem a tentar suicídio. Quando adulta, ela evita construir uma vida conjugal por medo de compartilhar as noites dolorosas com o parceiro. Até que um dia, na festa de aniversário do irmão, ela descobre o significado desse sonho que a visitava todas as noites.

Quando eu vi o pedaço de bolo na mão, eu, que nunca pensei na maternidade, desejei ter um filho. Seria a ele que eu ofertaria o meu primeiro pedaço de bolo, sempre. A imagem desse filho, pela primeira vez desejado em minha vida, se confundiu com o rosto de meu irmão caçula. (...) Uma volta no tempo me permitiu significar um sofrimento que eu vinha carregando a vida inteira. Eu tinha visto meu irmãozinho nascer. Pequena de pé, agarrada ao berço, no qual eu dormia, no quarto de meus pais, assisti a todo o trabalho de parto de minha mãe. O neném estava nascendo antes do tempo. Os grandes, devido à gravidade do momento, se esqueceram de minha presença. Minha mãe sangrava e gritava. (...) (EVARISTO, 2016, p.93-94)

No conto, podemos perceber, através do olhar da personagem, que o trabalho de parto é o medo que assombra a maioria das mulheres quando se trata da maternidade. Trazer essa

abordagem sob a perspectiva do trauma que interditou a personagem de ter uma vida normal e de ser mãe, de modo sutil põe em xeque o discurso racista de que as mulheres negras são resistentes ao sofrimento e que ter filhos para elas é mais fácil. O contexto em que Lúbia vivia denuncia que essa experiência pode ser bastante dolorosa para as mulheres negras, tanto fisicamente quanto emocionalmente. Contudo, o processo de desumanização pelo qual passamos dentro de uma sociedade racista e sexista anula o nosso sofrimento e os nossos medos diante da complexidade da vida. Nesse sentido, nos sentimos em completa solidão ao lidar com os nossos conflitos e anseios.

Embora o conto não se refira explicitamente ao problema da violência obstétrica. As reflexões feitas a partir dele nos dá possibilidades de discutir essa situação, que vem sendo cada vez mais reproduzida contra nossos corpos, devido ao racismo estrutural e institucional. Essa afirmação é confirmada nos resultados das análises realizadas por um estudo intitulado *Iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto*, desenvolvido pela Fio Cruz:

A análise comparativa de puérperas pretas vs. Brancas gerou uma submostra de 6,689 mulheres, 1.840 pretas e 4.849 brancas após o pareamento pelo escore de propensão. As puérperas de cor preta possuíram maior risco de terem um pré-natal inadequado (OR = 1,62; IC95%: 1,38-1,91), falta de vinculação à maternidade (OR = 1,23; IC95%: 1,10-1,37), ausência de acompanhante (OR = 1,67; IC95%: 1,42-1,97) e peregrinação para o parto (OR = 1,33; IC95%: 1,15-1,54). As pretas também receberam menos orientação durante o pré-natal sobre o início do trabalho de parto e sobre possíveis complicações na gravidez. Apesar de terem menor chance para uma cesariana e de intervenções dolorosas no parto vaginal, como episiotomia e uso de ocitocina, em comparação às brancas, as mulheres pretas receberam menos anestesia local quando a episiotomia foi realizada (OR = 1,49; IC95%: 1,06-2,08). (LEAL, et. al, 2017.p.5)

O estudo mostra uma maior negligência em relação às gestantes negras. Isso nos leva a inferir que o racismo e o sexismo são os fatores principais na produção dessas iniquidades, revelando-se mais uma vez uma estratégia do biopoder, proposta por Carneiro (2005). Podemos perceber ainda que as mães negras, não só com relação a essa situação, mas também aos outros casos de violências e abandono, estão completamente solitárias por terem que carregar sozinhas o peso dos efeitos do poder colonial.

Sendo assim, a solidão das mães negras faz parte de uma estratégia de manutenção do poder da branquitude. Pois, retira violentamente o direito de dar continuidade à vida, a sua memória e sua história enquanto sujeitos agentes da sociedade. Desse modo, a afetividade interfere na emancipação da população negra e reforçam a escravidão moderna.

3. 2 A COR DA SOLIDÃO

Os corpos das mulheres negras foram historicamente destituídos de todas as capacidades e habilidades cognitivas que constituem o ser humano. Logo, foram negados o saber, a cultura, os vínculos com seus pares, seus nomes e a sua forma de ser. Assim, a necessidade colonialista de justificar a dominação transformou-as em corpos cuja racionalidade é inexistente. Para Quijano (2005), o dualismo eurocêntrico¹³ que separa o corpo/natureza do não-corpo/alma, e que, por isso, coloca a razão acima da corporeidade, por essa ser considerada incapaz de raciocinar, impactou tanto as relações de dominação baseada nos critérios raciais, quanto nos relacionamentos sexuais de dominação. Para o autor:

Daí em diante, o lugar das mulheres, muito em especial o das mulheres das raças inferiores, ficou estereotipado junto com o resto dos corpos, e quanto mais inferiores fossem suas raças, mais perto da natureza ou diretamente, como no caso das escravas negras, dentro da natureza. É provável, ainda que a questão fique por indagar, que a ideia de gênero se tenha elaborado depois do novo e radical dualismo como parte da perspectiva cognitiva eurocentrista. (QUIJANO,2005, p.129)

A partir do exposto, entendemos que o gênero e a raça estão interligados e um interfere na construção do outro, simultaneamente. Contudo, o primeiro interferirá no modo como o racismo vai ser experienciado nas relações afetivas. Como podemos perceber no conto Regina Anastácia, em que a personagem se apaixona por um homem branco e rico e o namoro do casal sofre percalços devido a intolerância da família dele. O pai do rapaz não considerava Anastácia uma moça para compromissos por ser negra e de família pobre. E, a mãe da personagem, que já conhecia o pensamento racista dos brancos, alertou, intencionando protegê-la. Como aparece no fragmento:

Ela que não era de muitos abraços e de muito tocar, segurou uma das minhas mãos entre as dela e teve comigo uma conversa, revelando toda a sua preocupação. Ela havia notado o interesse do moço D’Antanho por mim e sabia o que aquilo significava. Os moços brancos, incentivados pelas famílias, conservavam os hábitos ainda do tempo da escravidão. Corriam atrás de mocinhas, assim como os donos de escravos tomavam o corpo das mulheres escravas e de suas filhas. Começavam a se fazer homens, experimentando os primeiros prazeres, no corpo das meninas e mulheres que trabalhavam em suas casas. Só que o tempo havia mudado. E o mais comum era a sedução. Entretanto, havia aqueles que tomavam, à força, o corpo da empregada que trabalhavam com eles (EVARISTO, 2016, p.137).

¹³ Quijano explica que essa separação é parte da ideologia cristã que valoriza a alma em detrimento do corpo. Enquanto a primeira está ligada à salvação, o segundo é reprimido. Posteriormente, é o filósofo Descartes que radicalmente desassocia a razão correspondente ao sujeito do corpo. Para ele, a razão é exclusivamente produtora de conhecimento, e o corpo é seu objeto de análise.

A situação explicada pela mãe de Anastácia faz parte da realidade de mulheres negras que trabalham como doméstica, ainda hoje. Está relacionada a um comportamento herdado da escravização e que Lélia Gonzalez explica em seu artigo, como uma prática que se tornou comum entre a branquitude brasileira. A autora afirma que:

Não faz muito tempo que a gente estava conversando com outras mulheres, num papo sobre a situação da mulher no Brasil. Foi aí que uma delas contou uma história muito reveladora, que complementa o que a gente já sabe sobre a vida sexual da rapaziada branca até não faz muito: iniciação e prática com as crioulas. É aí que entra a história que foi contada pra gente (brigada, Ione). Quando chegava na hora do casamento com a pura, frágil e inocente virgem branca, na hora da tal noite de núpcias, a rapaziada simplesmente brochava. Já imaginaram o vexame? E onde é que estava o remédio providencial que permitia a consumação das bodas? Bastava o nubente cheirar uma roupa de crioula que tivesse sido usada para “logo apresentar os documentos”. E a gente ficou pensando nessa prática, tão comum nos intramuros da casa-grande, da utilização desse santo remédio chamado catinga de crioula (depois deslocado para cheiro de corpo ou simplesmente cecê). E fica fácil entender quando xingam a gente de negra suja, né? (GONZALEZ,2020, p.77-78)

A autora traz essas questões para mostrar que esse lugar onde nos colocaram é uma das origens do recalcamento da branquitude, que levou ao racismo como neurose, problema já discutido nesse estudo. Por tudo isso, a relação afetiva das mulheres negras, bem como a sua vivência na sociedade, é atravessada pela violência da ideologia colonial, como é mostrado no trecho em que a família de Jorge reage negativamente ao namoro: “Desde que o momento em que a família Duque D’Antanho soube do namoro de Jorge comigo, meu pai foi mandado embora do armazém, em que ele trabalhava desde que chegou a Rios Fundos” (EVARISTO, 2016, p.139).

A partir do exposto, compreendemos que o corpo da mulher negra foi construído como um lugar de desafeto, somente para consumo sexual dos homens. Neste sentido, o estereótipo da sexualidade desviante interfere nas possibilidades desse grupo construir uma família e serem respeitadas. hooks observa que a corporeidade dessas mulheres sempre foi representada nos espaços culturais¹⁴, como espetáculo para deleite dos brancos. “A gaiola de pássaros obscenos”, como enfatiza hooks (2019, p.112) fazia exposições das partes íntimas como uma forma de comprovar a promiscuidade dessas mulheres e reforçar o lugar reservado para elas no imaginário social.

Com frequência, a atenção não se concentrava na mulher negra exposta por inteiro no baile elegante no coração da cultura europeia “civilizada” em Paris. Ela estava lá para entreter os convidados com a imagem nua do Outro. Não

¹⁴ Embora essa representação citada pela autora ocorra em outro contexto social e geográfico, ela se aproxima do pensamento da branquitude brasileira por fazer parte de uma ideologia eurocêntrica, que não mais expõe esses corpos nus em espaços públicos, mas ainda o hipersexualiza.

era para olharem para ela como um ser humano completo. Era apenas para repararem em determinadas partes. Objetificada de maneira similar às escravas que ficavam de pé nos tablados de leilão enquanto os donos e participantes descreviam suas partes importantes e mais vendáveis, as mulheres negras cujos corpos nus eram expostos para os brancos em eventos sociais não tinham presença. Eram reduzidas à meros espetáculos. Pouco se sabe sobre as suas vidas, motivações (HOOKS,2019, p.112).

Perante o exposto, entendemos que as mulheres negras ainda sofrem as consequências da marcação do poder colonial sobre seus corpos. Tantos pelos estigmas que os racializam, quanto pelas construções sexistas dentro de uma sociedade patriarcal. Podemos observar, que ambas desumanizam esse grupo, elegendo as mulheres jovens para o sexo e a idosa para o cuidado do outro. Em alguns casos, essa última é completamente descartada em função da virilidade do homem. Como é problematizado no conto *Adelha dos Santos Limoeiro*, cuja personagem já idosa é abandonada pelo seu marido. Este desejava o vigor da juventude para que a sua virilidade perdida devido a velhice, fosse recuperada. A inconformidade do esposo levou Adelha a incentivá-lo a se relacionar como mulheres mais novas. Contudo, essa situação deixou uma ferida aberta na personagem, como ela relata no fragmento.

Um dia, comigo, eu ainda na flor madura dos meus desejos, paciente, esperava por ele. Como sempre esperei por ele, pelo corpo dele tão conhecido e tão novo. Sim, novo, dado o momento, o instante a ser vivido. E, velho, tão velho, dado o tempo que nos percorria. Eu esperava o pouso dele sobre mim, como o descanso de uma ave cansada, que reconhece o aconchego do seu velho ninho. Era só isso que eu esperava. Eu sentia um prazer intenso em cruzar as nossas rugas no emaranhado de nossas peles secas e mornas sob o efeito da maturação do tempo que nos acometia. Era só o que eu ansiava. Só isso tudo. Mas, de repente, ele abandonou o meu corpo na espera e, aos brados, se levantou de mim (EVARISTO, 2016, p.39).

É seguro afirmar que o discurso colonial e patriarcal sobre a corporeidade das mulheres negras, elemento através do qual ela se expressa e se desloca dentro de um território, foi a base para a criação de uma identidade sob os moldes subalternizantes, e que, por sua vez, prestam a referendar a exclusão e a opressão. Essa problemática é apresentada em *Natalina Soledad*, cuja personagem é desprezada pelo pai desde o seu nascimento, pois ele, “homem garboso de sua masculinidade (...) ficou decepcionado quando lhe deram a notícia de que seu sétimo rebento era uma menina” (EVARISTO, 2016, p.19). Para o pai, ter filhos homens era sinal de poder e de continuidade da tradição patriarcal na família, cuja avó dera início tendo treze filhos todos do sexo masculino.

E ele, o neto mais velho, que tanto queria retomar a façanha do avô, vê agora um troço menina, que vinha a ser sua filha. Traição de seu corpo? Ou quem sabe, do corpo de sua mulher? Traição, traição de primeira! De seu corpo não

poderia ser, de sua rija semente jamais brotaria uma coisa menina. (...) (EVARISTO, 2016, p.20)

A identidade de Natalina foi moldada antes mesmo de ela nascer pelas ideologias patriarcais e racistas que concebem o feminino negro como inferior aos homens de seu próprio grupo e as pessoas brancas, questão já apontada nas análises anteriores. Neste sentido, a personagem era considerada um mero objeto sendo desprezada pela sua família. Para Neuza Santos (1983), o negro se tornou o reprodutor do racismo reagindo contra os seus devido ao fato de estar imerso na ideologia dominante que exige do negro um ideal a ser alcançado. Esse objetivo começa com a desvalorização das mulheres de seu grupo. A autora explica que: “o negro acreditou no conto, no mito, e passou a ver-se com os olhos e falar a linguagem do dominador” (SANTOS, 1983, p.30).

É possível inferir que a rejeição da personagem, além de estar ligada à desvalorização do feminino racializado, também está relacionada ao que os homens negros internalizaram sobre o que foi construído a respeito do corpo e da sexualidade dessas mulheres, ou seja, uma identidade ambígua marcada pelo desregramento libidinal, ressaltando aspectos eróticos e primitivos. Nesse sentido, ser pai de uma menina traria desonra para ele. Esse pensamento está implícito no trecho em que ele ressalta a traição da esposa.

Sua mulher devia ter se metido com alguém e ali estava a prova. Uma menina! Só podia ser filha de outro! E, desde o nascimento da menina, Silveira Neto, que até então cumpria fielmente o seu dever de marido- segundo a visão dele deixou de se aproximar da mulher, tomou nojo do corpo desobediente dela, do corpo traidor de sua esposa. (EVARISTO, 2016, p.20)

As identidades construídas sob o signo de elementos depreciativos delimitam as relações afetivas das mulheres negras à medida em que as aprisionam em um contexto negativo que favorece a exclusão e solidão, como podemos ver no trecho:

A menina Silveira crescia a contragosto dos pais. Solitária, aprendera quase tudo por si mesma, desde o pentear dos cabelos até os mais difíceis exercícios de matemática, assim como se cuidar no período dos íntimos sangramentos. Dos cadernos e dos livros velhos desprezados pela prole masculina, que começava os estudos, ainda quando cada um precisava de auxílio para suspender a cueca, sozinha, ela recolhia suas lições. (EVARISTO, 2016, p.21)

Além de viver uma vida solitária, a personagem carrega em seu nome o sentido de seu preterimento. O pai cruelmente a nomeia de Troçoléia Malvina Silveira. O nome metaforiza os elementos constitutivos de uma identidade cujo alicerce ideológico é o colonialismo. Enquanto a palavra troço alude à coisa, objeto sem valor, Malvina é uma derivação de mal, como é comumente apresentado nas narrativas cristãs.

Para Silva (2012) o discurso negativo relacionado as identidades criadas para o outro é uma forma de criar uma aura de verdade que é reafirmada constantemente através de

instituições como a ciência, a religião, por exemplo. E, é desse modo que, a branquitude se torna um referencial, o ego ideal. E as mulheres negras inadequadas para o afeto.

Ao trazer essas discussões através dos contos, Evaristo chama a atenção para o modo como a branquitude reage diante da nossa presença na sociedade. Podemos observar que ainda hoje a imagem de uma mulher negra dotada de desejos sexuais elevados persiste. Essa mesma visão que nos destina para o mercado do sexo, também nega outras identidades de gênero e as suas formas de se relacionarem afetivamente, como é apresentado na história de Isaltina Campo Belo.

A personagem, inicialmente descrita pela narradora ~~como~~ é uma mulher de aproximadamente 40 (quarenta anos) devido aos aparentes cabelos brancos em seu *black power*, viveu conflitos e dolorosas punições no período em que estava descobrindo a sua sexualidade. Sua infância foi marcada pela dualidade em nascer menina e se sentir um menino.

Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia. Eu me sentia um menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados. Eu era um menino. O que mais me intrigava era o fato de minha mãe ser enfermeira e nunca ter percebido o engano que todos cometiam (EVARISTO, 2016, p.58).

Isaltina não se identificava com o gênero estabelecido para as pessoas que nasceram com as características biológicas iguais às dela, pois a identidade não se configura como algo inerente ao ser humano, mas é construída a partir de jogos de poder e interesses sociais. Por tudo isso, a personagem passa a se sentir deslocada.

Tanto eu como a minha irmã já estávamos mais sabidinhas. Em pouco tempo, sem que a mamãe-enfermeira soubesse, descobrimos, na rua e nos livros, tudo sobre o corpo da mulher e do homem. Sobre beijos e afagos dos homens para com as mulheres. Lembro-me de que fui invadida por certo sentimento, que não sei explicar até hoje, uma sensação de estar fora do lugar. (EVARISTO, 2016, p.61)

Audre Lorde (2019, p.154) nos explica que: “Como ferramenta de controle social, mulheres foram ensinadas apenas um aspecto das diferenças humanas como legítimas, aquelas que existem entre homens e mulheres.” Desse modo, as outras maneiras de ser e existir são rejeitadas e reprimidas, para que assim os homens continuem explorando as mulheres sobretudo negras. Muitas delas utilizam a fuga como forma de proteção. Como podemos notar no trecho:

Uma fuga que me garantia certa segurança, já que eu não me expunha a ninguém, até que um dia um colega de faculdade disse estar encantado por mim. Iniciamos um namoro sem jeito, só de palavras e comedidos gestos. (...) um dia, em que ele desejava beijos e afagos, eu sem desejo algum, sem nada a me palpitar por dentro e por fora, falei da minha vida até ali. Falei do menino que carregava em mim desde sempre. Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido

no inconsciente. E afirmava que eu deveria gostar muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E, afirmava com veemência, que tinha certeza do meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra...(...) (EVARISTO, 2016, p.63-64).

A partir do exposto, podemos perceber que Isaltina é vista apenas como uma mulher hipersexualizada, cujos sentimentos e escolhas são completamente ignorados. Notamos ainda uma forte crítica ao patriarcado, que construiu um modelo do que é ser mulher a partir de uma leitura equivocada do corpo, e ainda impõe aceitação desse padrão através da violência., como pode ser verificado no fragmento em que Isaltina é cruelmente violada.

(...) um dia ele me convidou para a festa de seu aniversário e dizia ter convidado outros colegas de trabalho, entre os quais, duas enfermeiras do setor. Fui. Nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência do meu corpo. Diziam eles que estavam me ensinando a ser mulher. (EVARISTO, 2016, p.64)

Ao construir a história de Isaltina, Evaristo põe em evidência um assunto pouco discutido e bastante pertinente para a emancipação das mulheres negras que a invisibilidade da solidão das mulheres negras homossexuais. A autora traz à tona uma experiência marcada desde a infância pelo confinamento de uma mulher que não pôde se expressar e por medo da reação das pessoas. A dor da sofrer homofobia, o racismo e o sexismo são tratadas de forma sensível e ética. Mostrando que a solidão das mulheres negras tem as suas especificidades, mas resultam de um único sistema de opressão.

3.3 SONHAR E AMAR: OS DIREITOS NEGADOS ÀS MULHERES NEGRAS

A solidão das mulheres negras é caracterizada como uma manifestação cruel e dolorosa do racismo e sexismo como estrutura socialmente legitimada. Nesse sentido, ela não pode ser analisada como algo derivado de um comportamento negativo ou de preferência afetiva isenta de ideologias, mas deve ser vista como resultado de relações sociais orientadas institucionalmente para serem conflituosas e perversas. Almeida defende que:

É no interior das regras institucionais que os indivíduos tornam-se sujeitos, visto que suas ações e seus comportamentos são inseridos em um conjunto de significados previamente estabelecidos pela estrutura social. Assim, as instituições moldam o comportamento humano, tanto do ponto de vista de decisões e do cálculo racional, como dos sentimentos e preferências (ALMEIDA, 2018, p.30).

Assim sendo, os problemas afetivos desse grupo nascem de uma cadeia de exclusões violentas, e que, na maioria das vezes essas mulheres têm que suportar sozinhas. Tudo isso, gera uma série de urgências afetivas como vai ser denunciado através das histórias de *Rose Dusreis*, *Maria do Rosário Imaculada dos Santos* e *Mary Benedita*.

A escrevivência de Evaristo, além de trazer a solidão dessas personagens a partir de outras perspectivas necessárias na reflexão sobre a emancipação das mulheres negras, vai mostrar que os ideais colonialistas estão arraigados na sociedade de tal forma, que as práticas que os consolidam são naturalizadas e perpetradas constantemente. Essas questões serão percebidas em *Rose Dusreis*, conto cuja narrativa tem como personagem principal uma mulher negra que desde criança era fascinada pela dança. Contudo, ela não tinha o apoio da família que, por ser muito pobre, vivia desencorajando-a. Como aparece no fragmento.

- Eu nasci com o pendor da dança, embora para a minha família, isso não significaria nada-me disse Rose Dusreis- quando, já assentadas no chão, depois da nossa dança iniciática, as nossas imagens, refletidas nos espelhos que nos circundavam, pareciam nos contemplar. Dançar não nos oferecia nenhum sustento para a sobrevivência -continuou ela- não comemos dança, dizia minha mãe, toda vez que eu chegava da escola, encantada com o ensaio de balé que eu assistia lá (EVARISTO, 2016, p. 107,108).

A partir do trecho anterior, podemos notar que os efeitos do racismo e do sexismo sobre as mulheres negras foram tão severos que almejar conquistar um lugar diferente do que nos foi imposto é desafiador. Os trabalhos que as negras vêm executando sempre foram os mais pesados, devido à desigualdade racial, social e de gênero. E, para garantir a sobrevivência, muitos sufocaram os sonhos. Desse modo, o poder colonial que ainda vigora produz uma violência simbólica tão profunda quanto a física, pois ela nos desencoraja. Neste sentido, as

ideologias coloniais nos inserem em um contexto em que tudo se torna mais difícil, sobretudo, porque termos que carregar sozinhas o peso dessas estruturas.

Além de ter uma barreira na família, a personagem não será aceita nas aulas de ballet, pois além de não ter condições de pagar, a sua cor será o alvo da rejeição. Mesmo ela oferecendo os serviços de lavadeira que a mãe executava em troca das aulas a professora defende que a menina não é adequada para esse tipo de dança. Podemos notar que o discurso da professora esconde o racismo, como aparece no fragmento do conto.

Anos depois, a cada dificuldade enfrentada, para me profissionalizar, eu me lembrava da resposta que me foi dada naquele momento. Ternamente, Átila Bessa pousou a mão em minha cabeça e me disse que o meu tipo físico não era propício para o balé. Eu tinha oito anos somente. Só com o passar do tempo, pude entender o que foi dito naquela fala (EVARISTO, 2016, p. 109).

Ao trazer o *ballet* como o sonho de uma menina negra, Evaristo chama a atenção para o racismo que ocorre de forma ora velada, ora escancarada em ambientes extremamente elitistas e ainda eurocêntricos, mesmo em um país multicultural. Essas práticas visam impossibilitar a ocupação de mulheres negras nos lugares de destaque e projeção social do qual essas artes fazem parte, como podemos notar no fragmento em que Rose foi convidada para interpretar o papel de uma boneca negra, mas após vários ensaios decidiram que quem faria o papel era uma menina branca.

Um dia a professora Átila Bessa veio assistir aos ensaios, que estavam sob o encargo de outra professora, e elogiou o meu desempenho, dizendo que eu tinha muito jeito para a dança. Esperançosa, aguardei não só o convite para ser sua aluna no balé. Aguardei não só o convite dela, mas a oportunidade de ser a bonequinha negra. e ainda esperei, também, alguma explicação sobre as razões de troca por outra menina. Aguardei o porquê da minha substituição, já na semana da festa, quando uma menina branca, pintada de preto, no meu lugar, fingiu ser a bonequinha negra que eu era. Mas nem as dores, as violências sofridas na época da infância, cuja compreensão me fugia, tiveram a força de me fazer desistir (EVARISTO, 2016, p.110).

A afirmação de persistência da personagem, já mostra a sua atitude insubmissa diante da situação. É importante frisar que, Evaristo constrói a narrativa de modo que, o leitor possa perceber que a personagem possuía toda a capacidade para ser bailarina e ocupar o papel, no entanto, o racismo foi o motivo pelo qual ela não foi escolhida. Ao destacar a competência de Rose, a autora chama a atenção para a irracionalidade das ideologias que estabelecem padrões culturais que desqualificam as mulheres negras, sobretudo a sua estética. Essa última tem sido o fator que vai impactar na mobilidade social.

Podemos inferir que o conto traz uma crítica ao sistema que privilegia a branquitude não por seus méritos, mas para manter uma hegemonia nos espaços de poder e projeção social.

Por tudo isso, o colonialismo construiu a imagem dos negros como pessoas sem inteligência. Desse modo, seria possível que só os brancos fossem dotados de uma capacidade intelectual inata.

Outro problema que deve ser ressaltado é o fato de que mesmo que uma bailarina negra fosse aceita por algum motivo, geralmente quando há interesse da branquitude por conta de algum benefício, ela seria a única nesses espaços. Neste ponto, a solidão também se faz presente na vida das mulheres negras.

Sabemos que, essa estratégia de reservar determinadas artes a um grupo restrito é um modo de afirmar o status de superioridade da cultura eurocêntrica e reforçar a ideia de assujeitamento das pessoas negras. Para Fonseca (2007).

As concepções, que durante muito tempo imperaram na historiografia, reduziram os negros à condição de objetos. Um ser em situação de absoluta dependência, ao qual tudo era negado e que não possuía nenhuma capacidade de ação e reação dentro da sociedade escravista e patriarcal. A sua condição de sujeito não foi simplesmente negada, mas absolutamente desconsiderada em favor da descrição de um quadro que delimitava lugares sociais muito precisos para eles enquanto grupo racial (FONSECA, 2007, p. 15).

A branquitude esfacelou e se apropriou dos nossos bens culturais e impuseram através de seu domínio a cultura do colonizador como ideal. De acordo com Willian (2019, p.22) isso ocorreu como uma forma de aniquilamento do povo negro. Ainda para o autor a cultura é a tradução da vivência de um povo e se expressa através de suas ações e de suas produções. Neste sentido, é através dela que um indivíduo se torna sujeito e pertencente a uma sociedade. Sabemos que as pessoas negras influenciaram e contribuíram para formação cultural do país. Logo, impedi-las de acessarem tais expressões ou mesmo de se afirmarem através da cultura afrodescendente é uma forma de apagamento através da negação de sua capacidade intelectual e subjetiva. Como defende Carneiro (2020) o ativismo cultural tem sido o local de resistência do povo negro desde a escravização, e é essencial para a manutenção e afirmação da nossa identidade.

Como podemos perceber, o racismo e o sexismo tornam hostis as condições de sobrevivência e empoderamento das mulheres negras, principalmente, porque elas lutam sozinhas contra esses sistemas de opressão, como é percebido em *Mary Benedita*. Esse conto narra a experiência de uma personagem que sonhava em aprender outras línguas e aprimorar suas habilidades artísticas, no entanto, a realidade na qual ela estava inserida não permitia. Pois, morava em uma cidade de interior que oferecia poucos recursos. Além disso, pertencia a uma

família cujos pais eram pobres e lavradores. Desse modo, ela não podia ter desejos tão grandiosos, como notaremos no trecho:

Mas como uma menina nascida em Manhãs azuis, a sétima de dez filhos, no seio de uma família de pequenos lavradores, poderia ganhar o mundo, aprender línguas, pintar quadros e tocar piano? Como *My sister*? Como?(EVARISTO, 2016, p.71)

O conto *Mary Benedita* assim como em *Rose Dusreis* aponta para problemas sociais que fogem aos interesses do poder público promover ações para sanar. Isso ocorre, porque esse espaço de governança é composto pela branquitude, que se beneficia com os efeitos do racismo estrutural, institucional que nos mantém no lugar de servilismo. Podemos notar que o poder colonial foi altamente sofisticado para criar estratégias para que dificultasse a nossa emancipação. E a assimilação dessas ideologias pelo povo negro foi a mais perversa.

Em *Mary Benedita*, podemos perceber os efeitos da assimilação do racismo e do sexismo no momento em que a personagem passa a morar por um tempo com a tia na capital. A saída do interior ocorreu devido a façanha da personagem em inventar uma doença grave, e que devido aos poucos recursos médicos de Manhãs, ela precisaria fazer tratamento na capital. No entanto, após chegar na casa da tia a menina precisou contar a verdade, e obter o apoio da tia para conseguir o consentimento dos pais para continuar a morada na capital e aprimorar os estudos. No entanto, através da resposta da tia podemos inferir que ela não era bem-vista na família por ter a ousadia de trilhar novos caminhos, como podemos perceber neste trecho:

A resposta foi que talvez os meus pais pensassem que ela seria a pessoa menos indicada para cuidar de uma mocinha. Não entendi. Na minha inocência eu nem imaginava qual conceito minha família tinha dessa minha tia. Uma mulher solteira, estudada, que morava sozinha na capital. descobri dias depois, que Tia Aurora era professora de música e que, durante alguns anos, tinha trabalhado na embaixada brasileira em Viena, e anteriormente, como arquivista em uma grande empresa de engenharia. No quarto dela havia um violino e um Globo Terrestre (EVARISTO, 2016, p.74).

O sexismo, como ideologia colonial, coloca as mulheres negras como subproduto de uma estrutura de poder na qual o homem branco, cristão e heteronormativo domina. Logo, a ascensão de uma delas, causa estranhamento na sociedade e até entre alguns membros de seu grupo, devido ao processo de colonização mental.

O racismo provocou em nós o sentimento de inferioridade e auto ódio, a tal ponto que não conseguimos ver em outra pessoa negra o merecimento ou a capacidade de estar ocupando lugares destinados a branquitude. Como aponta Fanon (2008) no mundo do branco, a pessoa negra vai se perceber como um objeto diante de outros na mesma condição. Neste sentido, é difícil para que ela consiga se desvincular das elaborações programadas para ela encarnar dentro

da sociedade colonizada. O autor descreve a experiência do negro nas seguintes palavras: “Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos” (FANON, 2008, p.103).

As pessoas negras foram reféns dos discursos que ordenou a sociedade de acordo com os interesses do colonizador. E além do auto ódio e da negação do nosso ser, muitas vezes aceitamos também o papel que nos foi imposto como uma forma de nos proteger da crueldade do racismo e do sexismo. Em razão disso, também desencorajamos os nossos filhos. Garantir a sobrevivência se torna mais importante do que alimentar sonhos. Podemos observar, que isso ocorreu com a personagem, pois a família não apoiou as aspirações dela, naquele momento, e, insistiu que ela retornasse para casa da família, como é possível notar no trecho:

Uma semana depois, ele e minha mãe retornaram dispostos a me levar. Entendi, então, a gravidade do momento. Vi que o meu destino estava prestes a ser traçado à minha revelia. Não podia ser assim. A vontade tinha de ser minha. Tratava-se de *ma avie*, de *mon avenir*. Depois de muito choro de minha parte, de muita lamentação de minha tia, de repreendas severas de minha mãe e da voz embargada do meu pai, chegamos a um acordo. Eu ficaria. (...) mas retornava para casa assim que começasse as aulas e retornaria nas férias do meio do ano. E, se quisesse continuar estudando, voltaria um dia para ficar morando com Tia Aurora, já que, me Manhãs Azuis, o estudo correspondia somente ao primário (EVARISTO, 2016, p. 76).

A partir do exposto, podemos perceber que o caminho trilhado pelas mulheres negras rumo a emancipação é solitário e cheio de obstáculos. O processo de colonização mental sofrido pelas pessoas negras e, reforçado sutilmente pelos projetos eugenistas, que por sua vez, vem esfacelando nossa identidade, tem sido extremamente prejudicial à nossa sobrevivência. Pois, nos enfraquece enquanto povo, haja vista que, nos falta o encorajamento necessário para enfrentarmos as dificuldades impostas pelo racismo institucional e estrutural.

Percebemos que o colonialismo, enquanto poder autorizou à branquitude a interferir nos nossos afetos e isso prejudica as nossas realizações pessoais. Na obra, Evaristo representa essas manifestações racistas nas suas mais diversas dimensões, ou seja, as ideológicas, práticas e as estruturais, que organizam, orientam e consolidam. Neste sentido, a autora insere nos contos o cotidiano de mulheres que experienciaram a crueldade do outro por serem negras. Em alguns momentos é deixado claro que as práticas racistas é somente para satisfazer os desejos do ego e mostrar que a branquitude pode, ainda hoje, se apropriar de uma mulher negra. E em razão disso, ignoram os seus sentimentos, vínculos, aspirações pessoais. Como podemos ver em *Maria do Rosário Imaculada dos Santos*, conto no qual Evaristo aborda o drama vivenciado por uma mulher que teve sua existência permeada por medos, inseguranças e traumas que a

impediram de amar, devido a atitude cruel de um casal de brancos sulistas que a roubou de seus pais.

Um jipe e casal estrangeiro (depois, com o tempo, descobri, eram pessoas do sul do Brasil) em nossas paragens. Pararam em nossa porta, desceram, conversaram conosco e ofereceram aos grandes caso eles permitissem um passeio com a criançada. Foi permitido. Os dois iam à frente e a meninada atrás. Deram duas ou três viagens. Na última só faltava eu e um dos meus irmãos, o maior, o Toninho. Subimos contentes e o carro cada vez mais foi ganhando distancia, distância e distância... Aflita e temerosa, pois começava a escurecer, pedimos ao moço e moça para fazerem o caminho de volta. Eles apenas sorriram e continuaram adiante. Depois de muito tempo noite adentro, eles pararam o jipe e, puxaram violentamente o meu irmão, deixando o pobrezinho no meio da estrada aos gritos e continuaram a viagem comigo me levando adiante (EVARISTO, 2016, p.45-46).

É preciso lembrar que os episódios que evocam o processo de escravização desde os roubos de africanos, até os tratamentos desumanos fazem parte do cotidiano de mulheres negras. A velocidade com que o colonialismo vem sendo reencenado é o resultado de uma educação negacionista quanto ao reconhecimento do racismo. Isso permite com que práticas como o roubo das crianças seja tão comum que é passado impunemente, assim como a maioria dos casos de racismo que ocorrem no país. Todos esses acontecimentos trazem à tona o poder exercido por uma branquitude saudosista que depende do sujeito negro para existir enquanto opressora. De acordo com Kilomba (2010), o racismo é invasivo para a autora.

(...) a branquitude surge como uma identidade dependente, compulsivamente querendo invadir, ocupar e possuir o sujeito negro como sua/seu Outra/o. Se por um lado, o sujeito branco parece estar obcecado com a ideia de invadir o sujeito negro, por outro lado, tem de chegar à conclusão de que o racismo não é falta de informação, mas sim o desejo violento de possuí-lo e controlá-lo (KILOMBA, 2010, p. 228).

Podemos observar que a forma repentina com que somos invadidas pelo racismo e pelo sexismo objetiva neutralizar nossas defesas, de modo que fiquemos traumatizadas. O choque experienciado por Maria do Rosário ao ser raptada junto com seu irmão e ainda vê-lo sendo deixado para trás sozinho, produz efeitos indelévels sobre o seu psicológico. Esses ainda se intensificam com a sensação de incertezas sentidas pela personagem. Pois, ela nunca soube quais razões levaram o casal a roubá-la de seus pais. De fato, o racismo como um processo de violência leva o colonizado a se fixar na busca incessante, por tentar entender a conduta do outro, e ainda a encontrar meios para solucionar os problemas que a branquitude criou. Assim sendo, penso que as ideologias coloniais não surgem de processos irracionais, mas são estrategicamente programados para não falhar e nos manter inertes.

Tanto o trauma provocado, quanto a forma como a personagem foi descaracterizada, revela como os nossos afetos foram ideologicamente destruídos. Maria do Rosário passou a ser tratada como se não tivesse identidade, nome, família e uma memória. Como aparece no fragmento a seguir.

Eles nunca me bateram, mas me trataram como se eu não existisse. Jamais me perguntaram o meu nome, me chamavam de “menina.” Um dia, me deram um cachorro e disseram ser um presente de aniversário. E, me informaram, ainda, que era mês de maio, mês de Maria, época em que completava um ano na casa deles. No outro ano, fizeram a mesma observação e me deram uns cadernos e lápis, dizendo que a moça amiga deles ia me ensinar a ler. (...) a moça que me ensinou a ler, me ensinou outras coisas, mas nunca me perguntou nada sobre o tempo antes de eu chegar ali. Eu tinha um desejo enorme de falar de minha terra, de minha casa primeira, de meus pais, de minha família, de minha vida e nunca pude (EVARISTO, 2016, p.47).

A tentativa de apagamento da história da personagem é uma analogia à imposição do esquecimento da memória africana. Essa prática contribuiu para desumanização das pessoas negras, pois na medida em que, elas foram silenciadas e os seus registros do passado foram extintos, uma nova identidade foi sendo elaborada, de acordo com os interesses da branquitude. Neste sentido, o conto denuncia os métodos escusos utilizados pelo colonizador para nos inferiorizar e evitar que pudéssemos nos reconstituir enquanto sujeitos.

É importante destacar, que para o processo de dominação do povo negro, a destruição das relações afetivas através da separação das famílias negras e a própria retirada forçada dessas pessoas do continente africano foi crucial. Essas separações forçadas são configuradas como uma violação de direitos de ser e do existir do negro e de sua dignidade. Assim sendo, essa estratégia provocou um abalo emocional profundo no povo negro, levando ao estado de banzo, que para muitos colonizadores era uma grande tristeza, melancolia ou depressão profunda associada a saudade da terra natal, ao afastamento dos seus familiares e aos castigos sofridos. No entanto, para Silva (2018), o Banzo ultrapassa os limites que essas concepções impõem, se caracteriza como uma oposição a negação da existência negra e de sua identidade africana constituída a partir de elementos históricos culturais. A partir dessa perspectiva, para o autor, o banzo vai além de um estado psíquico- físico, e torna-se uma condição existencial, no qual envolve todos os impactos causado por todas as exclusões do sistema racista e sexista, no qual as interferências nas relações são o eixo principal.

No conto, podemos perceber que a personagem Maria do Rosário experiencia um sofrimento muito próximo ao vivido pelos seus ancestrais escravizados, a tristeza e a solidão que foram se aprofundando com o passar dos dias longe dos seus, se assemelham ao estado de banzo. No trecho a seguir ela relata sobre a dor que sentiu:

Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias de minha gente. Mas, com o passar do tempo, com desespero eu via minha gente como um desenho distante, em que eu não alcançava os detalhes. Époça houve em que tudo se tornou apenas um esboço. Por isso, tantos remendos em minha fala. A deslembança de vários fatos me dói. Confesso, a minha história é feita, mais de inventos do que de verdades... (EVARISTO, 2016, p.47-48).

Esses acontecimentos traumáticos marcaram o destino da personagem de tal modo, que ela não conseguiu estabelecer vínculos afetivos devido ao medo de perder novamente a família que ela poderia construir. Isso, fez com que as suas relações fossem transitórias, como aponta o fragmento: “Namorei, casei, descasei, algumas vezes. Filhos nunca tive, evitei e, as vezes que engravidei, não deixei chegar ao término. Não queria ter família, tinha medo de perder os meus” (EVARISTO, 2016, p.51).

Observa-se que, essa tentativa de fugir de um possível retorno à dor da separação, se deu pelo contexto em que os afetos foram constantemente sufocados. Maria do Rosário foi proibida de nutrir qualquer tipo de relação afetiva com alguém, e todas as suas tentativas eram coibidas pela branquitude, sempre em função de seus privilégios. Como aparece no trecho em que o casal que roubaram a personagem se separam e por isso, a entregam para uma tia deles para que ela seja empregada doméstica. Em razão disso, mais uma vez Maria do Rosário precisa de desvincular de moça que a ensinara a ler.

No final da tarde, uma notícia me foi dada. Uma bomba estourou sobre mim. O casal havia se separado, cada um ia para uma cidade diferente. Uma tia deles, não sei da mulher ou do homem, viria me buscar e me levaria com ela. Como viria de jipe, se eu quisesse, poderia levar comigo meu cachorro. Tonta pelo efeito da bomba, fui deitar. No outro dia, cedinho, com meus poucos pertences mais o Jesuszinho, fui levada para uma senhora loira e desconhecida, pela segunda vez, por um caminho que eu ignorava onde ia dar. A moça, que com o consentimento do casal me ensinara ler, da porta me acenou, com gesto abreviado, a metade de uma descida. Chorei por dentro, mais uma vez. Eu sabia que não estava indo para a minha cidade, Flor de Mim. E estava deixando uma pessoa. Por força de não ter ninguém dos meus por perto, eu tinha me afeiçoado a ela. A moça que trabalhava com o casal e que se chamava Berta Calazans (EVARISTO, 2016, p. 49-50).

Diante do exposto, compreendo que a personagem experimenta as condições dolorosas que nossas ancestrais vivenciaram e ainda a dor de muitas mulheres negras, que ainda hoje tem suas experiências controladas pelo poder colonialista. Penso que o conto expõe algumas formas violentas de interferências do racismo e do sexismo na vida afetiva desse grupo. A primeira, ocorreu de modo direto, demonstrando como a branquitude ainda atua de modo a vilipendiar as mulheres negras. Após isso, o trauma extremo foi reforçado pela segunda separação o que gerou no inconsciente da personagem uma informação negativa quanto a formação vínculos afetivos.

Assim sendo, as táticas da branquitude se tornaram eficazes quanto à união do nosso povo, pois através da nossa separação, ela instalou medo, insegurança e desconfianças no que se referem aos afetos. O peso do racismo cotidiano manifestado através da exploração, humilhação, rejeição, entre outras formas busca dificultar o florescer das relações afetivas. Sobre essa questão hooks (2010) afirma que:

Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. (HOOKS, 2010, s/p)

Diante do exposto, concluímos que, as ideologias coloniais autorizam a branquitude a agir de modo perverso e egocêntrico. Em razão disso, os sonhos e os afetos positivos das mulheres negras são interditados e adiados. O caráter narcisista da branquitude é o resultado de uma sociedade excludente e injusta, ou seja, completamente hostil para as mulheres negras.

A abordagem de Evaristo, em todos os contos mostram como ao longo da nossa existência em um país diaspórico somos deslegitimadas, desvalorizadas, e como as nossas emoções são esvaziadas em prol da necessidade da branquitude em nos desumanizar. Neste sentido, discutir sobre as diversas formas como a solidão dessas personagens se manifestam é extremamente necessária para que possamos refletir sobre a luta e emancipação das mulheres na sua inteireza. Sobretudo, porque os aspectos emocionais tem uma grande relevância nos nossos projetos de vida e políticos.

4. RESSIGNIFICAÇÃO AFETIVA COMO INSURREIÇÃO FEMININA NEGRA

(...)
 Como a lua e como o sol no céu,
 Com a certeza da onda no mar,
 Como a esperança emergindo na desgraça,
 Assim eu vou me levantar.
 Você não queria me ver quebrada?
 Cabeça curvada e olhos para o chão?
 Ombros caídos como as lágrimas?
 Minh'alma enfraquecida pela solidão?
 Meu orgulho o ofende?
 Tenho certeza que sim
 Porque eu rio como quem possui
 Ouros escondidos em mim.
 Pode me atirar palavras afiadas,
 Dilacera-me com seu olhar,
 Você pode me matar em nome do ódio,
 Mas ainda assim, como o ar, eu vou me
 levantar.
 (ANGELOU, 2018, s/p.)

A escrevivência de Evaristo possui grande relevância por ser uma escrita comprometida com resistência e a emancipação política das mulheres negras. Como foi percebido nos capítulos anteriores através dessa escrita, vozes antes silenciadas pelo sistema de dominação, expõem os efeitos do racismo e do sexismo e como esses interferem direta ou indiretamente nas suas relações afetivas.

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) notamos que a escrevivência é o sinônimo não só da relação entre mulheres negras, defendido por Collins (2019) como um dos espaços seguros para a construção de vozes individuais e coletivas, mas também é uma forma de borrar a realidade ao inventar possibilidades de construção de novos caminhos para que se alcancem uma vida digna. Logicamente, que tanto a relação pautada na confiabilidade quanto a criação de possibilidades, não são tratadas de forma isolada, quando se refere a escrevivência. Na obra, a escuta e a observação sensível formam os pontos de partida da insubordinação. Sobre o processo de escuta Collins (2019) afirma que:

(...) o ouvinte mais capacitado a romper a invisibilidade criada pela objetificação de mulher negra e outra mulher negra. Esse processo de confiança mútua pode parecer perigoso porque só mulheres negras sabem o que é ser mulher Negra. Mas se não ouvirmos umas às outras quem irá ouvir?
 (COLLINS, 2019, p.289)

Sendo assim, a escuta é um ato essencial para o processo de resistência à opressão e fortalecimento de outras mulheres negras diante do contexto de violência, pois os relatos trazem as dores de quem experimentou a crueldade e não se deixou sucumbir, mas criou formas de

sobrevivência. O papel da mulher negra que ouve, nesse caso, é extremamente importante, pois pode retirar do silêncio experiências que foram sufocadas pelas estratégias da supremacia branca e fazer com que alcance muitas outras.

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* as personagens narram suas histórias para a jornalista, afim de que a sua vivência alcance outras mulheres e até mesmo como um exercício de expurgar a dor. Muitas denunciam as violências provocadas por seus algozes, como foi visto em outras seções, e mostram como se opuseram as condições cruéis as quais foram submetidas, escolhendo para si novos caminhos para trilharem.

Podemos notar, que a obra em análise se configura como uma metalinguagem, pois traz nas entrelinhas dos contos todo o processo literário de Evaristo pautado na escrevivência, como aponta o trecho do prefácio do livro:

Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas? Desafio alguém a relatar fielmente o que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, 2016, s/p).

Neste sentido, o processo de criação da escrevivência aparece na obra desde o momento em que a narradora personagem decide viajar pelo Brasil em busca dos relatos de vivência das mulheres negras, até no processo de registro dessas histórias. A forma como as experiências são contadas pela narradora e algumas vezes narradas pelas próprias personagens revela que essa escrita tem como base a relação de cumplicidade baseado na dororidade. Desse modo, a escrevivência que aparece na obra não é uma escrita mecânica, mas sim resultado da irmandade entre as mulheres negras, cujo objetivo é empoderá-las. Por isso, em alguns momentos as personagens iam ao encontro da narradora para oferecer seus relatos, como aparece no fragmento do conto *Mary Benedita*.

“Quando Mary Benedita me procurou no pequeno hotel em que eu estava hospedada havia apenas um dia, na cidade de Manhãs Azuis, imaginei que a moça tivesse vindo à minha procura por vários tantos outros motivos. (...) Viera para me oferecer seu corpo/história” (EVARISTO, 2016, P.69).

É importante frisar, que essa relação de confiança entre as mulheres na obra é expressão da insubmissão feminina, postura assumida pelas mulheres diante de eventos cotidianos marcados pelo racismo e sexismo, diante de um sistema de dominação que se esforça em moldar a forma como olhamos umas para as outras. Assim sendo, a escrevivência de Evaristo presente em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) reforça a relação de afeto positivo entre as mulheres negras.

Dessa forma, essa obra pretende se opor a um discurso pautado na ideia de submissão feminina negra, no qual essas mulheres são representadas em situação de sofrimento e miserabilidade. Como vimos nas seções anteriores, esses acontecimentos vêm à tona como uma forma de denúncia, pois não se pode ignorar que o racismo e o sexismo e todas as formas de opressão advindos de um sistema colonialista são os responsáveis pelas nossas mazelas. Mas, a obra traz um contradiscurso no qual, apresenta essas mulheres contando esses episódios a partir do lugar de empoderamento, que foi conquistado por elas, após superarem as dificuldades.

Os desfechos das histórias não são considerados felizes como nos contos de fadas e filmes românticos, extremamente utópicos e idealizados, mas são insubmissos seguindo os passos das nossas ancestrais. É importante frisar, que finais insubordinados, que contrariam as regras impostas para nós, não significa a anulação da dor provocada pelos desafetos. Mas, se configuram como um ato revolucionário no qual as mulheres negras decidem não se renderem ou se submeterem a um sistema violento e desumanizador, no qual nega o direito de se construir relações afetivas mais saudáveis e cuidadosas.

Podemos notar que essa insubmissão nos contos ocorre de acordo com a realidade de cada personagem. No conto *Isaltina Campo Belo*, cuja personagem após sofrer com preconceitos por causa da sua orientação sexual e com imposição da sociedade, para que ela se comportasse de acordo com os estereótipos atribuídos a uma mulher negra heterossexual, descobre na professora de sua filha um sentimento que irá mudar o rumo da sua vida. A personagem resolve o conflito de identidade que a fazia sofrer durante vários anos de sua vida, como aparece no trecho que se segue:

Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam um homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam. Busquei novamente o olhar daquela que seria a primeira professora de minha filha e com quem eu aprenderia também a me conhecer, a me aceitar feliz e em paz comigo mesma (EVARISTO, 2016, pp.66-67).

Isaltina, após ter sido violentada de forma física e emocional e dessa tortura engravidar de Walquíria, não permite com que a crueldade cotidiana, fruto das estruturas coloniais que sustentam a nossa sociedade molde a sua vida. Ela ressignifica os afetos e cria para si outro modelo de relacionamento, compatível com os seus valores. Vejamos isso no fragmento.

(...) O tempo de todos os dias nos conduziu, enquanto eu conduzia Walquíria para a escola. E todos os dias passaram a ser nossos. Como um chamamento à vida, Miríades me surgiu. Eu nunca tinha sido de ninguém em oferecimento, assim como corpo algum tinha sido meu como dádiva. Só Miríades eu tive. Só Miríades me teve.

(...) Tamanha foi a nossa felicidade. Miríades, Walquíria e eu. Minha menina, se pai não teve, de mãe o carinho foi em abundância, em dose dupla. Hoje Miríades brinca de esconde-esconde em alguma outra galáxia. Ela jaz no espaço eterno. Tamanha foi a nossa felicidade. Das três. Miríades, Walquíria e eu (EVARISTO, 2016, p.67).

Evaristo de forma sensível coloca o afeto como elemento importante para a nossa sobrevivência. Peço a licença poética da autora para acrescentar ainda que ela não traz o amor como expressão máxima dessa afetividade, pois em nenhum momento ele é citado. Portanto, diria que essas relações são construídas a partir de um novo olhar e um sentir descolonizados. É o denço ancestral proposto por Nunes (2017) que alimenta o corpo em afagos e preenche a nossa alma, sem a necessidade de domínio. Para o autor o Denço é a expressão da nossa libertação.

O denço durante toda a história da escravização, favelização e racismo nessa diáspora de angústia, o Brasil, foi o instante eterno de libertação expressado no simples aconchego de esperança no desconforto cotidiano. (...) O reencontro dos continentes afastados através de um juntar manhoso de faces azeviches a formarem destinos (NUNES, 2017, s/p)

Ressalto que, o denço não aparece como uma substituição do amor, é mais que isso. Ele ressurgue na medida em que criamos para nós uma nova identidade sem os estereótipos racistas e sexistas. Ora, o amor *hollywoodiano*, mais precisamente, é tão dominador e egoísta quanto o próprio processo de colonização. Defino esse sentimento como a expressão da criação de um ideal inalcançável do ego. E por isso é individualista, possessivo e distante da realidade. Como estratégia do patriarcado, tem sido posto como um objetivo de vida, e isso tem provocado feridas profundas nas mulheres negras que não se enquadram no perfil estabelecido para ser o objeto desse amor.

Assim sendo, o denço suporta as nossas urgências, pois acolhe corpos estilhaçados pela dor provocadas pelo racismo, pelos abusos e violências, pela negação da nossa subjetividade. Ele é a base das relações afetivas que foram criadas pelas personagens após sobreviverem ao período de tormenta. Como podemos notar em *Regina Anastácia*, cuja personagem pode construir uma família sólida e próspera ao lado de Jorge D'Antanho, mesmo com as objeções da família dele.

Tivemos cinco filhos e todos nasceram antes do sol se pôr. Três meninas e dois meninos. Dentro da nossa vida modesta, conseguimos dar estudos para todos eles. O primeiro se formou farmacêutico como o pai, o segundo seguiu carreira militar, o terceiro é alfaiate, uma das meninas se formou professora e a outra foi ser missionária e, no momento, está em uma missão, em povoado da Tanzânia, na África. Meus pais tiveram tempo de vida para curtir os netos, eu conheço a minha geração de tetranetos. Jorge, o moço mais bonito que eu conheci, estava aqui, até dez anos passados. Dizia que eu era a eterna rainha

dele. Eu acredito, pois ele era o meu rei. Um dia, logo depois de o sol se pôr, ele se foi... Eu espero, sem pressa alguma hora do meu poente (EVARISTO, 2016, p.140).

Evaristo foi bastante cuidadosa e estratégica ao escolher os nomes para as personagens. Cada um carrega a personalidade, as qualidades e a essência dessas mulheres. Em alguns casos, os nomes fazem jus a insubmissão de cada uma. A própria escolha de Evaristo marca o protagonismo das personagens e se contrapõe aos nomes depreciativos que são colocados pelos colonizadores nas escravizadas. Dessa forma, as personagens deixam de serem definidas e passam a se autodefinir e desconstruir o conceito de mulher negra criado pela branquitude.

Assim sendo, a junção dos nomes Regina Anastácia significa rainha que tem a força para ressuscitar. O primeiro vem do latim e o segundo do grego *anastásios*. E, de fato, essa personagem traz com ela a soberania e a coragem de outras rainhas como é citado no conto:

Regina Anastácia se anunciava, anunciando a presença de Rainha Anastácia frente a frente comigo. Lembranças de outras rainhas me vieram à mente: Mãe Menininha de Gantois, Mãe Menininha d'Oxum, as rainhas das congadas, realezas que descobri, na minha infância, em Minas, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara, Lia de Itamaracá, Léa Garcia, Ruth de Souza, a senhora Laurinha Natividade, a professora Efigênia Carlos, Dona Iraci Graciano Fidélis, Toni Morisson, Nina Simone... e ainda várias mulheres, minhas irmãs do outro lado do atlântico, que vi em Moçambique e no Senegal, pelas cidades e pelas aldeias. Mais outras e mais outras. Repito: Regina Anastácia se anunciava, anunciando a presença de Rainha Anastácia frente a frente comigo (EVARISTO, 2016, p.127).

Todas essas personalidades se destacaram pela sua capacidade e ousadia impulsionadas pelo desejo de liberdade. Elas deixaram legados importantes para a sociedade e também para a formação de uma identidade feminina negra mais positiva.

Outra personagem que protagonizou a própria história foi Natalina Soledad. Mas, diferente das outras mulheres que foram subversivas ao serem felizes nas relações afetivas, ela encontrou na solidão um lugar de autoformação. A personagem tomou a decisão de se autoneamar, logo após a morte dos pais, negando o nome depreciativo que seu genitor lhe dera como punição por ela ter nascido menina. Como podemos notar no início do conto:

Natalina Soledad, a mulher que havia criado o seu próprio nome, provocou o meu desejo de escuta, justamente pelo fato dela ter conseguido se autoneamar. Depois de petições e justificativas ela conseguira desfazer do nome anterior, aquele do batismo e do registro, para conceber outro nome para si. Mudança aceita pelas autoridades do cartório da pequena cidade em que ela morava. E, a partir desse feito, natalina Soledad começou a narração de sua história para quem quiser escutá-la (EVARISTO, 2016, p.19).

Natalina Soledad significa nascimento solitário, nome que dá início a um novo ciclo de sua vida, mas que ainda carrega a solidão que ela sentira desde pequena pela rejeição da família.

Mas, apesar da escolha de uma nova identidade ainda atrelada a lembranças dolosas, a solidão expressada através do novo nome da personagem alude a condição de muitas mulheres negras que decidem se desvincular de relações em que são inferiorizadas e assumirem quem são, o que inclui seus sonhos e desejos.

Sendo assim, escolher ser solitária também é um ato de resistência e autocuidado, em meio a uma sociedade, que ao mesmo tempo em que impõe a necessidade de estar em uma relação, a utiliza como mecanismo de exclusão e violência contra as mulheres negras

Já em *Adelha Santana Limoeiro*, a solidão provocada pelo desprezo do marido que procurava em outras mulheres mais jovem o vigor de seu falo, tem o ápice na morte dele. No entanto, Adelha cujas características são comparadas a Santa Ana e a Nanã, “aquela que conhece o limo, a lama, o lodo, onde estão os mortos.” (EVARISTO, 2016, p.36) dará continuidade a vida e seguimento a sua experiência. “Assim a história dele terminou – não a minha enfatizou Santana, no final deste relato” (EVARISTO, 2016, p.41).

A forma como as personagens lidam com a solidão demonstra a resiliência e resistência política, pois elas passam a ter consciência da opressão e isso permite com que elas reelaborem suas relações a partir da ressignificação de seus corpos. Elas passam a se enxergar como lugar de afeto e não de auto-ódio, de realização e não de fracasso. De acordo com Natália (2020, p.211) “A afirmação positiva da negritude é algo não programada pelo pensamento colonial” O corpo em que antes estavam inscritos todos os signos de inferiorização, passam a serem ativos e potentes, a dançar o cadenciado da vida, como faz a bailarina Rose Dusreis que não se deixou vencer pelos não recebidos na infância quando quisera aprender balé com a professora Átila Bessa.

Dusreis, bailarina, dançarina, desconhecendo a minha incompetência para a dança e para a música, logo se anunciou como professora dessas duas artes e me convidou para tomar aulas, caso eu quisesse. Ela era professora de balé clássico, de dança moderna, de balé afro, de jazz, de sapateado e de dança de salão. A sua academia ficava a uma quadra de distância do clube era a mais procurada da cidade (EVARISTO, 2016, p.106).

Seguindo direção parecida Mary Benedita apesar da opinião dos pais, consegue morar definitivamente com a tia Aurora em Horizonte Aberto. Lá, ela aprende as línguas estrangeiras que tanto sonhou, a tocar diversos instrumentos musicais e aprimora sua arte, que com o passar do tempo se espalha pelo mundo, como podemos perceber no trecho.

My sister, assim segue a minha vida. entre Manhãs Azuis, New York, Puerto Rico, Dakar, Lagos, Paris, Bombain e mais... Quadros pintados por mim, vem ganhando destaques em mostras internacionais. Críticos de arte fazem diversos comentários sobre minhas pinturas. Conjecturam caminhos, localizam filiações e influências estéticas. Tenho afirmado que a pintura, para

mim, se desenvolveu dentro de um aprendizado, longe da escola e dos grandes mestres, assim como tenho desenvolvido a minha aptidão para aprender línguas. Experimento muito, principalmente o material de pintura. Crio minhas próprias tintas de maneira bem artesanal. Aprendi com as mulheres da minha família a extrair sumo das plantas. (...) Entretanto, há uma pintura que nasce de mim inteira, a tintura também. Pinto, tinjo com o meu próprio corpo. Um prazer tátil imenso. Uso o dedo e o corpo, abduco do pincel. Tinjo em sangue. Navalho-me. Valho-me como matéria-prima. Tinta do meu rosto, das minhas mãos e do meu íntimo sangue. Do mais íntimo o menstrual. Colho de mim. Bordo com o meu sangue-útero tela (EVARISTO, 2016, p. 80).

Ao trazer mulheres negras bem sucedidas, Evaristo quebra a expectativa da branquitude que anseia por um discurso de mulheres vitimizadas pelas opressões interseccionais. Os saberes ancestrais que elas carregam, são os recursos que impulsionam seu crescimento e contribui para o fortalecimento cultural do grupo e de toda a sociedade. Assim sendo, os contos trazem críticas ao sistema epistemicida que violenta e destrói nossos saberes.

Outro ponto importante, que o texto nos leva a refletir é que, apesar dos impedimentos da família, que por causa dos costumes machistas e religiosos tenta impedi-la de realizar seus sonhos, Mary Benedita encontra na Tia Aurora, personagem que foge ao modelo imposto pelo patriarcado, o apoio afetivo e financeiro necessário para conquistar o que tanto desejou. Desse modo, o conto chama a atenção, para como as relações baseadas na cumplicidade e na dororidade entre mulheres podem ser o caminho para transpor as fronteiras determinadas pelo patriarcado para as mulheres negras. A personagem que vivia contemplando o mapa-múndi “(...), pois, gostava de *ibudissar*¹⁵ o tamanho do mundo” (EVARISTO, 2016, p.71), com a ajuda da tia pode traçar as rotas do seu destino.

Fica evidente, que os afetos são ancestrais e tem como princípio a comunidade, por isso é coletivo. Embora o desenvolvimento do autocuidado seja individual como em Natalina Soledad, é na presença do outro que desenvolvemos nosso espírito. De acordo com Somé (2003):

A comunidade é o espírito, a luz guia da tribo, é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar uma das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem o espaço para contribuir. A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e receberem as dádivas dos outros (SOMÉ, 2003, p.35).

Desse modo, a função coletiva é encorajar outras mulheres a suprirem suas necessidades enquanto pessoa, para que assim, possamos resistir enquanto grupo. Por tudo isso, ressignificar as nossas relações conosco e com o outro e com as nossas comunidades é um ato político de

¹⁵ Palavra de origem Quibundo que significa perguntar.

enfrentamento, como ocorre em *Maria do Rosário Imaculada dos Santos*. Nesse texto o afeto ancestral contribui para que a personagem seja reinserida na sua comunidade depois de passar anos perdida e sendo explorada por famílias brancas. O fragmento mostra como ocorreu o reencontro.

Um dia, aconteceu um fato que provocou um retorno a mim mesma, trinta e cinco anos depois.

Foi então que eu voltei para a minha cidade, Flor de Mim e aqui estou há vinte anos. (...)

E foi na ambiência dos estudos que surgiu minha salvação, a partir de um ciclo de palestras sobre “Crianças desaparecidas”. Quando soube do evento, adoeci, perdendo os primeiros dias da jornada. Só no último dia consegui me levantar da cama, mesmo assim, tomada por uma sensação de desfalecimento e febre. Uma força maior me comandava, entretanto. A força do desejo dos perdidos em busca do caminho de casa. fui para escutar, eu não sabia nem dizer da minha perda. Nunca tinha relatado minha história para ninguém. (...) Nesse dia, cheguei ao local da palestra, no momento em que algumas pessoas começaram a contar casos de desaparecimentos, sequestros, sumiços e fugas de crianças. Mais angustiada fui ficando com tudo o que ouvia. Parecia que estava contando a minha história, em cada acontecimento da vida de outras pessoas. Eu não estava suportando mais, o ar me faltava, tinha a sensação de que ia morrer. Foi então que resolvi sair da sala, mas, quando levantei, ouvi uma voz que me pareceu familiar (EVARISTO, 2016, p 53).

É importante frisar, que o conto traz importância da escola nesse processo de reencontro. Desse modo, deixa implícito o papel da educação na desconstrução dos impactos negativos do sistema de dominação. O retorno de Maria do Rosário ao clã também simboliza a reconexão com as nossas raízes ancestrais, no sentido de nos reinserirmos em nossas comunidades, recriar e fortalecer os laços afetivos, refazer o elo perdido. Tanto ela quanto os seus familiares, apesar da angústia provocada pelo rapto resistiram, como aponta o fragmento do texto.

Quando acordei do desmaio, a moça do relato segurava a minha mão; não foi preciso dizer mais nada. A nossa voz irmanada no sofrimento e no real parentesco falou nós. Reconhecemo-nos. Eu não era mais desaparecida. E Flor de Mim estava em mim, apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre (EVARISTO, 2016, p. 54).

A partir do exposto, concluímos que a escriturização de Evaristo é a representação literária da subalternidade que foi imposta às mulheres negras pela branquitude. E como tal, assume o compromisso de borrar a imagem que foi criada para nós. A autora explica que a escrita sempre foi para ela um espaço de recriar a realidade.

Se a leitura desde adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava essas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção por mim pedia a escrita. E se, inconscientemente, desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro

dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. consciência que compromete a minha escrita como lugar de autoafirmação das minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra (EVARISTO, 2020, p.53).

Assim sendo, superação dessas personagens são um acalanto para tantas leitoras negras que precisam continuar resistindo por si mesma e pelos seus. Embora, estas histórias sejam ficcionais, sabemos que a literatura pode de algum modo contribuir para a organização da sociedade. Desse modo, é extremamente importante inserir na literatura nacional o empoderamento e a insurreição de personagens negras como uma maneira de fortalecer essas identidades para que assim possam conquistar a emancipação plena.

4.1 MÃE: AFETO ANCESTRAL

Na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) podemos perceber que a maioria das personagens são mães, cujas funções sofrem interferências do racismo e do sexismo. Dentro da discussão sobre afetividade de mulheres negras é essencial trazer a relação afetiva delas com a prole, pois, na maioria dos casos, o primeiro contato afetivo que temos é com a nossa mãe.

A maternidade sempre foi vista como uma função essencial para a continuidade e sobrevivência do povo negro. Nos mitos africanos, a mulher aparece associada a fertilidade. No artigo intitulado *O poder feminino nos cultos dos orixás* de Sueli Carneiro (2020), a autora traz a importância do papel feminino para o equilíbrio da sociedade. A mulher é respeitada pelas suas qualidades consideradas como naturais e não é inferiorizada, como aponta o trecho do mito em que Obarixá recebe de Olodumaré o poder da criação e Odu recebe a missão de ser *Iyá won*, a eterna mãe de todos, a que sustenta o mundo.

Três orixás descem para a terra. Ogum, o guerreiro, está na frente para abrir o caminho. Obarixá, que tem o poder de fazer todas as coisas, segue na segunda posição. Odu, a única mulher do grupo, é a última. Ela volta e vai se queixar a Olodumaré: “os dois primeiros receberam o poder de guerra e da criação, e ela, Odu, nada recebeu em troca”.

Olodumaré lhe diz: “Você será *iyá won*, mãe deles eternamente; você sustentará o mundo”. Ele lhe dá o poder de *eyé*, o pássaro; ele lhe dá a cabaça de *eleiyé*, proprietária do pássaro (CARNEIRO, 2020, p.60).

Contudo, Odu por causa dos seus excessos, e por utilizar seu poder para entrar em cultos secretos de Egum, desperta o desejo de Obarixá em tomar seu poder, ao fazer com que ela revele para ele o segredo da roupa de Egum. Mas, embora ele tenha ganhado o controle do mundo ainda continua respeitando a mulher e não permite que ninguém zombe dela como podemos perceber no fragmento:

Na volta de Obarixá para perto de Odu, ela lhe diz que a roupa lhe convém melhor que a ela. Quando ele sai, todas as pessoas gritam: aí está Egum, ali está Egum! Ele joga o chicote no chão, eles têm medo, a honra é dele. As mulheres não entraram nunca mais na roupa de Egum. Agora é o homem que leva Egum. Mas ninguém deve zombar da mulher porque ela nos pôs no mundo. Os homens não podem fazer nada sobre a terra, se eles não obtiverem das mãos das mulheres (CARNEIRO, 2020, p.62).

Não somente Odu, mas também outros orixás femininos carregam o poder da fertilidade. Oxum, entidade das águas doces, está diretamente associada à gestação. Iemanjá orixá que no Brasil habita nas águas salgadas, está profundamente ligada à fecundidade, no entanto, rejeita seus filhos, mas os ama com braveza. Nanã, o orixá feminino mais velho, está intimamente

ligada aos “mistérios da vida e morte, por isso protege os órgãos reprodutores da mulher” (CARNEIRO, 2020, p71).

Na cultura ocidental, as mulheres negras são consideradas inférteis e totalmente desvalorizadas, um subproduto dos homens, como já discutido nos capítulos anteriores. Nos contos, assim como na mitologia africana a maternidade é trazida como o princípio de tudo. Sem elas não existe a prole. As mães negras são as mantenedoras da vida, o princípio do afeto, pois nutrem, cuidam e protegem. Sem a presença delas a prole está em perigo. Por tudo isso, a maternidade vem sofrendo constantes ameaças pela branquitude e muitas mulheres negras passam por essa experiência completamente solitárias.

Contudo, Evaristo cria personagens que se manterão ativas diante da opressão que lhes acometem. A partir de seus posicionamentos insubmissos, elas desfrutam a maternidade a partir de uma nova perspectiva.

Nos contos *Aramides Florença*, *Shirley Paixão* e *Lia Gabriel* a partida dos algozes é comemorada e a maternidade pode ser exercida de forma plena e segura. As três personagens, que antes viveram relacionamentos em que eram violentadas fisicamente e emocionalmente, contam suas histórias mostrando como superaram as dores infligidas pelos agressores e como a vontade de maternas as encheram de forças para resistirem. Como é o caso de Aramides Florença, que após a partida do marido se rejubila, pois agora pode cuidar do seu filho Emildes Florença em segurança. Essa personagem tem na presença do filho motivos para se sentir realizada, como aponta o trecho em que ela apresenta a criança à narradora: “Esta é a minha criança, - me disse a mãe, antes de qualquer outra palavra-, meu bem amado” (EVARISTO, 2016, p. 9).

Já em *Lia Gabriel*, a personagem após se desvencilhar dos abusos e das agressões sofridas constantemente pelo marido, compartilha sua experiência de empoderamento em meio a um contexto de dor. Pois, uma vez que essa voz antes silenciada no espaço íntimo ecoa, tem a maior poder de alcançar outras mulheres cujas vivências são marcadas pelo medo e pela culpa. No relato da personagem, percebemos que a partida covarde de seu marido, logo depois de maltratar esposa e filhos e ainda deixar sequelas graves na criança mais nova, abre os caminhos para que a personagem conduza o próprio destino. O trecho mostra o quanto Lia precisou se reinventar para sobreviver.

Na época dessa vazia noite, Madá e Lená tinham três anos e meio, enquanto Máximo Gabriel ia completar dois. E foi nessa ocasião que tomei, sozinha. A diretriz de minha vida. Deixei a escola em que trabalhava pelas manhãs, como professora de matemática, e passei a dar aulas particulares em casa. De dia, tinha uma boa clientela, crianças e jovens. De noite, adultos que estavam se preparando para algum concurso. Trabalhar em casa foi a solução encontrada,

e eu não tinha como pagar auxiliar para me ajudar e cuidar das crianças. entretanto, o mais difícil foi a época em que recebi o diagnóstico de Gabriel e quando as crises dele se tornaram mais frequentes. Perdi, inclusive, muitos alunos, pois tive de iniciar o tratamento do menino. Muitas vezes levava os três, quando não encontrava ninguém que pudesse ficar com as meninas. Nas horas vagas, isto é, na solidão da madrugada, comecei a fazer pequenos consertos em aparelhos domésticos e, hoje, sou a única mulher que tem uma oficina eletrônica na cidade (EVARISTO, 2016, p.98-99).

No trecho fica evidente a insubmissão da personagem no momento em que ela encontra no conserto de aparelhos domésticos um meio para se sustentar e ser independente. Ela rejeita o lugar de dependência imposto pelo patriarcado para que os homens tenham poder sobre as mulheres, sobretudo àquelas que possuem filhos pequenos, e se torna dona do seu próprio negócio e se emancipa financeiramente.

Lia Gabriel, se como destaca a narradora no início do conto, faz parte de um grupo específico de mulheres, “(...) que desfiavam as contas de um infinito rosário de dor. E, depois, elas mesmas, a partir de seus corpos mulheres, concebem a sua própria ressurreição” (EVARISTO, 2016, p.95).

A partir desse fragmento podemos inferir que a capacidade geradora e criativa atribuídas ao feminino provenientes do sagrado e do divino que as regem são ressaltadas na obra como molas propulsoras para gestarem a sua própria realidade.

A divindade da personagem trazida por Evaristo não está associada a docilidade, fragilidade e submissão que caracterizam os modelos de santidades eurocêntricas. Mas tem em si algumas características fortes, combativas e ousadas e por isso, conseguem se autoprover e garantir a vida da prole sem precisar se submeter ao poder masculino. Carneiro (2020) defende que a força e a coragem do feminino para enfrentar os obstáculos vem da ancestralidade e dos orixás. Como por exemplo Iansã, segundo a autora: “Os mitos falam de Iansã e Xangô, Iansã e Ogum, Iansã e Oxóssi... Ela é ardente. Se a sociedade patriarcal não comporta a insubordinação feminina, ela é mitificada no candomblé, e Iansã e Obá são sua expressão” CARNEIRO, 2020, p.70).

Contrapondo o perfil delineado pela branquitude no qual representamos perigo, destruimos lares e somos incapazes de oferecer afeto incondicional, as mães negras tanto na obra de Evaristo, quanto em outros meios de expressões artísticas em que os autores são negros, aparecem com características que se assemelham a deidade, como aponta a letra da música *Mãe de Emicida*.

Luta diária, fio da navalha, marcas? Várias.
Senzalas, cesárias, cicatrizes
Estrias, varizes, crises

Tipo Lulu, nem sempre é só *easy*
 Pra nós punk é quem amamenta, enquanto enfrenta guerra, os tanques
 As roupas suja, vida sem amaciante
 Bomba a todo instante, num quadro ao leu
 Quem é só enquadro e bancos do céu, sem flagrante
 (...)
 Esses dias achei na minha caligrafia
 As tuas letras e as lágrima molha a caneta
 Desfia vai dar mó treta
 Quando disser que vi Deus
 Ele era uma mulher preta.
 (EMICIDA, 2015)

A canção traz uma referência de maternidade que está longe de ser o modelo idealizado que é disseminado. São mães que a cada dia renascem em meio as dificuldades impostas pelas estruturas coloniais. Neste sentido, podemos perceber que o contexto representado na música dialoga com o conto Lia Gabriel e outros trazidos na obra Evaristo, no qual mulheres negras lutam pelo direito de exercerem uma maternidade plena. Nos contos, notamos que elas conquistaram isso.

Em *Shirley Paixão*, a personagem, a partir de um ato heróico para livrar a filha afetiva do pai abusador, põe fim ao perigo que as atormenta com um golpe certo na cabeça do companheiro.

(...) Por elas eu morreria e mataria se preciso fosse. E necessário foi o gesto extremado meu de quase matá-lo. Foi com precisão quase mortal que golpeei o infame. Ao lembrar o acontecido, sinto o mesmo ódio. Repito que não me arrependi. Se há um arrependimento, foi ter confiado naquele homem, que contaminou de dores a vida das minhas meninas. Às vezes, penso que tudo estava desenhado para fazer parte do meu caminho. Foi preciso que o ordinário chegasse na minha casa, com as três filhas, para que elas fossem salvas da crueldade do pai (EVARISTO, 2016, p.31).

Podemos notar, que a presença masculina negra nos contos aparece como reprodutora das ideologias patriarcais, como modo de se afirmar e, por isso, se tornou desnecessária para o desenvolvimento e crescimento da família das personagens. O processo de assimilação foi tão eficaz durante a colonização, que os homens negros após abolição deram seguimento ao modelo organizacional de família, no qual as mulheres deveriam assumir um comportamento subserviente. No entanto, esse padrão estabelecido pelo homem branco, fragilizaram ainda mais as relações afetivas entre as pessoas negras. hooks (2010) explica que:

Imagino que, após o término da escravidão, muitos negros estivessem ansiosos para experimentar relações de intimidade, compromisso e paixão, fora dos limites antes estabelecidos. Mas é também possível que muitos estivessem despreparados para praticar a arte de amar. Essa talvez seja a razão pela qual muitos negros estabeleceram relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão. Seguindo o mesmo modelo hierárquico, criaram espaços domésticos onde conflitos de poder

levavam os homens a espancarem as mulheres e os adultos a baterem nas crianças como que para provar seu controle e dominação. Estavam assim se utilizando dos mesmos métodos brutais que os senhores de engenho usaram contra eles (HOOKS,2010, s/p).

Assim sendo, para se protegerem das ameaças provocadas pelo poder masculino e conseguirem viver a maternidade negada pelas estruturas racistas e sexistas, as mulheres negras nos contos analisados passam a chefiarem sozinhas as suas famílias de forma mais justa e digna. Com isso, Evaristo chama a atenção para a importância do papel feminino para o fortalecimento e crescimento da comunidade negra. Ela destaca a capacidade dessas mulheres em comandarem suas vidas, a coragem e força no sentido de não sucumbirem, pelo contrário, se erguerem diante dos obstáculos e vencê-los, como podemos perceber no trecho em que Shirley relata todas as conquistas dela e das filhas após o período traumático provocado pelo marido.

Fiquei anos presa, depois ganhei a condicional. Hoje, quase trinta anos depois desses dolorosos fatos, continuamos a vida. Das meninas, três já me deram netos, estão felizes. Seni e a mais nova continuam morando comigo. A nossa irmandade, a confraria de mulheres, é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que desponta. Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. Creio que, ao longo do tempo, vem conseguindo. Entretanto, aprofunda, a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria (EVARISTO, 2016, p.34).

No conto, Mirtes Aparecida da Luz a personagem portadora de deficiência visual consegue realizar o desejo de ser mãe, mas, logo é abandonada pelo esposo na sala de parto. O marido comete suicídio por motivos que não estão explícitos no conto, mas que nos leva a inferir que era por medo de ser pai de uma filha cega. No entanto, a personagem mostra que apesar das suas limitações e da morte do companheiro ela consegue cuidar da filha, Gaia Luz, e não recua diante da situação.

A sua força, fertilidade e capacidade de romper a escuridão da ignorância está representada no simbolismo que carrega o seu nome. De origem grega Mirtes significa flor consagrada a Vênus, deusa que segundo a mitologia nasceu já adulta do contato entre o esperma do seu pai Urano, com a espuma do mar. Aparecida significa é aquela que desponta, que surge e Luz é a capacidade de ver e iluminar até na escuridão. E, de fato a junção das influências do nome da personagem a levaram a enxergar o mundo de outras formas e dar luz a uma nova vida que se desabrochou como sinônimo do desejo mais íntimo de quem pode gerar.

Gaia, a criança que nascia, enquanto “o pai aspirava a morte”, tem origem no mesmo mito grego que deu origem a palavra Mirtes. É o nome da deusa da terra, mulher gigante e extremante forte, esposa de Urano, o céu. Gaia é uma deusa primordial, aquela da qual deriva

o mundo. Neste sentido, a criança simboliza o nascimento tanto dela mesmo como de uma mãe. E diferente do que o pai temia, o conto finaliza com a afirmação de Mirtes: “Gaia enxerga como você” (EVARISTO, 2016, p.85).

É possível notar, que a presença do matriarcado é forte na obra de Evaristo. No entanto, em contexto brasileiro, ele ocorre inicialmente por causa do racismo que levam essas mulheres a assumirem sozinhas a liderança da família. Por outro lado, é um sistema que possibilita o empoderamento e agenciamento político das personagens. As mães são responsáveis pelo sustento e continuidade do povo negro, bem como pela transmissão e preservação de valores e da tradição. São elas que introduzem uma nova forma de pensamento para tornar a sociedade melhor para todos.

A maternidade para as personagens é um sinônimo de conquista, já que durante a escravidão as mulheres negras não podiam cuidar dos filhos. Por isso, a luta do feminismo branco não nos contempla, pois enquanto elas reclamavam pelo direito de trabalhar fora de casa e questionavam a obrigatoriedade do papel da mulher como mães e esposas, as mulheres negras vêm tendo os seus direitos reprodutivos aviltados. Isso, envolve a escolha de quererem ou não serem mães e sob quais condições essas decisões serão tomadas. Em razão disso, a obra vai trazer dois aspectos da insubmissão das personagens em relação à maternidade e aos vínculos afetivos que elas escolherão manter. O primeiro e mais predominante é o desejo e conquista da maternidade plena, na qual haja condições que contribuam para que seja desenvolvida de forma tranquila e afetuosa. E o segundo aspecto é a rejeição dessa função imposta para as mulheres, mas que ao mesmo tempo é negada às que são negras.

No conto *Saura Benevides Amarantino*¹⁶ notamos a junção dessas características em uma só personagem. Essa, ao mesmo tempo em que acolhe os dois primeiros filhos, rejeita a terceira criança a quem dera luz:

(...)Dizem que do amor nada sei. Engano de todos. Do amor de mãe, sei. Sei não só da acolhida de filhos, de que uma mãe é capaz, mas também do desprezo que ela pode oferecer. Confesso. Dos três filhos que tive, duas meninas e um menino, meu coração abrigou somente dois. A menina mais velha e depois o menino; a filha caçula sobrou dentro de mim. Nuca consegui gostar dela. A aversão que eu sentia por essa menina, em medida igual, era o acolhimento que fui capaz de oferecer e ofereço aos outros. Sou mãe de Idália e Maurino. Os dois me bastam. (...) (EVARISTO, 2016, p.117).

Atitude de Saura Benevides diante de um filho indesejado desconstrói o modelo idealizado e naturalizado de mãe, que é obrigada a cuidar dos filhos por ser mulher. Sabemos

¹⁶ Esse conto não foi analisado nas seções anteriores, pois os aspectos contidos nele sobre as questões racistas e sexistas que nas relações afetivas envolvendo a maternidade negra, já forma contemplados. No entanto, é pertinente trazer a escolha insubmissa da personagem nesta seção.

que o corpo bem como os papéis sexuais são determinantes para o domínio de um sexo sobre o outro, bem como para a sustentação de vínculos e dependências. De acordo com Preciado (2019) O sistema sexo/gênero que obriga as mulheres a assumirem determinados comportamentos socialmente aceitos, é um tipo de escrita.

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados (PRECIADO, 2019, p.431).

A personagem contraria os padrões patriarcais como uma forma de se afirmar e manter sua liberdade. O comportamento insubordinado dela começa a se apresentar na adolescência, quando desobedece às ordens do pai que a obrigara a se casar aos 16 (dezesesseis) anos, porque havia engravidado de um garoto quase da mesma idade. Saura para se livrar do casamento combinou com o namorado de que ele fugiria.

Podemos perceber que Saura foi estratégica para conseguir o queria. E as decisões que ela tomou evidencia que a personagem estava no controle da sua própria sexualidade. O que fica evidente quando ela relata ter se casado anos depois com o pai do seu segundo filho e ter sido feliz por onze anos ao lado dele. No entanto, após o falecimento do marido, Saura se envolve com um homem branco colega de trabalho e engravida do terceiro filho por descuido e a presença da criança apaga a última lembrança que ela tinha do marido antes de falecer.

A terceira, a última, foi uma gravidez que se intrometeu na lembrança mais significativa que eu queria guardar. A imagem da última dança do corpo de Amarantino sobre mim, pouco antes dele adoecer. A enjeitada gravidez comprovava que outro corpo havia dançado sobre o meu, rasurando uma imagem que, até aquele momento, me parecia tão nítida. E, desde então, odiei a criança que eu guardava em mim. (...) (EVARISTO, 2016, p.121)

Saura, após ter dado luz a criança a entrega para o pai, cuja família se rejubila, pois a menina não vai precisar ter contato com a família negra. Esse foi o grito de liberdade da personagem que se encorajou a enfrentar uma sociedade machista que a julgava pelo seu comportamento.

É possível notar, que a obra de Evaristo é um lugar onde as mulheres podem compartilhar suas dores, anseios e também um pouco da complexidade que envolve a maternidade. É um espaço seguro onde uma mãe pode revelar inclusive que não ama a filha, sem a pressão de uma sociedade que impõe o mesmo padrão de sentimentos para as mulheres que são mães. Em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) as personagens escolhem a quem dar afeto.

No conto *Líbia Moirã* será o desejo da personagem pela maternidade despertado pelo gesto de “supremo dengo” do pai ao oferecer para a filha o primeiro pedaço de bolo de seu

aniversário de cinquenta anos, que irá libertá-la do pesadelo que a atormentava desde a infância. É possível observar pela que Líbia será entrevistada pela narradora anos depois do evento que revelou o motivo do sofrimento que carregou por anos.

Os laços familiares na obra são colocados como fonte encorajamento para que as personagens persigam os seus sonhos. É o dengo que sara as feridas provocadas pelos efeitos do racismo e do sexismo cotidianos. Cada marca provocada pela negligencia, trauma, violência, solidão, negação da nossa subjetividade é ressignificada através de novas relações, concretizações de desejos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O colonialismo interferiu diretamente nas relações afetivas das mulheres negras durante a escravização, pois para facilitar o processo de colonização foi vantajoso separá-las de seus companheiros, filhos e familiares. A hipersexualização, a objetificação, a negação da sua humanidade, e a exclusão delas nos espaços de poder dificultaram ainda mais a emancipação plena. Desse modo, foram obrigadas a assumirem os papéis sociais mais desvalorizados pela sociedade. Tudo isso, contribuiu para que as mulheres negras fossem excluídas do mercado afetivo, pois além de todas as dificuldades impostas pela branquitude, a mulher negra está longe de ter uma estética aceita, como afirma Carneiro (2020, p.52) “O olhar que nós temos para a mulher negra é o olhar daquela que é fruto erótico, uma coisa para ser comida.” Logo, compreendo que as relações afetivas das mulheres negras sofrem interferências do racismo e do sexismo de maneira direta e indireta, o que provoca a solidão desse grupo.

Somando a essas questões citadas, o mito da democracia racial e a ideologia do embranquecimento como projetos genocidas e etnocidas, violentam a pessoa negra ao ignorar suas especificidades e escamotear o racismo. Em razão disso, o problema da solidão da mulher negra se intensifica, na medida em que, não é considerado como algo a ser resolvido afinal os mitos reforçam que no Brasil não há distinção de raça interseccionada à gênero e classe.

Contrapondo a essas ideologias elitistas e brancocêntricas, a escritora Conceição Evaristo é uma escrita contra-hegemônica, que objetiva abalar os padrões vigentes que reforçam as imagens estereotipadas das mulheres negras dentro da literatura brasileira. Em razão disso, a autora constrói seu projeto literário individual, mas também coletivo, de maneira, que possa suportar as vozes dos excluídos, sobretudo das mulheres negras que vem lutando pelo seu lugar nos espaços de poder do qual a literatura faz parte.

Ancorada na cosmovisão africana, a escritora utiliza a memória ancestral como aliada no combate e enfrentamento do racismo e do sexismo através da denúncia e também como elemento de valorização da história, da cultura africana e afro-brasileira, assim, fortalece as identidades femininas negras. Tudo isso contribuiu para que as relações afetivas das mulheres negras sejam mais positivas.

Assim sendo, a escritora, mais do que uma escrita engajada é um quilombo, comunidade onde as mulheres negras podem expurgar suas dores e serem ouvidas. Desse modo, é um espaço onde o afeto ancestral pode ser exercitado e as relações sexo-afetivas, familiares e profissionais podem ser ressignificadas.

A obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) que ganhou a edição comemorativa do aniversário de 70 anos de Evaristo pela editora Malê, é a expressão máxima desse quilombo afetivo. É possível perceber a diversidade temática que pode ser explorada na obra, no entanto, todas elas culminam na insubmissão feminina negra, como uma forma de resistir à solidão afetiva provocada pelas violências físicas e emocionais, abandono em função da raça, gênero e condição histórica e social.

A obra expõe a solidão afetiva como um problema grave, que adoce as mulheres negras impactando em todas as áreas da sua vida. É uma estratégia colonial que vem se perpetuando com o objetivo de enfraquecer as mulheres negras enquanto sujeito individual e coletivo. E isso influencia no seu agenciamento político.

Notamos que a solidão afetiva não se resume somente ao preterimento afetivo-sexual, mas à falta de apoio dos familiares na realização de objetivos pessoais, muitas tem que suportar o peso do racismo sozinhas. A maternidade também é uma função exercida sem o suporte necessário, seja pela ausência de um companheiro ou pelos abusos e violências executadas por ele como uma forma de punir essas mulheres por não atenderem aos seus desejos possessivos. Os homens negros são representados na obra como reprodutores de violências e físicas e simbólicas devido a cumplicidade que o patriarcado propõe entre o masculino. Eles também foram castrados pelo colonialismo, cabendo a mulher negra prover a sua família trabalhando para as mulheres brancas enquanto deixavam aos seus filhos sob os cuidados de outrem. Neste sentido, a solidão afetiva é gerada em primeiro plano pelas estruturas de poder colonial e neocolonial. Sabemos que o estado vem negligenciando e negando os direitos das mulheres negras. Cada vez mais, ele reforça os dispositivos de poder para nos destruir.

Tudo isso, é exposto na obra, não como uma forma de vitimizar as mulheres negras, mas como uma estratégia de denúncia e de provocar a reflexão nos leitores. Já que a escrevivência é uma escrita atravessada pelas múltiplas experiências de mulheres negras na diáspora, ela gera uma identificação e pode conscientizá-los quanto as condições que muitas pertencentes ao grupo negro vivem no Brasil

Contrariando os paradigmas eurocêtricos que sempre trazem as personagens negras em situação de miserabilidade, hipersexualizadas, objetificadas e como um ser sem alma. Evaristo se apropria da linguagem como um instrumento de poder para construir novas imagens para suas personagens, costurando dentro do tecido social uma identidade feminina negra mais coerente. Desse modo, Evaristo também marca seu território dentro da literatura nacional, inserindo a escrevivência como uma escrita mulheres negras.

Sendo assim, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) traz personagens que se diferenciam da literatura brancocêntrica e inclusive de outras personagens criadas por Evaristo. Elas se mostram resilientes e protagonizam as suas histórias, após encerrarem um ciclo de dor. Insubmissas, elas não só resistem ao sistema de dominação como escolhem lidar com a solidão de forma empoderada. Por fim, elas contam suas histórias de superação, não como resposta à branquitude, mas como o resultado do desejo de viver uma vida digna, impulsionada pela humanidade que cada uma carrega. Elas ressignificam a relação com a maternidade, descobrem em outras mulheres o denago, estabelecendo uma forma mais saudável de se relacionarem e através disso, questionam a supremacia das relações heteronormativas validadas pelo patriarcado. Muitas conquistam seus lugares no mundo através da profissão e tem nisso uma forma de autocuidado e autorrealização.

Através das análises dos contos pude concluir que a solidão das mulheres negras transcende a ausência de um amor hollywoodiano, romântico e idealizado, mas se configura como algo muito mais grave, pois põe em risco a nossa sobrevivência enquanto povo e compromete a nossa saúde mental, nos impedindo de viver dignamente. Por tudo isso, a obra nos alerta sobre a necessidade de construir relações afetivas mais palpáveis e mostra como muitas de nós já seguimos fazendo isso. Apesar de tantos ataques, a nossa afetividade vem sendo reconstruída no cotidiano, nas comunidades negras, nas relações de cumplicidade entre as mulheres, no enfrentamento político, no cuidado diário, na própria escolha da solidão como ato de resistência, no corre para colocar comida na mesa, como afirma o escritor baiano Davi Nunes (2017, s/p) nosso denago é construído através da “união dos corações em sublimação ancestral, o *oriki* que arrepiam os pelos, pois ecoa por todo o corpo o axé e o poder dos orixás.”

A partir do exposto, podemos concluir que, embora o nosso povo experimente sentimentos de ódio, raiva e mágoa, sobretudo devido à dor provocada pelo racismo cotidiano, que sufoca nossos afetos positivos. O denago, ainda assim, faz parte da nossa vivência, se fazendo presente nas nossas relações afetivas como um fio de esperança que nos fortalece enquanto povo e nos reconecta com a ancestralidade.

REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Mariléa. *Territórios dos afetos: o cuidado nas práticas femininas quilombolas e contemporâneas* Rio de Janeiro. Revista Transversos. “Dossiê resistências: LEDDES 15 anos”. Rio de Janeiro, ano 3, n.8, dez, 2016, pp.218-234. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/trnasversos>. Acesso em: 07 mar.2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento,2018.

ANGELOU, Maya. *Ainda assim eu me levanto*, 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/maya-angelou-ainda-assim-eu-me-levanto/> Acesso em 16 mar.2022.

ARAÚJO, J. Z. *A negação do Brasil* (Documentário). São Paulo, 2000, 1h 46min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EvNPhyS863o>. Acesso em: 05 dez. 2020.

BAKHTIN, Mikhail. (1979) *Estética da criação verbal*.2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

BOURDIEU, Pierre. *O poder do simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDIDO, Antônio. *Direito à literatura*. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004, pp. 169-191.

CARDOSO, Lourenço. *Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista*, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/alianza-cinde-umz/20131216065611/art.LourencoCardoso.pdf> Acesso em: 15 mar.2022.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São Paulo, 2005. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832> Acesso em: 17 de dez. 2021. 339 f.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro. 2011.

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição*. In: *Pensamento feminista: Conceitos fundamentais*. Hollanda, Heloisa Buarque de (org). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.278-323.

EVARISTO. Conceição. *Da grafia ao desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento da minha escrita*. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org). *Representações performáticas brasileiras: teorias práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, pp. 16-21.

EVARISTO. *Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira*. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.

EVARISTO. Conceição. *Escrevivência*, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=1137s>. Acesso em: 12 jun. 2021.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO. Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 13 mai. 2021.

EVARISTO, Conceição. *Gênero e etnia: Uma escre(vivência) em dupla face*. In MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (org). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005, p.201-212.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. Disponível em: <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/NEAB/Grupo%20de%20Estudos/7.%20EVARISTO,%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20-%20Olhos%20dagua.pdf> Acesso em 5 abr.2020.

EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, Frantz, *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Franklin Ricardo. *Afrodescendente identidade em construção*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

GILROY, Paul. *O atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

GOMES, Eduarda Lamenes. *Entre elas: Relações afetivo-sexuais entre mulheres negras em “Beijo na face” e “Isaltina Campo Belo”, de Conceição Evaristo*, 2017. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA30_ID850_18062017222028.pdf. Acesso em: 28 nov.2021.

GONZALEZ. Lélia. Racismo sexismo na cultura brasileira. In: *Revista ciências sociais hoje*. Anpocs, 1984, pp. 223- 244.

HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Rosas dos tempos, 2020.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Revista Estudos feministas*, nº 2. 1995, pp. 464-478.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. *Vivendo de amor*, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> Acesso em: 12 mar. 2020.

HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. 1ªed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2010.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014. Disponível em: <http://dpid.cidadaopg.sp.gov.br/pde/arquivos/1623677495235~Quarto%20de%20Despejo%20-%20Maria%20Carolina%20de%20Jesus.pdf> Acesso em: 11 Dez. 2021.fonte

LEAL, Maria do Carmo. et al. *A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil*. Cadernos de Saúde pública, v. 33, n. 13, p. 1-17, 2017. Disponível em; <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/27811/2/A%20cor%20da%20dor-%20iniquidades%20raciais%20na%20aten%c3%a7%c3%a3o%20pr%c3%a9-natal%20e%20ao%20parto%20no%20Brasil.pdf> Acesso em: 25 de jan. 2022.

MAHONEY, Abigail Alvenga. ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. *Afetividade e processo-ensino aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n20/v20a02.pdf> Acesso em: 9 de set.2021.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Palmares, 2002.

NOBERT, Elias. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

NOGUEIRA, Renato. *Por que amamos: O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020.

NUNES, DAVI. *A palavra não é amor, é dengo*, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/palavra-nao-e-amor-e-dengo/>. Acesso em: 29 de Dez. de 2021.

OLIVEIRA, Leandro Roque. 1 vídeo 7:20 *Mãe do Emicida. Uma história de Dona Jacira. Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D_-j32_Ryc0. Acesso em:10 de Jan de 2022.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher Negra: Afetividade e solidão*. Salvador: EDUFBA, 2013.

PARENTE, Isabele Soares. *Escrevivências na diáspora: uma leitura sobre as relações afetivas em Ponciá Vicêncio e Seus olhos viam Deus*, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229291>. Acesso em 28 nov.2021.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: Estudos históricos. Rio de janeiro: v:5, n 10. 1992. pp. 200-212. Disponível em: <http://www.pgdf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf> Acesso em 16 de jun. 2022.

PRECIADO, Paul B. Dizemos revolução. In: *Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global*. Hollanda, Heloisa Buarque de (org), Adriana Azevedo, et al. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, P.348-350.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade e poder, eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 15 de Jan. 2022.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Impressão Digital, 2006.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. *Memórias D'África: a temática africana em sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. TOMAZ Tadeus da Silva (org), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade: Ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. São Paulo: Odysseus, 2003.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. *A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*, 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp056761.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SOUZA, Santos Neuza. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

STUART, Hall. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

STUART, Hall. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 480 p.

STUART, Hall. O espetáculo do “Outro”. In: *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, C. Evelyn. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas: Crioula; San Francisco, California: Global Exchange, 2000, 256 p.

WILLIAM, Rodney. *Apropriação cultural*. São Paulo: Pólen, 2019.